



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Campus Presidente Prudente

Taís Souza da Cruz

Pimentas na periferia metropolitana: reflexões acerca do estigma territorial e de suas contradições

Presidente Prudente

2022



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Campus Presidente Prudente

Taís Souza da Cruz

Pimentas na periferia metropolitana: reflexões acerca do estigma territorial e de suas contradições

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia- Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Presidente Prudente - SP, para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientação: Profa. Dra. Maria Encarnação Beltrão Sposito

Coorientação: Dr. Jean Adrien José Legroux

Presidente Prudente

2022

Ficha catalográfica

C957p

Cruz, Taís Souza da

Pimentas na periferia metropolitana: reflexões acerca do estigma territorial e de suas contradições / Taís Souza da Cruz. -- Presidente Prudente, 2022

104 p. : il., tabs., mapas

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente

Orientadora: Maria Encarnação Beltrão Sposito

Coorientadora: Jean Adrien José Legroux

1. Estigma territorial. 2. Violência simbólica. 3. Guarulhos. 4. Pimentas. 5. Periferia. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Dedico esse trabalho ao meu irmão Mateus e a minha tia Rosa (in memoriam) com muito amor, carinho e saudades. Sempre estarão em meu coração e nas minhas lembranças

Agradecimentos

De um sonho que parecia impossível para uma mulher negra e periférica, vivenciar e me formar em uma universidade pública trouxe para mim inúmeros aprendizados e experiências que levarei para o resto da minha vida. Mas, nada disso seria possível se não fosse por algumas pessoas, que já existiam na minha vida e outras que conquistei durante o percurso da minha graduação, que agora faço questão de mencioná-los e de mostrar a importância deles e delas aqui nos agradecimentos da minha monografia.

Primeiramente, quero agradecer a toda minha família, minha mãe (Odenita) e meu pai (José) sem vocês nada disso seria possível de acontecer, com muito esforço, trabalho e luta, permitiram a realização do meu sonho e sempre acreditaram na minha capacidade de realizá-lo. Mesmo em momentos difíceis que passamos, economicamente e emocionalmente, sempre me apoiaram e me incentivaram a seguir em frente. Obrigado por tudo meus velhos, amo muito vocês. Ao meu irmão Mateus, que infelizmente não pode vivenciar esse momento, mas que me ensinou e mostrou a importância de sempre aproveitar e viver o melhor que a vida nos oferece. E a minha irmã Tatiana, pelas conversas, apoio e conselhos que sempre, sabiamente, me encoraja. Você me inspira, te amo muito. E sempre seremos os três irmãos do amor.

Também quero agradecer a minha tia Roseneide (Rosa), que também, infelizmente, não pode vivenciar esse momento, e aos meus primos José Augusto, Luiz Fernando e Jailson, pela ajuda, incentivo e apoio. Obrigada por tudo.

As minhas amigas de longa data, Aline Santos, Aline Conceição, Tabata, Taires, pelo apoio, amizade, conversa, risos, pelos momentos divertidos e de distração, que ajudavam a me fortalecer e recuperar as forças que precisava para seguir em frente com a faculdade. Agradeço demais a existência de vocês na minha vida, sempre terão um espaço no meu coração. Obrigada por tudo.

Quero agradecer imensamente a coordenação e a todos os professores e amigos do Cursinho Comunitário Bonsucesso e do Cursinho Comunitário Pimentas, pelas informações e a minha formação política e social, que mostraram as possibilidades e incentivaram a percorrer caminhos antes nem conhecidos e sonhados por mim e por muitos negros e negras e periféricos, que é ocupar um espaço que é nosso, a universidade pública. Obrigada por tudo. Espero um dia ter oportunidade de contribuir e fortalece-los com os meus serviços para mais negros e negras e periféricos conquistar o lugar que sempre foi nosso.

Viajar 700 km para chegar em Presidente Prudente, sem conhecer ninguém, não é fácil. Porém, o destino coloca algumas pessoas no nosso caminho que fazem dessa experiência mais leve, confortante, prazerosa e formando uma grande rede de apoio, que te ajudam a se orientar nessa nova etapa da vida. Uma dessas pessoas é meu amigo, colega, confidente e agora meu namorado Pablito, que indiretamente e diretamente, e juntamente com a minha família, é responsável pela realização da minha monografia. Obrigada pelos debates, reflexões, conversas, conselhos, companheirismo nos meus piores e melhores momentos, por sempre acreditar em mim, mesmo muitas vezes não acreditando em mim mesma. Obrigada por tudo e por me aguentar chato (brincadeira, mas você sabe que é verdade).

Quero agradecer a todos que moraram comigo na Moradia Estudantil, em especial o B2 Virjões, a casa mais legal e maravilhosa da moradia que sempre levarei no meu coração. Obrigada pelas conversas, ensinamentos, acolhimento e picaretagens professor de bruxarias Hélio; Di Maria; Gabriel (Renato Russo); Eric; Moisés, Casão, Lukita, Marcelo, Natanael, Elian, Guina, Gabriel e o Thiagão, o picareta mor e que conseguiu ser expulso com votação unânime da casa (brincadeira)

Destaque especial a Laisão (Laís) com seu jeito doce, bondoso, e com coração enorme que se tornou uma pessoa especial para mim. Obrigada por dividir um pouco da sua vida, do seu cotidiano, das lamentações, dos momentos ruins e bons comigo. Você sempre será minha amiga e irmã de quarto e da vida. Agradecer também ao Jeff, pela amizade, companheirismo de todas as horas e momentos, risadas, debates, fofocas, os jogos de pc e as idas e vindas aos mercados. Obrigada por tudo, amo vocês meus amigos.

Não posso deixar de mencionar o André que sempre rouba no jogo do uno e que está devendo um dia para comermos muitas batatas fritas e bolos (brincadeira). O Dielme, com suas picaretagens da vida. A minha chara Thaís por aceitar a enfrentar ao meu lado o desafio de ser comissão de moradia. A Mariana a menina mais inteligente da pedago. A Jess, Ariane e a Diana, por compartilharem a experiências, desafios e aprendizagens de fazer parte do Cageo.

Aos meus amigos de sala de aula, Aldo pelas teorias e spoilers da série The Walking Dead. A sinceridade do Sandrinho (Alessandro). Pela amizade e companheirismo que foram além da sala de aula, conversas, momentos de descontração, risadas, compartilhamentos de angústias e impressões sobre as aulas com a Nath, Glorinha, Jamaica e Fabricio. Pelos trabalhos em grupos com Bruno e Monique. E ao Caio, um presente da universidade para vida, um amigão de todos os momentos, brincalhão, mas com um coração puro, caridoso e enorme. Obrigada por tudo pessoal, sempre levarei vocês no meu coração.

Um agradecimento especial para a Renata, excelente pesquisadora e uma amiga para todas horas e momentos. Obrigada por todas as conversas, reflexões, ajuda, compartilhamento de ideias, angústias, desabafos, choros, risadas, trabalhos de campos e por sempre acreditar em mim. Finalizei essa etapa melhor do que esperava e isso foi possível com sua amizade e companheirismo durante a iniciação científica e nessa monografia. Obrigada por todos os momentos juntas e com certeza iremos vivenciar outros durante o mestrado. Você é incrível.

A Karina pelos debates que realizamos no âmbito de um grupo de estudos, onde participaram eu, Renata e Pablito. Que foi de suma importância para adensar os debates sobre a ciência geográfica, para esta monografia e o projeto de mestrado.

Quero agradecer ao Alejandro Morcuende e toda equipe São Paulo do projeto temático, pelos debates, reuniões, trabalhos de campos, etc.

Ao Jean Legroux, que sempre me coorientou durante a iniciação científica e agora oficialmente na monografia. Obrigada por toda paciência, ajuda, compreensão, conversas e por sempre acreditar em mim.

A Maria Encarnação (Carminha), minha orientadora, pela paciência, compreensão, ensinamentos e por confiar em mim. Obrigada por tudo e me desculpa por tudo também.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) - número do processo 2019/10121-6 - pelo financiamento e auxílio.

E finalmente, pelo movimento estudantil que a partir das lutas e conquistas, como auxílio socioeconômico, Moradia Estudantil, Restaurante Universitário, entre outros, que permitiram a minha sobrevivência e a permanência na universidade pública, durante esses 5 anos. Obrigada por tudo e continuemos sempre fortalecidos.

Resumo

As formas de produção e apropriação do espaço, sob o capitalismo, pautam-se fortemente nas desigualdades sociais e econômicas, revelando-se como diferenciação socioespacial de múltiplos matizes. Em sociedades como a brasileira, a produção do espaço urbano reflete de modo ainda mais profundo, as dinâmicas de diferenciação e de desigualdades. Esse cenário resulta em processos como o de estigma territorial que, com a pobreza associada ao avanço da ‘marginalidade’, tende a repercutir em territórios isolados e circunscritos. No caso brasileiro, esses territórios estão associados à periferia das grandes metrópoles que são vistas como áreas pobres e, conseqüentemente, violentas. O estigma territorial é entendido como um conjunto de conteúdos e discursos de descrédito atribuídos a um determinado território, que por meio do caráter homogeneizador se constitui como uma forma de violência simbólica, degradando a imagem e as representações do território estigmatizado e de seus moradores. O objetivo dessa monografia é discutir e realizar uma leitura acerca da construção de um conjunto de conteúdos atribuídos ao distrito dos Pimentas, no município de Guarulhos, que contribuíram (ou não) para a estigmatização territorial da área e de seus moradores. Com isso, foram adotados procedimentos metodológicos que fundamentaram a análise do estigma territorial, por meio da realização de trabalhos de campo, do levantamento e análise bibliográfica, da seleção e análise de artigos de jornais do “O Estado de S. Paulo” e de memes pelas páginas “GRU MIL GRAU” e do “GUARUTROLLS”. Além disso, a monografia apoia-se na realização e análise de entrevistas com cidadãos dos Pimentas e de outras áreas de Guarulhos e de Grupos Focais, com mulheres de dois conjuntos habitacionais do programa Minha Casa Minha Vida no Pimentas.

Palavras-Chave: Estigma territorial; Violência simbólica; Guarulhos; Pimentas; Periferia

Abstract

The forms of production and appropriation of space, under capitalism, are strongly based on social and economic inequalities, revealing themselves as socio-spatial differentiation of multiple nuances. In societies like Brazil, the production of urban space reflects even more deeply the dynamics of differentiation and inequalities. This scenario results in processes such as territorial stigma which, with poverty associated with the growth of 'marginality', tends to have repercussions on isolated and circumscribed territories. In the Brazilian case, these territories are associated with the periphery of large metropolises that are seen as poor and, consequently, as violent areas. Territorial stigma is understood as a set of discrediting contents and discourses, assigned to a given territory, which through its homogenizing character constitutes a form of symbolic violence, that degrade the image and representations of the stigmatized territory and its residents. The objective of the present work is to discuss and carry out a reading about the construction of a set of contents attributed to the district of Pimentas, in the municipality of Guarulhos, which contributed (or not) to the territorial stigmatization of the area and its residents. To do that, methodological procedures were adopted that supported the analysis of territorial stigma, through fieldwork, survey and bibliographic analysis, selection, and analysis of newspaper articles from "O Estado de S. Paulo" and memes. through the "GRU MIL GRAU" and "GUARUTROLLS" pages. In addition, this work is based on the conduction and analysis of interviews with citizens from Pimentas and other areas of Guarulhos and from Focus Groups, with women from two housing projects of the *Minha Casa Minha Vida* public housing program in Pimentas.

Keywords: Territorial stigma; Symbolic violence; Guarulhos; Pimentas; Periphery.

Lista de Abreviações e Siglas

N.Sra Conceição dos Guarulhos - Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos
Via Dutra - Rodovia Presidente Dutra
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UPR - Unidade de Planejamento Regional
SDU - Secretaria do Desenvolvimento Urbano de Guarulhos
BASP - Base Aérea de São Paulo
EUA - Estados Unidos da América
AISP/GRU - Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos
COPASP - Comissão Coordenadora do Projeto Sistema Aeroportuário da Área Terminal de São Paulo
PIB- Produto Interno Bruto
IDH - Índice de Desenvolvimento Humano
DP - Distrito Policial
EFLCH - Escola de Filosofia, Letras e Ciência Humanas
UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo
PMCMV - Programa Minha Casa Minha Vida
UH - Unidade Habitacional
ZCS - Zonas de Comércio e Serviços
HMPB - Hospital Municipal Pimentas Bonsucesso
CEAG - Central de Abastecimento de Guarulhos
FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
CEU- Centro Educacional Unificado
UNESP – Universidade Estadual Paulista
FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

Lista de Figuras

Figura 1: Guarulhos. Localização das minas de ouro em Guarulhos20
Figura 2: Guarulhos. Croqui da Vila de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição Guarulhos (1880)21
Figura 3: Parque industrial Cidade Satélite de Cumbica e a Rodovia Presidente Dutra28
Figura 4: Crescimento da mancha urbana de São Paulo32

Figura 5: Loteamento Jardim São João, zona leste de Guarulhos	38
Figura 6: Guarulhos. Situação Espacial da UPR dos Pimentas e seus bairros	42
Figura 7: Guarulhos. Número de habitantes por bairro (2010).....	43
Figura 8: Equipamentos públicos e privados principais do subcentro dos Pimentas	47
Figura 9: Reportagem "Região dos Pimentas é a mais violenta"	66
Figura 10: Reportagem "Pimentas e Porto da Igreja revela contrastes".	69
Figura 11: Meme "Aqui é o Pimentas caraio passa essa batatinha aí"	74
Figura 12: Meme "Como foi o halloween no Pimentas"	75
Figura 13: Meme "Quando tô no metrô em São Paulo e ouço um grupinho do meu lado falando que é do Pimentas"	75
Figura 14: Meme "Eita poxa aqui é o Pimentas?"	76

Lista de Mapas

Mapa 1: Área Metropolitana de São Paulo com destaque para Guarulhos.....	22
Mapa 2: Município de Guarulhos. Bairros de Guarulhos divididos por zonas.....	24
Mapa 3: Município de Guarulhos. Unidades de Planejamento Urbano - UPR	25
Mapa 4: Município de Guarulhos. Localização do centro principal, do Aeroporto de Guarulhos e dos Pimentas.....	40
Mapa 5: Guarulhos. UPR dos Pimentas e seus eixos viários.....	45

Lista de Gráfico

Gráfico 1: Incremento demográfico por crescimento Vegetativo e Migratório entre 1970 e 2000, no município de Guarulhos.	29
--	----

Lista de Tabelas

Tabela 1: Faixas 1, 1,5 e 3 - Síntese por Unidade de Planejamento Regional.....	46
Tabela 2: Levantamento dos bairros de Guarulhos com registro de maior índice de violência contra a mulher em 2020.....	49

Sumário

Introdução	13
Capítulo 1 - Periferia da Periferia: Aspectos históricos, sociais e espaciais do distrito dos Pimentas (Guarulhos/SP)	16
1.1 Os aldeamentos indígenas e a formação territorial do município de Guarulhos-SP.....	16
1.2 Expansão urbana e industrial: Guarulhos no contexto metropolitano de São Paulo	22
1.3 Os loteamentos periféricos em Guarulhos e a formação social e espacial dos Pimentas ..	34
1.4. Dupla condição Periférica e subcentro: Uma análise do distrito dos Pimentas em múltiplas escalas	42
Capítulo 2 - Abordagem teórica sobre o estigma territorial e elementos de Metodologia.....	51
2.1 Do estereótipo ao Estigma territorial	51
2.2 As violências simbólicas e suas articulações com o processo de Estigma Territorial.....	55
2.3 Pequena introdução sobre os procedimentos metodológicos.....	59
Capítulo 3 - O Estigma territorial no distrito dos Pimentas (Guarulhos/SP): Uma perspectiva multiescalar	62
3.1. Um olhar de fora: construção e reprodução do estigma territorial	62
3.1.1 O impacto do discurso midiático para o fortalecimento do Estigma territorial	62
3.1.2 Representações contemporâneas sobre os Pimentas: Os memes como retórica que reforça o estigma territorial	71
3.1.3 "Se aqui no centro a gente já se sente inseguro, imagine nesses bairros afastados"	77
3.2 Um olhar por dentro: Uma reflexão da interiorização do estigma territorial nos próprios moradores.....	83
3.2.1 "O Pimentas, eu diria que é de muito modo periférico que o povo fala, não é nem esse inferno na terra e nem o paraíso, é um bairro padrão brasileiro, social, que existe..."	83
3.2.2 "Na favela era mais unido, porque todo mundo está ali no mesmo barro"	89
4. Considerações finais	92
5. Bibliografia	95
6. Anexo	100

Introdução

Na atualidade vivemos sob o signo do sistema capitalista de produção. Esse sistema se pauta fortemente nas desigualdades sociais, econômicas e espaciais. Deste modo, as cidades brasileiras são produzidas a partir das dinâmicas de diferenciações e das desigualdades. Wacquant (2006) ressalta que o processo de estigma territorial é resultado da necessidade de distinção entre os mais ricos e os pobres, que com o aumento da pobreza permitiu o avanço da marginalidade em determinados territórios. Na realidade brasileira, os territórios isolados e circunscritos abordado pelo autor supracitado, associam-se à periferia, sobretudo, das grandes metrópoles, que são vistas como áreas violentas nas quais seus moradores convivem cotidianamente com a criminalidade.

Goffman (2008), no estudo sobre estigma, aponta três tipos de manifestações desse processo, dentre eles, o estigma territorial que se assemelha com o de raça, religião e tribos, isso porque, o local de residência dos sujeitos constitui como um dos fatores importantes na aceitação (ou não) dos sujeitos em ambientes sociais, mesmo que não residindo mais aquele local, pois é “transmitido por via da linhagem e [que ele] contamina de igual modo todos os membros da família” (WACQUANT, 2006, p. 28). Sendo assim, sujeitos que residem em territórios estigmatizados, estão mais passíveis e vulneráveis a sofrerem discriminação e exclusão social.

A partir de conjunto de conteúdos e discursos de descrédito associados a um determinado território, revela-se um caráter homogeneizador do estigma territorial, vinculando as características estigmatizantes do território a todos os seus moradores. Esse efeito homogeneizador do estigma territorial refere-se à imposição de valores, ideias e significados que ocasionam a construção de um imaginário negativo estabelecendo o que Bourdieu (2008) determinou de violência simbólica. Desse modo, o estigma territorial é um processo que se estabelece como um tipo de violência simbólica, que a partir de distinção, diferenciação e das desigualdades degradam simbolicamente o território e aqueles residem nele (BOURDIEU, 2008).

O presente trabalho é resultado da pesquisa de iniciação científica “Práticas “Práticas espaciais e cotidiano urbano na periferia da metrópole de São Paulo: os usos e apropriações do espaço, segundo diferentes grupos etários e temporalidades” financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), vinculado ao projeto temático “Fragmentação socioespacial e Urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e

conteúdo” financiado pela mesma instituição supracitado – Processo 2018/07701-8. No âmbito deste projeto maior, têm sido realizados procedimentos metodológicos que contaram com a parceria e o trabalho de vários outros membros da equipe - grupo focal e entrevistas com citados¹ e agentes bem informados - por meio dos quais foram registradas falas que atribuíam conteúdos que estigmatizam o bairro dos Pimentas, como um lugar perigoso e violento. Esses discursos não compareceram apenas nas entrevistas com moradores do bairro dos Pimentas, mas também nas efetuadas com cidadãos de outras localidades de Guarulhos.

Dessa forma, esta monografia tem como objetivo principal realizar uma leitura acerca da construção de um conjunto de conteúdos atribuídos ao distrito dos Pimentas², que contribuíram (ou não) para a estigmatização territorial da área e, conseqüentemente, de seus moradores.

A área que propomos a estudar está situada na zona leste do município de Guarulhos, e é considerada a área mais populosa do município. A escolha da área de estudo se dá a partir de dois fatores centrais: I) proximidade da pesquisadora com a área, sendo moradora do município de Guarulhos e do distrito do Bonsucesso, área próxima ao distrito dos Pimentas; II) Pelas especificidades da área pela sua condição de ser duplamente periférica (Periferia na metrópole de São Paulo e do município de Guarulhos) com a presença de um subcentro que tem um importante papel de centralidade local e regional.

Para a realização das análises sobre o estigma territorial dos Pimentas, adotamos procedimentos metodológicos que contribuíram para o entendimento desses processos. Dessa maneira, foram realizados 3 trabalhos de campo na área de estudo, o primeiro no dia 19 de julho de 2019, o segundo ocorreu no dia 29 de novembro de 2019 e o terceiro no dia 2 a 4 de novembro de 2021. Além disso, efetuamos o levantamento bibliográfico realizado de forma digital (Portal Capes, Scielo, Biblioteca digital de universidades etc) por meio de palavras chaves definidas na elaboração do projeto. Realizamos também o levantamento de matérias e artigos de jornais, de forma digital, por meio do acervo do jornal “O Estado de S. Paulo”, conhecido também como Estadão, utilizando-se da palavra-chave (Região dos Pimentas, área dos Pimentas, Pimentas e bairro dos Pimentas). Outro levantamento importante na análise sobre o estigma territorial no Pimentas, está relacionado aos memes que foram retirados da página de Facebook “GRU MIL GRAU” e do “GUARUTROLLS”.

¹ A entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro semiestruturada, que está em anexo neste trabalho. As entrevistas podem ser encontradas na Plataforma de Gerenciamento de Informações (PGI) da ReCiMe.

² Nesta monografia utiliza-se a denominação distrito para referir-se ao agrupamento dos bairros Aracília, Água Chata, Itaim, Pimentas e partes do bairro Bonsucesso e do Presidente Dutra, que formam a Unidade de Planejamento Urbano dos Pimentas como estabelecido pelo Decreto municipal nº 25.303/2008.

Dois outros procedimentos metodológicos foram importantes. O primeiro refere-se aos Grupos Focais com mulheres do Residencial Dunas e do Condomínio Esplanada, nos dias 14 e 15 de fevereiro de 2020, conjuntos habitacionais que pertencem ao Programa Minha Casa Minha Vida faixa 1. O segundo tem base nas entrevistas semiestruturadas realizadas por vários membros da equipe, entre os quais estamos, com os moradores que residem em outros locais de Guarulhos e município, bem como, com moradores dos Pimentas.

Por fim, a monografia está estruturada e organizada em três capítulos. O primeiro, denominado de “Periferia da Periferia: Aspectos históricos, sociais e espaciais do distrito dos Pimentas (Guarulhos/SP)”, tem o objetivo de explorar as características e dinâmicas que fazem e fizeram parte da constituição social e espacial dos Pimentas. O segundo capítulo “Abordagem teórica sobre o estigma territorial e elementos de metodologia” tem objetivo de conceituar o termo estigma territorial conjuntamente com a análise de processos que cercam o estigma territorial, fazendo-se ainda uma descrição sucinta dos procedimentos metodológicos adotados na investigação. E por último, no terceiro capítulo “O estigma territorial no distrito dos Pimentas (Guarulhos/SP): uma perspectiva multiescalar” abordamos e analisamos os discursos e conteúdos estigmatizantes, tomados por meio do par dialético olhar de fora - olhar de dentro.

Capítulo 1

Periferia da Periferia: Aspectos históricos, sociais e espaciais do distrito dos Pimentas (Guarulhos/SP)

Este capítulo tem o objetivo de caracterizar a formação socioespacial da área de estudo, isto é, do distrito dos Pimentas. Esse distrito localiza-se na zona leste de Guarulhos, município que se encontra ao nordeste da Área Metropolitana de São Paulo.

Para compreender os processos envolvidos na conformação social e espacial do distrito dos Pimentas precisamos contextualizá-lo, tendo em vista, as transformações e dinâmicas urbana atinentes ao município de Guarulhos, ao município de São Paulo, a Área Metropolitana de São Paulo e, não menos importante, a ao processo de urbanização paulista.

Desse modo, o primeiro subcapítulo intitulado “Os aldeamentos indígenas e a formação territorial do município de Guarulhos-SP” tem como objetivo, descrever os aspectos históricos relacionados à formação do território Guarulhense. Já no subcapítulo “Expansão urbana e industrial: Guarulhos no contexto metropolitano de São Paulo”, correlacionamos as dinâmicas urbanas e industriais de Guarulhos, perante a metrópole paulista. No subcapítulo “Formação e Dinâmicas: Os loteamentos periféricos de Guarulhos- SP” visamos explorar, brevemente, o processo de ocupação dos loteamentos periféricos no município de Guarulhos, sobretudo em direção à zona leste. Por fim, no subcapítulo “Distrito dos Pimentas: Entre periferia e subcentro”, analisaremos os aspectos socioespaciais e transformações urbanas ocorridas na área de estudo.

Com isso, propomos neste capítulo compreender a formação dos loteamentos periféricos em Guarulhos, relacionando estes com as transformações históricas, industriais, urbanas e habitacionais ocorridas na área metropolitana de São Paulo, que impactaram diretamente a conformação do processo de periferização de Guarulhos.

1.1 Os aldeamentos indígenas e a formação territorial do município de Guarulhos-SP

Com a fundação da Vila de São Paulo de Piratininga, em 1554, ela passou a ser vista como ameaça, sendo alvo de ataques violentos nas suas proximidades, pelos indígenas aliados dos franceses. Com necessidade de proteger a Vila dos ataques franceses, os portugueses reuniram os indígenas em aldeias em torno da Vila de São Paulo de Piratininga. É nesse contexto, em 1560, que surge o aldeamento indígena Capela Nossa Senhora da Conceição dos Maromomis, território hoje compreendido pelo município de Guarulhos.

“Naquele princípio da década de 1560, Portugal quase perdeu o sul brasileiro para os franceses. Foi o padre Manuel da Nóbrega, acompanhado do irmão José de Anchieta, quem o salvou” (DORIA, 2012, p. 104). “Em março de 1560, chegando o terceiro Governador-Geral a São Vicente, expuseram-lhe os jesuítas de São Paulo a precariedade da posse do planalto” (TAUNAY50). Era preciso proteger a Vila de São Paulo de Piratininga. Por essa razão, os índios foram reunidos em aldeias ao redor da vila. A aldeia dos Maromomins, mais tarde dos guarus, uma das aldeias assentava-se em um altiplano com vista para o vale do rio das Anhumas (Tietê), para vigiar a região. (MORENO, 2016, p. 68)

O aldeamento recebe esse nome, devido aos primeiros habitantes da região, denominados de Maromomi que, ao serem expulsos do litoral norte paulista pelos Tupi, passaram a transitar na região. Ao entrarem em contato com os portugueses, os Maromomi foram escravizados e, a partir de 1640, passaram a serem denominados de Guarulhos “por se assemelharem aos peixinhos de água doce, da família dos *cipridontídeos*, chamados guarus-guarus, mais conhecidos por barrigudinhos” (ROMÃO e NORONHA, 1980, p. 31 apud MORENO, 2016, p. 68). Dessa forma, o aldeamento Capela Nossa Senhora da Conceição dos Maromomis, em 1640, passou a ser denominado de aldeamento Capela Nossa Senhora Conceição dos Guarulhos. Moreno (2016) ressalta que o estabelecimento dos aldeamentos jesuítas nos arredores da Vila de São Paulo de Piratininga não tinha apenas a intenção de protegê-la, mas era também um modo dos colonos portugueses explorarem a mão de obra indígena nos engenhos de cana de açúcar.

A fundação de Guarulhos está estreitamente vinculada com o processo de ocupação e desenvolvimento da Vila de São Paulo de Piratininga, a qual “consolidou-se como uma centralidade político-administrativa e também econômica, possibilitando exercer uma forte influência sobre os espaços limítrofes dos antigos aldeamentos” (GAMA, 2009, p. 13)

Santos (2006) pontua que a situação geográfica estratégica do aldeamento N. Sra. Conceição dos Guarulhos possibilitou que o território fosse cortado por caminhos e estradas (vicinais e de penetração) que não apenas eram instituídos como paradas, pousos e entrepostos “para aqueles que chegavam e saíam de São Paulo, atingindo pontos distantes como o Vale do Paraíba, Rio de Janeiro, Minas Gerais, mas também, como passagem entre as diferentes localidades que faziam fronteiras com suas divisas” (ARAÚJO, 2013, p.31)

Embora seja uma questão ainda controversa e pouco debatida na historiografia, muitos historiadores acreditam que a formação territorial do município de Guarulhos não se deu apenas pela presença do aldeamento N. Sra. Conceição dos Guarulhos, mas também pela existência do aldeamento indígena São Miguel, onde se situa a atual região dos Pimentas e de Itaim, sendo na época denominada de bairro de São Miguel.

De acordo com a medida colonial, a sesmaria de São Miguel adentrava o território “guarulhense” 16 quilômetros, 666 metros e 65 centímetros. A partir da descrição da extensão territorial do aldeamento dos índios de São Miguel Paulista, percebe-se que o território onde se encontram os bairros Pimentas, Água Chata, Aracília, Presidente Dutra, Itaim, enfim, todo o território guarulhense, se achava na sesmaria de São Miguel Paulista (CAMPOS; OLIVEIRA e FERREIRA, 2014, p.23)

Segundo Santos (2006, p.47), o aldeamento São Miguel, em que atualmente está localizado o bairro dos Pimentas e de Itaim, não é o mesmo aldeamento que originou a maioria dos distritos que, no presente, formam a zona leste da cidade de São Paulo, visto que, de acordo com o autor “as terras do aldeamento foram aforadas a partir da segunda metade do século XIX e originaram, no século seguinte, o “Bairro de São Miguel”.

Essa argumentação é sustentada, também, por outros historiadores, entre eles o Romão e Noronha (1980 apud MIRANDA, 2016, p. 72) os quais demonstram que o nome de aldeamento São Miguel estava registrado em documentos de 1881, após a emancipação de Guarulhos da cidade de São Paulo (o debate será feito no decorrer do texto). E com isso, comprovaria que as informações relacionadas ao bairro São Miguel no município de Guarulhos são das últimas décadas do século XIX.

Entretanto, no livro “Revelando a história do Pimentas e Região”, escrito por Campos; Oliveira e Ferreira (2014), aponta por meio dos estudos da Biase (1987) sobre a extensão territorial do aldeamento São Miguel, que parte do atual território guarulhense, fazia parte do mesmo aldeamento que originaram os distritos da atual zona de leste de São Paulo, isto é, o aldeamento São Miguel.

A planta referente e que reproduz a medição feita em 1769, de acordo com a sesmaria de 12 de outubro de 1580, demonstra que o terreno estendia-se do Córrego Franguinho e Ribeirão Ticoatira [Penha] até a margem esquerda do Rio Tietê; da desembocadura do Rio Cabuçu [de Cima – bairro Ponte Grande] até a margem direita do Rio Tietê, seguindo em direção a Guarulhos. Essa aldeia compreende as fazendas do Carmo e Caguassu, distritos de Ermelino Matarazzo, Itaquera, São Miguel e Guaianazes, parte dos municípios de São Paulo, Guarulhos, Mairiporã, Santa Izabel, Mogi das Cruzes, Santo André, Ribeirão Pires, além de Arujá, Bonsucesso, Itaquaquetuba, Utinga, Mauá, Poá, Suzano. (BIASE, 1987, p. 53 apud CAMPOS; OLIVEIRA e FERREIRA, 2014, p.23).

Além disso, em contraposição aos argumentos defendidos por Santos (2006) e Romão e Noronha (1980), Miranda (2016) pontua que alguns registros de terra sobre o bairro São Miguel e a extinção do aldeamento São Miguel, existem desde a década de 1850. Isso reforça mais ainda o fato de que o aldeamento São Miguel estava assentado em partes do território atual de Guarulhos e São Paulo. Sendo assim, não existiam dois aldeamentos com o mesmo

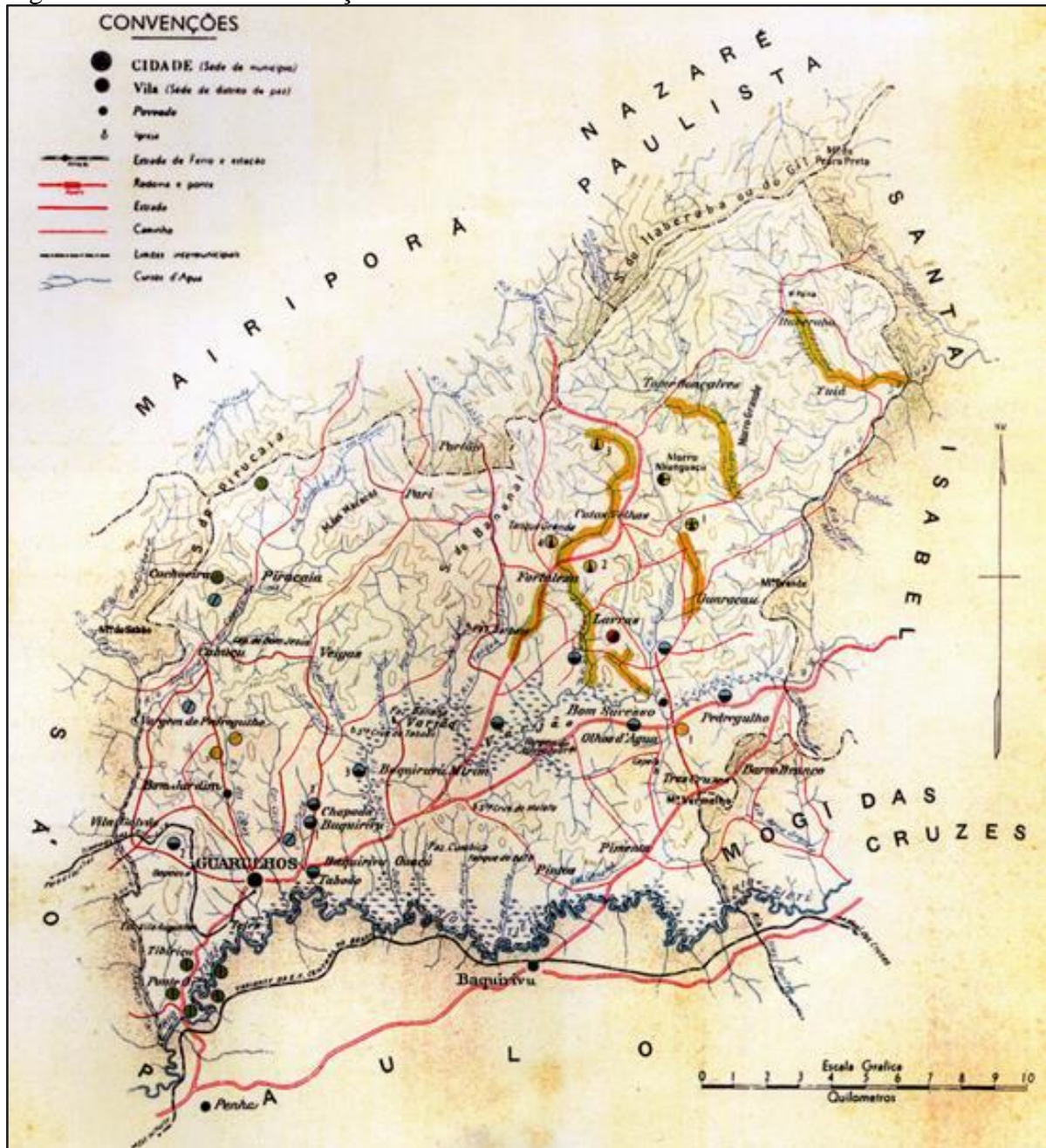
nome e o bairro denominado de São Miguel, originou-se por meio da expropriação do aldeamento indígena São Miguel, que “recebera, em 1580, a sesmaria de Ururáí, a qual abrangia as duas margens do Tietê” (MIRANDA, 2016, p.72-73). Ou seja, o aldeamento São Miguel abrangia tanto Guarulhos como a atual zona leste de São Paulo.

Com isso, o território de Guarulhos foi composto por dois tipos de aldeamento: a Capela N.Sra da Conceição dos Guarulhos e o aldeamento São Miguel. Segundo Santos (2006), os atuais bairros dos Pimentas e Itaim, que pertenciam ao aldeamento São Miguel, experimentaram, durante o período colonial e imperial, processos de desenvolvimento distintos ao ocorrido no aldeamento Capela N. Sra da Conceição dos Guarulhos.

Em 1560, foram descobertas jazidas de ouro no território do aldeamento N. Sra Conceição dos Guarulhos, nas áreas compreendidas como “bairro das Lavras, Catas Velhas, Mojolo de Ferro [este deve ter sido a chamada Lavras-Velhas-do-Geraldo], Campo dos Ouro, Bananal e Tanque Grande (NORONHA, 1960, p. 36 apud SANTOS, 2006, p. 42), conforme mostra a figura 1. As minas de extração de ouro no aldeamento N. Sra. Conceição dos Guarulhos, ocorreram um século antes da descoberta de ouro em Gerais - atual Estado de Minas Gerais – demarcando o início da exploração de ouro no território brasileiro e no planalto paulista.

O aldeamento São Miguel, durante esse período, apenas exercia a função de complementaridade para as atividades de extração do ouro, por meio da “antiga rota do trabalho escravo, via de acesso à antiga aldeia dos indígenas de São Miguel, passando pelas atuais cidades de Ribeirão Pires, São Sebastião, Santos e São Vicente” (CAMPOS; OLIVEIRA e FERREIRA, 2014, p.39)

Figura 1: Guarulhos. Localização das minas de ouro em Guarulhos



Fonte: Instituto Geográfico e Geológico – IGC (1950). (MORENO, 2016, p. 74)

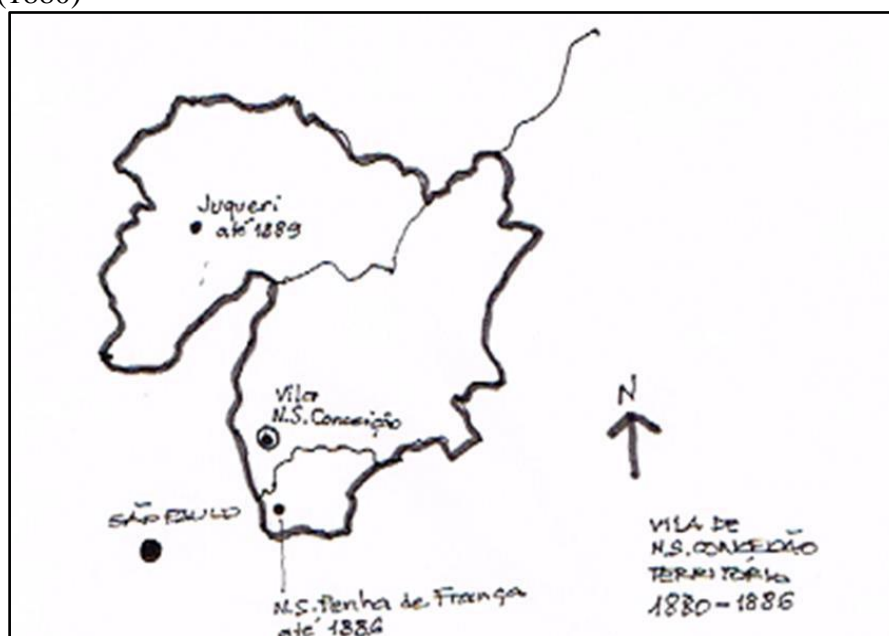
Segundo Gama (2009), a presença de jazidas auríferas no aldeamento N. Sra. Conceição dos Guarulhos contribuiu para a valorização deste território, atraindo colonizadores de outras regiões, sobretudo, colonos paulistas interessados em se apropriar-se das terras pertencentes aos indígenas aldeados. Devido a isso, iniciou-se o processo de concessões de sesmarias no aldeamento, inclusive em áreas próximas às jazidas de ouro. A partir desse momento, alguns grupos de colonos passaram a atuar na formação da freguesia “tendo em vista apropriarem-se

de terras pertencentes antes aos índios aldeados e melhor atender a seus interesses como proprietários” (SANTOS, 2006, p. 42).

Sendo assim, em 1685, o aldeamento dos Guarulhos é levado à condição de Freguesia de N. Sra da Conceição dos Guarulhos, sendo uns dos primeiros aldeamentos, situados em torno de São Paulo, a torna-se freguesia. A exploração de ouro perpetuou-se por volta de 160 anos na região. Após o período da exploração das jazidas de ouro, em 1850, algumas medidas foram tomadas, principalmente, aquelas que contribuíram para o processo de ocupação, apossamento e legalização das terras do aldeamento indígena de São Miguel, constituindo bases para a elevação de freguesia para condição de vila, denominada de Vila de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos, sendo emancipada politicamente de São Paulo em 1880.

Nesse momento, a extensão territorial da Vila de Freguesia N. Sra da Conceição de Guarulhos abrange, também, as freguesias de Nossa Senhora Penha de França (atual distrito Penha) e a freguesia de Juqueri (atual cidade de Mairiporã), como mostra a figura 2. Porém, em 1886 - depois de seis anos incorporada ao território da Vila de Guarulhos - por meio da Lei Provincial nº 71, passou a fazer parte do território de São Paulo. E, em 1889, a Freguesia de Juqueri se emancipa de Guarulhos, tornando-se vila com direito a seu próprio intendente. Dessa forma, a partir das drásticas reduções de sua extensão, estabelece-se o formato territorial atual do município de Guarulhos.

Figura 2: Guarulhos. Croqui da Vila de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos (1880)



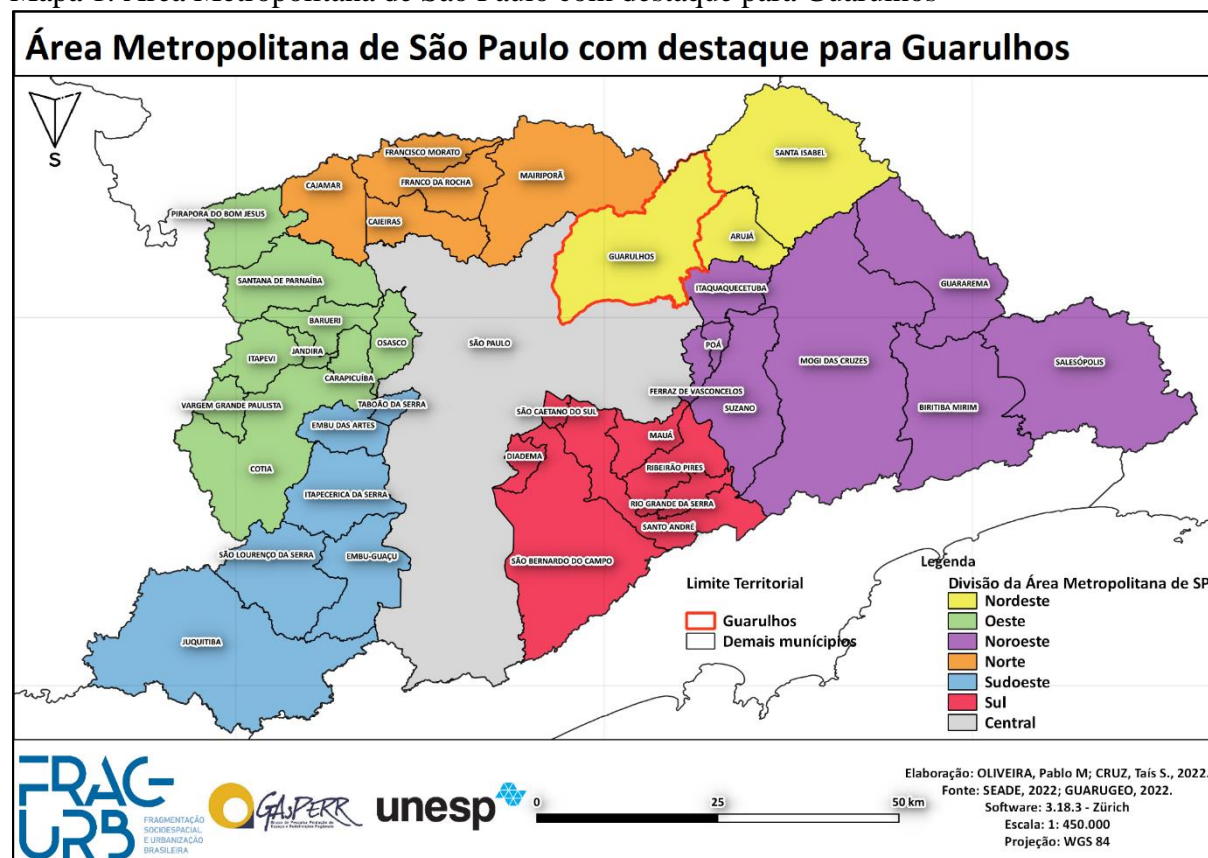
Elaboração: MORENO, 2016, p. 78.

Por meio da Lei nº 1.021 do dia 6 de novembro de 1906, a vila de N. Sra da Conceição dos Guarulhos passou a ser denominada apenas como Guarulhos. Naquele mesmo ano, no dia 19 de dezembro através da Lei Estadual nº1038, Guarulhos passa à condição de cidade, na qual “começa a despontar no cenário da rede de cidades do Estado de São Paulo” (MORENO, 2016, p. 79).

1.2 Expansão urbana e industrial: Guarulhos no contexto metropolitano de São Paulo

Guarulhos, juntamente com mais 39 municípios compõe a área metropolitana de São Paulo e está situada no nordeste da região, como mostra o mapa 1. Segundo o IBGE (2020), a área total de Guarulhos é de 318,675 km² e limita-se ao norte com os municípios de Mairiporã e Nazaré Paulista, à nordeste com Santa Isabel, à leste com Arujá, à sudeste com Itaquaquecetuba e à oeste e sul com o município de São Paulo. Com a estimativa de, aproximadamente, 1 milhão e 400 mil habitantes (IBGE, 2021), Guarulhos é considerado o segundo maior município paulista e o 13º do Brasil em termos populacionais.

Mapa 1: Área Metropolitana de São Paulo com destaque para Guarulhos



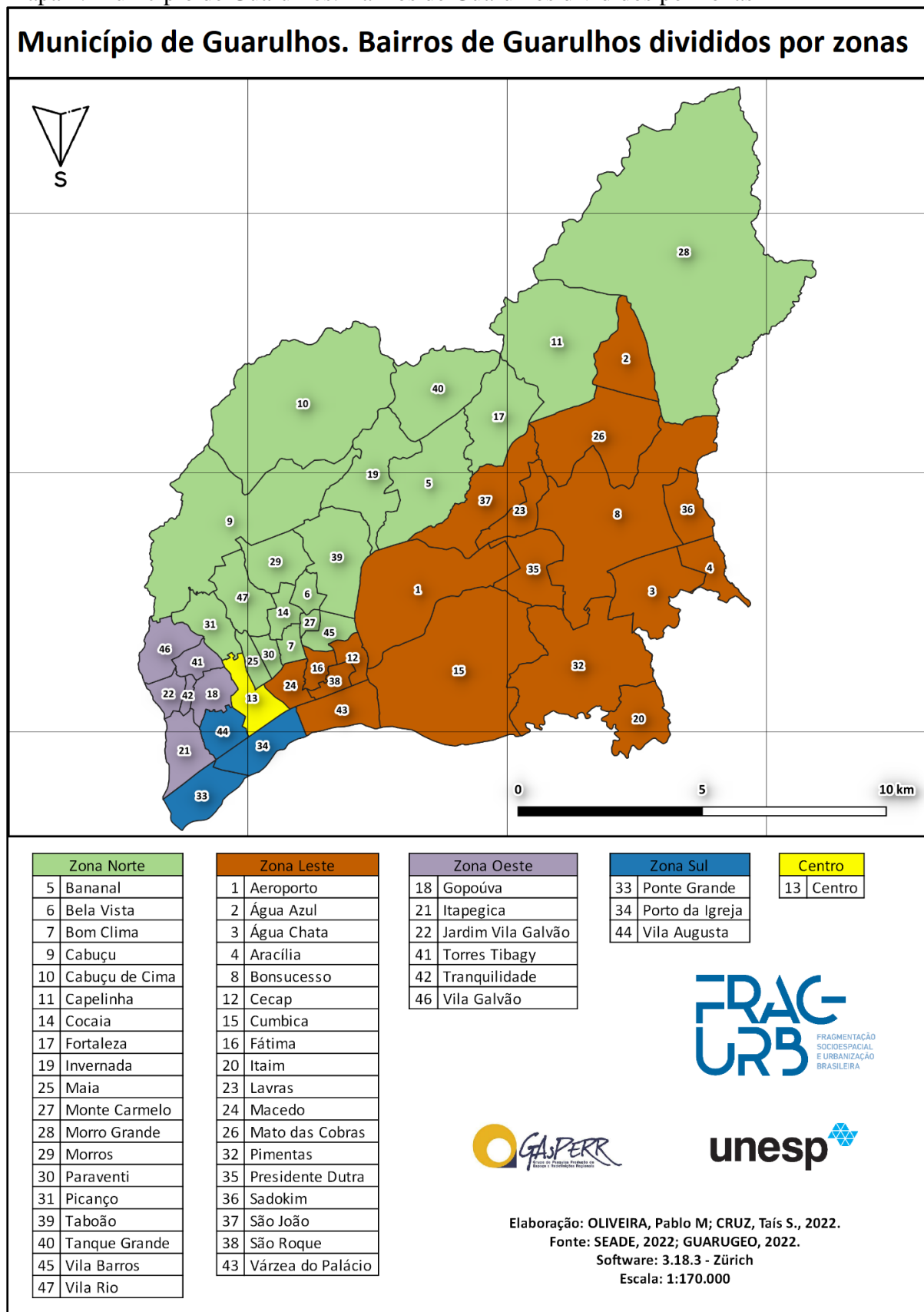
Elaboração: OLIVEIRA e CRUZ, 2022

Segundo o livro: “Atlas escolar histórico e geográfico - Guarulhos 450 anos”, escrito por Ferreira; Campos; Oliveira (2011), mediante o Decreto nº 14.998 de 1988, como mostra no mapa 2 abaixo, estabeleceu-se a divisão do município de Guarulhos em 47 bairros, todos subdivididos em 500 ou mais loteamentos. Em 2008, a Secretaria de Desenvolvimento Urbano de Guarulhos (SDU) por meio do Decreto municipal nº 25.303/2008, determina a criação das Unidades de Planejamento Urbano – UPR, com a intenção de reagrupar “bairros com características administrativas e físico-territoriais parecidas” (CRUZ e LEGROUX, 2020, p. 713). Dessa forma, estabeleceram-se 11 UPRs: Centro, Vila Galvão, Taboão, Cabuçu, Capelinha, São João, Cumbica, Pimentas, Bonsucesso, Tanque Grande e Jaguari, como podemos observar no mapa 3.

Ainda no sentido de contextualizar Guarulhos na contemporaneidade, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) em 2010, constava 0,763, sendo considerado alto. O Produto Interno Bruto (PIB) é de, aproximadamente, 65 bilhões de reais, em 2019, colocando-o na posição de 12º município mais rico do Brasil (PREFEITURA DE GUARULHOS, 2019). O PIB de Guarulhos é composto por entorno de, R\$ 37 milhões do setor agropecuário; R\$ 12 bilhões do setor industrial; R\$ 42 bilhões do setor serviços (inclusive, Administração, Defesa, Educação e Saúde Públicas e Seguridade Social), e uma arrecadação de impostos (líquidos de subsídios) em torno de, R\$ 6 bilhões (IBGE, 2019). Portanto, percebe-se que o setor de serviços predomina como o principal ramo econômico do município de Guarulhos.

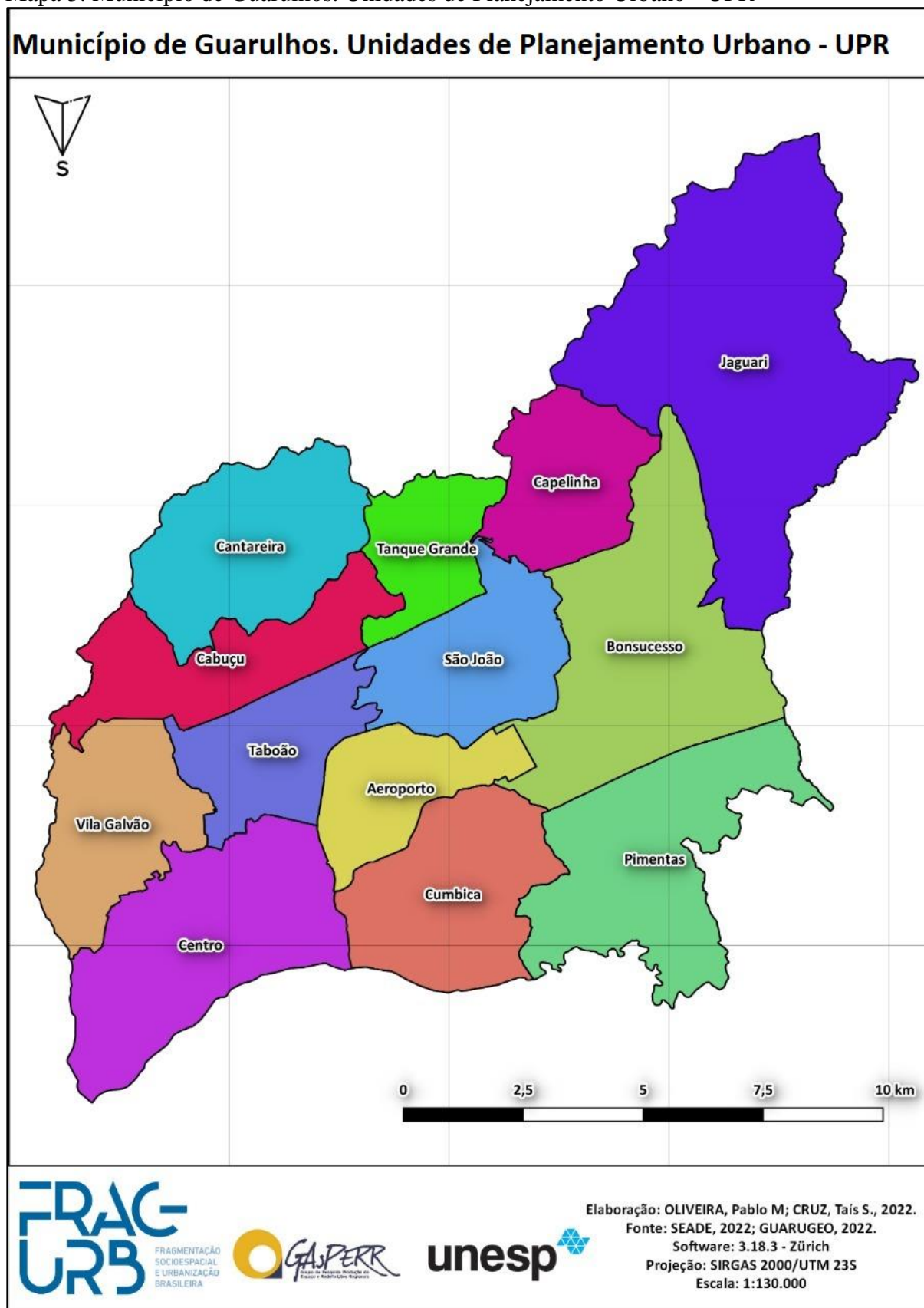
Durante o século XIX e o início do século XX, o café era o principal produto de exportação da economia brasileira. Devido às boas condições climáticas e do solo favorável a esse tipo de plantação, a produção do café passou a se concentrar na região do Vale do Paraíba, principalmente, na província de São Paulo que após a expansão da produção de café para a região de Campinas e, posteriormente, para o Oeste Paulista “consolidou as condições para o desenvolvimento industrial, comercial, financeiro, social e urbano de muitas cidades do Estado” (SANTOS, 2006, p. 101).

Mapa 2: Município de Guarulhos. Bairros de Guarulhos divididos por zonas



Elaboração: OLIVEIRA e CRUZ, 2022.

Mapa 3: Município de Guarulhos. Unidades de Planejamento Urbano - UPR



Elaboração: OLIVEIRA e CRUZ, 2022.

Nesse período, Guarulhos desempenhava um papel de “fornecedor” de produtos agrícolas (verduras, legumes e frutas) e de matérias primas (tijolos, telhas, cerâmicas, extração de areia, pedregulho, cal, madeira e lenha) (CRUZ e LEGROUX, 2020, p.709-710), pois o município não dispunha de condições climáticas, de solo e nem de topografia para a plantação e produção de café. Deste modo, Guarulhos não estava completamente isolado dos “padrões do modelo agroexportador cafeeiro”, visto que, a partir do desenvolvimento urbano da capital paulista, viabilizou a consolidação da função econômica do município como abastecedor de bens alimentícios e de construção civil para capital “portanto, à medida que ocorria o desenvolvimento do capital relacionado à cafeicultura, o município recebia seus influxos, desenvolvendo uma lavoura de abastecimento (verduras, legumes e frutas)” (SANTOS, 2006, p. 105).

Visto isso, estabeleceu-se no município de Guarulhos uma “indústria primária e extrativista”³, com a instalação da primeira indústria especializada no ramo, denominada de Companhia Agrícola e Industrial de Guarulhos, ou apenas, Cerâmica Paulista, em 1911, na Vila Galvão, tornando-se a principal fornecedora de matérias direcionadas para o crescimento urbano da capital paulista. Com a intenção de facilitar o escoamento dos produtos das indústrias instaladas em Guarulhos, ocorreu o desenvolvimento e expansão do ramal Tramway da Cantareira, com a inauguração das estações Guarulhos, Vila Galvão e Vila Augusta, que interligam o centro de São Paulo à Guarulhos. Assim, “integrando Guarulhos pela zona norte da Capital, o trem tornou-se a principal via de transporte de passageiros e de mercadorias do município” (ROMÃO e NORONHA, 1980)

Segundo Gama (2009), mesmo que a base da economia de Guarulhos, nessa época, pautava-se na produção das lavouras e extrativismo, isto é, atividades primárias, encontravam-se instaladas algumas indústrias pelo município, como a indústria têxtil que corresponde “uma das primeiras atividades industriais a se instalarem no município, como a Tecelagem Carbonell” (GAMA, 2009, p. 38). Ainda, o autor aponta que, durante a primeira metade do século XX, a implementação de projetos de isenção de tributos municipais, favoreceu o aumento e a instalação de indústrias importantes ajudando a configurar, inicialmente, no município de Guarulhos a sua vocação frente ao processo de industrialização.

³ Durante esse período, por meio da política de substituição da mão de obra escrava pela livre, houve uma grande concentração de mão de obra imigrante, em especial, italiana no município de Guarulhos “representando 50% das propriedades rurais do município, sendo que, a população total era de 6000 habitantes” (RANALI, 1986, p. 88 apud GAMA, 2009, p. 36). Além da presença dos imigrantes italianos nas lavouras agrícolas, eram, em sua grande maioria, proprietários das indústrias primárias como olarias, cerâmicas, portos de extração e nas primeiras indústrias têxteis (SANTOS, 2006).

A crise econômica mundial, ocasionada pela quebra da bolsa de valores nos Estados Unidos (EUA), em 1929, provocou a queda brusca dos preços internacionais das safras do café brasileiro. Em resposta a essa crise, iniciou-se a implantação da política de substituição de importações, política que se perpetuou até o período da democratização e, que a princípio, não atingiu todos os setores, tinha como objetivo atender a demandas internas. Durante a implementação da política econômica e social do regime do Estado Novo (1937 – 1947) presidido por Getúlio Vargas, houve a “consolidação do projeto desenvolvimentista com a obtenção dos recursos necessários na forma de empréstimos para a implantação da indústria pesada” (GAMA, 2009, p. 39).

Desse modo, por obter “facilidades de obtenção de energia; existência de um mercado consumidor interno; afluxo de capitais; mão-de-obra operária; existência de um mercado fornecedor de matérias-primas; redes de transporte” (PETRONE, 1958, p. 102 apud GAMA, 2009, p. 40), a maioria das importantes empresas multinacionais instalaram-se na cidade de São Paulo, conformando a metrópole que se constituía como um dos principais polos de concentração e centralização de indústrias do Brasil. Nesse contexto, o município de Guarulhos começou a ser visto como um “espaço estratégico para acomodar a crescente industrialização do planalto” (GAMA, 2009, p. 40).

Sendo assim, foram introduzidos equipamentos importantes que favoreceram a expansão industrial em Guarulhos, com a transferência, em 1945, da Base Aérea de São Paulo – BASP, de campo de Marte (Santana- SP) para Cumbica, zona leste de Guarulhos, “estrategicamente construída próxima de onde já se iniciaram as obras da Dutra, ocupando no período de sua inauguração uma extensão de 9.572.600m²” (SANTOS, 2006, p. 147). Além disso, foi implantado, em 1946, também em Cumbica, o loteamento “Cidade Satélite Industrial de Cumbica” e, posteriormente, em 1951, inaugurou-se a Rodovia Presidente Dutra (BR-116), conhecida como via Dutra, como mostrado na figura 3.

A construção da Rodovia Presidente Dutra, em 1951, pelo então Presidente Eurico Gaspar Dutra, foi impulsionada pelo desenvolvimento da industrialização e a necessidade de uma ligação viária mais segura e eficaz entre as duas maiores cidades brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro), em uma tentativa de consolidar um corredor estrategicamente concebido ao plano desenvolvimentista da política brasileira, integrando urbanização e industrialização com a instalação de grandes empresas em sua extensão, principalmente, as multinacionais. (ARAÚJO, 2013, p. 34)

Pouco tempo depois da inauguração da via Dutra, durante o governo de Juscelino Kubitschek, em 1959, implantou-se a Rodovia Fernão Dias (BR- 381), ligando São Paulo e Minas Gerais. Porém, a via Dutra em relação à Fernão Dias, corta o município de Guarulhos

mais extensamente, além de constituir um trecho fundamental e estratégico interligando São Paulo ao Rio de Janeiro, isto é, “integrando diversos municípios da área metropolitana paulista e do Vale da Paraíba” (SANTOS, 2006, p. 146). A via Dutra atendeu às demandas das empresas, sendo assim, entre os anos 1950 a 1970, a economia do município de Guarulhos era constituída, principalmente, pelo setor industrial.

De acordo com os dados do IBGE, em 1969, havia diversas multinacionais, que junto às nacionais, somavam 791 estabelecimentos industriais no município de Guarulhos. Desse número, 27% correspondiam a materiais elétricos e de comunicação, 14% à mecânica, 10% à metalúrgica, 7% produtos alimentares, 7% a material de transporte e o restante a outros tipos de empresas. (NOVAES, 2012, p. 61)

As regiões de Itapegica, Taboão, Cumbica e Bonsucesso conformaram as principais áreas industriais do município de Guarulhos. Desse modo, Santos (2006) ressalta que, as indústrias estavam localizadas, justamente, nas imediações das marginais da Rodovia Fernão Dias (zona sul e oeste do município), da Base Área em Cumbica (zona leste) e, sobretudo, da via Dutra (zona oeste, sul, centro e leste).

Figura 3: Parque industrial Cidade Satélite de Cumbica e a Rodovia Presidente Dutra

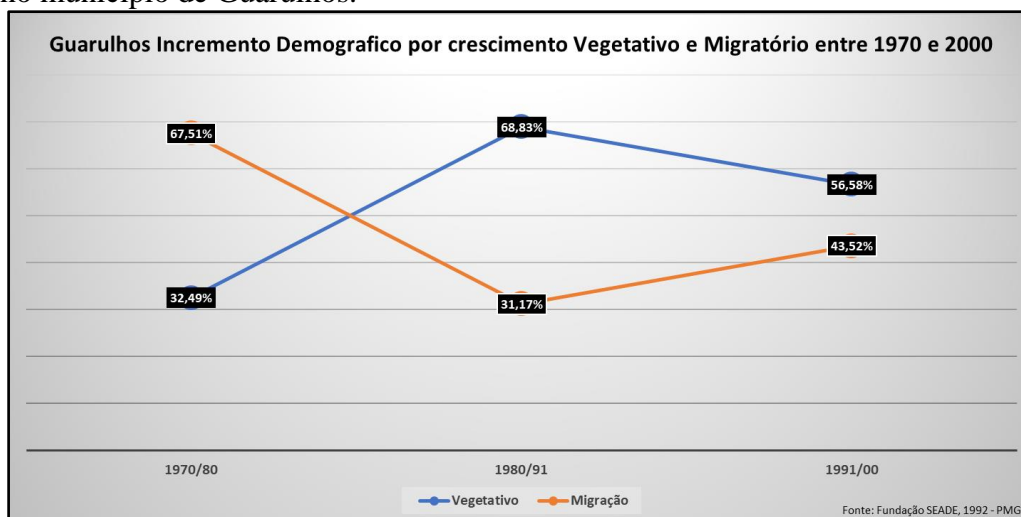


Fonte: Arquivo Histórico do município de Guarulhos. (GAMA, 2009, p. 139)

A via Dutra, além de constituir um equipamento importante para o desenvolvimento industrial no município de Guarulhos, desempenhou, também, uma expressiva influência nos vetores de expansão urbana do município que entre as décadas de 1950 e 1960, se concentraram em áreas mais distantes do núcleo central, em especial, na zona leste (Cumbica, Pimentas, Presidente Dutra e Bonsucesso), acompanhando a rodovia e o desenvolvimento industrial do município (SANTOS, 2006). Essas áreas eram ocupadas, em sua maioria, pelos trabalhadores das indústrias, que em busca de obter a casa própria e fugir dos altos preços dos aluguéis, foram em direção a áreas com o preço da terra mais acessível e sem nenhuma infraestrutura básica, conhecidos como loteamentos periféricos, constituindo a periferia urbana e social de Guarulhos.

A partir do desenvolvimento e da consolidação da atividade industrial, entre os anos de 1970 e 1980, ocorreu um crescimento populacional, contribuindo para a expansão da mancha urbana do município de Guarulhos, o que foi alimentado pelo aumento do fluxo migratório em direção ao município. No gráfico 1, estão representados dados relacionados à taxa de crescimento vegetativo (relação entre a taxa de nascimento - taxa de mortalidade) e a taxa de fluxo migratório em Guarulhos. Nota-se que, nas décadas de 70 e 80, a taxa de crescimento vegetativo encontra-se em 32,49%, enquanto que a taxa de migração em 67,51%. A partir dos anos 1980 e 1990, a taxa de crescimento vegetativo atingiu, aproximadamente, 68%, enquanto que a taxa de migração 31%. Já nos anos 91/2000, o crescimento vegetativo estabelece-se em 56% e a taxa de migração 43%.

Gráfico 1: Incremento demográfico por crescimento Vegetativo e Migratório entre 1970 e 2000, no município de Guarulhos.



Fonte: Fundação SEADE, 1992 - PMG. Organização: Gama, 2009. Elaboração: CRUZ e OLIVEIRA, 2022.

Gama (2009) destaca que o crescimento do fluxo migratório, nos anos 1970, contribuiu para a elevação do crescimento demográfico e, também, para o processo de periferação no município, com a ocupação de áreas tidas antes como rurais, incorporando no “plano de urbanização, o que se convencionou como *“padrão periférico de crescimento”* (BONDUKI, 1998; KOWARICK; ANT, 1994 apud GAMA, 2009, p. 47). Além disso, devido à proximidade com a cidade de São Paulo e à presença de importantes eixos rodoviários, Fernão Dias e, em especial, a via Dutra, a qual interliga o município de Guarulhos a outros centros urbanos e industriais da região sudeste, ocorreu um fluxo populacional vindo, especialmente, do interior do Estado de São Paulo “sendo que 44% da população migrante no município era proveniente de outras localidades do próprio Estado paulista” (GAMA, 2009, p. 49).

Segundo relatório da igreja católica de Guarulhos: Nossa Cidade, Nossa Diocese (1987, p.4 apud CAMPOS; OLIVEIRA e FERREIRA, 2014, p.47) com base no censo do IBGE 1980, na década de 1980, entre os 71,3% de migrantes estabelecidos na região dos Pimentas, 40,5% são advindos do Estado de São Paulo, 4,4% do Paraná; 4,3% de Pernambuco; 3,7% da Bahia e 2,7% do Estado de Minas Gerais.

Nota-se que, antes da expansão industrial e urbana no município, Guarulhos caracterizava-se como um dos “subúrbios⁴ paulistas que desenvolvia atividade agrícola em favor do abastecimento da cidade de São Paulo” (GAMA, 2009, p. 41). Entretanto, os subúrbios paulistas passaram a ter outras funções, especialmente, como espaços industrializados, na medida em que o processo de industrialização se intensificou na capital paulista. No caso de Guarulhos, esse processo ocorreu por meio da implantação do loteamento Cidade Industrial Satélite e, posteriormente, a construção da Via Dutra, permitindo o deslocamento e ordenamento da industrialização para áreas mais afastadas do núcleo central, contribuindo para a expansão do perímetro urbano metropolitano, bem como o surgimento espaços destinados para depósitos e glebas industriais, como também, de loteamentos privados e residenciais.

Desta maneira, a conformação da periferia guarulhense define-se estritamente com a intensificação da periferia paulistana uma vez que as redes técnicas imbricadas a grandes eixos de circulação (rodovias), e, conseqüentemente, a fixação das indústrias aos arredores das rodovias, concedeu a Guarulhos meios para materializar-se como um espaço privilegiado a reprodução do capital (GAMA, 2009, p. 42)

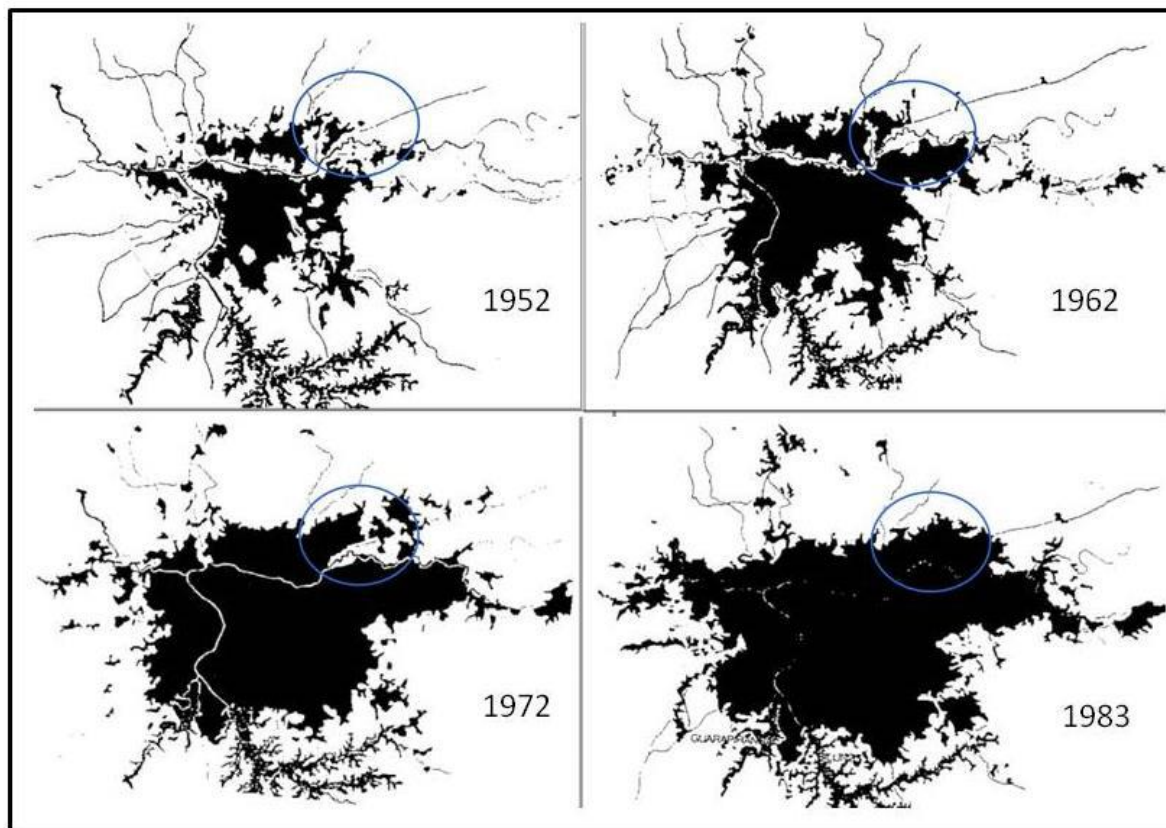
⁴ (...) define o subúrbio durante largo tempo: um aglomerado rural cuja população tinha vínculos cotidianos com a cidade e que, em consequência organizava sua inteligência das condições de vida segundo um modo de pensar tendencialmente urbano”. (MARTINS, 1992, p. 195)

Langenbuch (1971) ao tratar sobre a estruturação da metrópole de São Paulo, aponta que o período de 1940 a 1970, é caracterizado pela maior atuação e influência da cidade de São Paulo, sobretudo, por meio da expansão industrial para os municípios vizinhos. Nesse mesmo período, o crescimento urbano de São Paulo extrapola suas fronteiras e, desse modo, cria um processo de aglomeração intenso com as cidades adjacentes a ela “ocupando loteamentos irregulares, clandestinos e favelas, formando uma mancha urbanizada (...)” (SANTOS, 2017, p. 25) única, em especial, em direção a Guarulhos, que passa a ser considerada como uma cidade dormitório, durante esse período.

A população do município de Guarulhos, por exemplo, cresceu 23% entre 1991 e 1996, com uma taxa de 4,3% ao ano, principalmente devido à expansão do mercado imobiliário, já que a facilidade de acesso à capital atrai moradores da zona norte paulistana que trocam a antiga área de residência por imóveis com preços mais acessíveis na cidade vizinha. Por outro lado, parte desse contingente de migrantes intrametropolitanos vai engrossar o número de favelas daquele município, que subiu de 90 para 305 nos últimos 8 anos, contribuindo para acentuar os péssimos indicadores sociais que apontam para cerca de 300 mil pessoas sem rede de esgotos e 200 mil atingidas por falhas no abastecimento de água. Ainda assim, é patente a consolidação de Guarulhos como o município-dormitório mais populoso da R. M. e o segundo mais populoso do estado, registrando, em 1996, 969.000 habitantes, à frente de municípios, que historicamente concentravam maiores contingentes populacionais na Região Metropolitana. De fato, entre 1990 e 1995, 480 indústrias situadas em Guarulhos fecharam suas portas ou mudaram para outros municípios, inclusive do interior paulista. Nesse sentido, o crescimento populacional verificado deve estar mais relacionado à localização residencial do que à geração de novos empregos. (BÓGUS e VÉRAS, 2000, p. 86).

Como podemos visualizar na figura 4, percebe-se que há uma forte correlação entre o crescimento da área urbana de São Paulo com o crescimento urbano de Guarulhos, potencializada pela expansão industrial e a inauguração da via Dutra, que interliga São Paulo ao Rio de Janeiro.

Figura 4: Crescimento da mancha urbana de São Paulo



Fonte: SANTOS, 2009. Adaptação: SANTOS, 2017, p. 26

A transferência de indústrias de São Paulo para Guarulhos é reforçada com a criação, em 1967, da Área Metropolitana da Grande São Paulo, instituída por meio do Decreto Estadual nº 47.863/1967 (GAMA, 2009; IPEA, 2013). Em 1973, a Área Metropolitana da Grande São Paulo, passa a ser denominada de Região Metropolitana da Grande São Paulo, tendo assim, a sua criação oficial pela Lei Complementar Federal 14/1973. Já em 2011, mudou seu nome para Região Metropolitana de São Paulo (Lei Complementar Estadual nº 1.139/2011).

Com a intenção de atender as demandas operacionais de passageiros e cargas do Aeroporto de Congonhas em São Paulo, realizou-se um estudo para a implantação de outro aeroporto. Devido à presença de uma “boa acessibilidade viária; e da existência da Base Aérea de São Paulo que poderia ser utilizada na implantação desse empreendimento para diminuir os custos com desapropriações” (SANTOS, 2017, p. 93), optou-se pela implantação do maior aeroporto da América Latina no município de Guarulhos.

Sendo assim, por meio do Decreto nº 14.089 de 18 de outubro de 1979, o então governador Paulo Salim Maluf em publicação no Diário Oficial do Estado de S. Paulo, ordenou a “desapropriação das áreas próximas a Base Aérea (entre as quais, Jardim Cidade Seródio, Nova Portuguesa, Maringá entre outras) para a construção do Aeroporto Internacional de São

Paulo/Guarulhos (AISP/GRU) - Governador André Franco Montoro, mais conhecido como Aeroporto de Guarulhos (GAMA, 2009). Segundo Santos (2006), nesse período, foi desapropriada uma área de 4.000.000m², e antes da construção do Aeroporto de Guarulhos, a BASP/Cumbica além da função militar, já realizava a função de “aeroporto comercial de emergência”.

No mês após a publicação do decreto, a Comissão Coordenadora do Projeto Sistema Aeroportuário da Área Terminal de São Paulo (COPASP) dirigiu-se à Prefeitura Municipal de Guarulhos para comunicar que, além da implantação do Aeroporto em Cumbica ser irreversível, havia outras obras a serem executadas, como a construção da via Leste - atualmente conhecida como Rodovia Ayrton Senna - e a retificação do Rio Tietê (ROMÃO; NORONHA, 1980, p. 180 apud SANTOS, 2006, p. 189). Logo em seguida, foram aprovadas o Plano Piloto do aeroporto e o Plano Diretor, para em agosto de 1980, iniciar a implementação do aeroporto “numa área de cerca de 10 quilômetros quadrados pertencentes ao Ministério da Aeronáutica, onde ficava a Base Aérea de São Paulo-BASP/Cumbica, e, em mais 4 quilômetros, ‘em vias de desapropriação pelo governo do Estado’ (*Folha Metropolitana*, 7 e 8 de dezembro de 1980, p. 3, 4 e 12)” (SANTOS, 2006, p. 189). Sua inauguração ocorreu no dia 20 de janeiro de 1985.

A implementação do Aeroporto Internacional além de causar diversos problemas ambientais como poluição atmosférica, sonora e a superexploração do aquífero Baquirivu ocasionando inundações no entorno da área, também contribuiu para tornar a configuração espacial do município mais fragmentada, de modo que, vários bairros da zona leste, inclusive, as regiões de Cumbica e dos Pimentas ficassem sem vias de acesso rápido e fácil para área central do município. Santos (2017) ainda complementa que, apenas foram feitas reparações estruturais nas vias, por meio da construção da rodovia Hélio Smidt, com o objetivo de facilitar o acesso da capital Paulista ao Aeroporto Internacional.

Destarte, com a presença de rodovias importantes, principalmente da via Dutra, juntamente com a função que a BASP/ Cumbica até a implantação do Aeroporto Internacional de Guarulhos, fizeram do município de Guarulhos “um lócus privilegiado da industrialização paulistana a partir da segunda metade do século XX” (SANTOS, 2006, p. 153), contribuindo para o desenvolvimento da área metropolitana de São Paulo. Além disso, esses equipamentos ocasionaram o processo de periferização do município de Guarulhos, que recebendo maior contingente populacional vindo de São Paulo, encontrou no município a oportunidade de constituir a casa própria, por meio da ocupação de loteamentos periféricos situados sobretudo na zona leste, corroborando com afirmação de Cruz e Legroux (2020) de que o distrito dos

Pimentas exerce uma dupla função periférica, tema que será melhor debatido mais adiante nesse texto.

1.3 Os loteamentos periféricos em Guarulhos e a formação social e espacial dos Pimentas

Como abordado anteriormente, por meio da adoção de políticas econômicas com a intenção de promover o processo de desenvolvimento industrial do país, e por prover de instalações urbanas consolidadas, adquiridas a partir da formação de um “complexo econômico cafeeiro” (CANO, 1985), a cidade de São Paulo “(...) reuniu condições propícias à concentração da indústria em sua territorialidade e logo atraiu um grande contingente de trabalhadores urbano junto às áreas fabris” (GAMA, 2009, p. 67).

Em Guarulhos, a transferência de importantes equipamentos, como a BASP/Cumbica, o Loteamento “Cidade Satélite Industrial de Cumbica” e a construção da via Dutra, proporcionaram a expansão industrial, que, conseqüentemente, ocasionou a expansão urbana no município que, inicialmente, se concentraram na parte oeste e sudoeste, áreas limítrofes com São Paulo “conectando-se à capital, formando mancha conurbada com este trecho de São Paulo” (SANTOS, 2017, p. 52). Milton Santos, em seu livro “Metrópole Corporativa Fragmentada”, ao tratar sobre o processo de evolução da mancha urbana de São Paulo, nos diz que:

Se esse fenômeno é praticamente comum aos países subdesenvolvidos, mostra, todavia, como aliás é normal, uma especificidade para cada cidade. Assim, no caso de São Paulo, combinam-se causas gerais ligadas à história geral da urbanização no Terceiro Mundo a razões mais particulares, devidas a histórias do país, da região e do próprio lugar (SANTOS, 1990, p.23).

Com o impulso do processo de industrialização e, conjuntamente, com o aumento da migração de mão de obra advindos de outros municípios do Estado de São Paulo e de outras regiões do Brasil, para trabalharem nas empresas instaladas na grande São Paulo, fizeram com que a demanda por moradia, conseqüentemente, crescesse. Segundo Gama (2009, p. 69/70) “o mercado de imóveis regulado pela habitação de aluguel, em sua maioria cortiços instalados na parte central das cidades industriais, não conseguiram suprir a crescente demanda por moradia”. Sendo assim, ao longo desse período, na capital paulista e na grande São Paulo instaura -se um problema iminente de falta de moradias.

Dessa forma, grande parte dos trabalhadores fabris residiam em cortiços alugados próximos à área urbana das cidades industriais, sendo que “a construção barata era uma

exigência intrínseca ao negócio, pois os níveis de remuneração dos trabalhadores não permitiam aluguéis elevados” (BONDUKI, 1998, p. 39 apud GAMA, 2009, p. 70).

Outro modo de habitação bastante comum nessa época, era a construção, pelas empresas ou por meio de investidores do mercado imobiliário, de vilas operárias próximas às indústrias. Porém, todos esses tipos de empreendimentos habitacionais tinham a finalidade de locação. Sendo assim, de um jeito ou de outro, os “operários sempre arcavam com os custos do aluguel” (GAMA, 2009, p. 71). Uma das medidas do poder público para diminuir o problema da habitação que se instaura em São Paulo e na Grande São Paulo, dirigiram-se a isenções, exclusivamente, ao setor imobiliário para produção de vilas operárias “dentro do padrão determinado e fora do eixo central da cidade” (GAMA, 2009). Mesmo o incentivo partindo do Estado, ele não colaborava para a construção das habitações, e, desse modo, ficava a cargo do setor imobiliário, que tinha claro interesse de produzir habitações para operários em áreas distantes dos centros das cidades industriais, ocasionando a separação entre ricos e pobres.

Além disso, em 1942, Getúlio Vargas publicou o Decreto-lei nº 4.565 estabelecendo a Lei do Inquilinato, que tinha como finalidade congelar os preços dos aluguéis e “contribuir com a classe operária no provimento da moradia popular” (GAMA, 2009, p. 73). Contudo, essa política outorgou aos empresários o poder de reduzir ou de não realizar o reajuste dos salários dos trabalhadores. A Lei do Inquilinato, após ser renovada em 1964, provocou o colapso da produção rentista, diminuindo a oferta de habitações destinadas à locação e, conseqüentemente, fazendo com que os empreendedores parassem de produzir habitações. Sendo assim, essa Lei trouxe diversas conseqüências para a classe operária, entre elas, o despejo em massa e sem alternativas se instalam em áreas mais afastadas dos centros urbanos provocando o processo de periferização das cidades industriais.

Esse fator foi a Lei do Inquilinato, que congelou todos os aluguéis residenciais nos valores de dezembro de 1941. Essa medida deveria durar dois anos, mas foi sucessivamente renovada até 1964, com apenas alguns pequenos aumentos em resposta à inflação. (...) a conseqüência imediata foi uma diminuição do mercado de aluguéis, já que se deixou de construir unidades de aluguel. Isso acelerou a partida de trabalhadores para a periferia, onde podiam encontrar terrenos baratos (e irregulares) para construir suas casas (CALDEIRA, 2000, p.218)

Ademais, a implantação de grandes projetos urbanos que visavam a modernização e crescimento econômico, por meio da construção de avenidas, viadutos e rodovias, priorizando a circulação de automóveis, contribuíram para a remoção e demolição das habitações que estavam situadas nos centros urbanos das cidades. Desse modo, novamente, a população pobre

sem escolha foi e é forçada a deixar “suas moradias e buscassem assentamento em outras partes da cidade, em muitos casos, para outros municípios” (GAMA, 2009, p. 75), sobretudo, para áreas mais afastadas dos centros urbanos.

Bonduki, 1998; Kowarick; Ant (1994 apud Gama, 2009) aponta que esse movimento da classe trabalhadora em direção à periferia da capital paulista e, também, para os municípios da Grande São Paulo, qualifica-se como “*padrão periférico de crescimento*”⁵ que consiste na produção da casa própria em loteamentos que não detinham de nenhuma infraestrutura urbana, mas que viabilizou, aos trabalhadores, a redução com os custos dos aluguéis. Esse novo padrão de crescimento urbano determinou as bases para o processo de segregação residencial imposta (CORRÊA, 1989) e do estabelecimento da relação denominada de centro-periferia

Esse padrão tem quatro características principais: 1) é disperso em vez de concentrado- a densidade populacional caiu de 110 hab/ha em 1914 para 53 hab/ha em 1963 (F. Villaça citado por Rolnik 1997: 165); 2) as classes sociais vivem longe uma das outras no espaço da cidade: as classes média e alta nos bairros centrais, legalizados e bem-equipados; os pobres na periferia, precária e quase sempre ilegal; 3) a aquisição da casa própria torna-se a regra para a maioria dos moradores da cidade, ricos e pobres; 4) o sistema de transporte baseia-se no uso de ônibus para as classes trabalhadoras e automóveis para as classes média e alta (CALDEIRA, 2000, p. 218)

Dessa forma, os loteamentos periféricos representaram uma possibilidade de habitação para população com baixo poder aquisitivo na capital paulista e, principalmente, na Grande São Paulo (BONDUKI; ROLNIK, 1982). Em Guarulhos, as antigas glebas de olarias, de pedreiras e portos de extração de areia, que se estabeleceram na zona leste do município, na segunda metade dos anos 1940, deram espaços para a formação de loteamentos periféricos destinados a classe trabalhadora urbana, que “caracterizou-se com um investimento de amplas vantagens econômicas para o incorporador e o proprietário dos lotes” (SANTOS, 2017, p. 54).

Os loteamentos no município de Guarulhos foram instalados em áreas consideradas rurais, por meio do seu parcelamento. Sendo assim, a partir da década de 1950 e 1960, os loteamentos periféricos passaram a caracterizar e predominar a paisagem da porção leste, seguindo o eixo da via Dutra, destacando-se como “principal ponto de mercantilização de lotes na periferia do município” (GAMA, 2009, p. 94). Desse modo, a ocupação das terras

⁵ Esse “padrão periférico de urbanização”, estudado por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento (BONDUKI, 1998; MARICATO, 1982; ROLNIK, 1994), foi determinado pela consolidação da casa própria em loteamentos precários, sem infraestrutura, instalados em áreas distantes ao centro urbano e, geralmente, conectadas com as porções centrais da cidade por meio de linhas de ônibus de longo percurso e com desempenho de baixa qualidade. A base de fundamentação do padrão periférico consistiu na produção doméstica da moradia, sendo o proprietário o responsável pela construção da casa-própria, e, assim, reduzindo o custo de reprodução ao deixar de arcar com o aluguel. (SANTOS, 2017, p. 49)

pertencentes aos distritos de Cumbica, Bonsucesso, São João e Pimentas, foram determinadas pela presença de loteamentos periféricos.

A comercialização desses loteamentos ocorria por meio do sistema de concessão, que consistia no repasse da terra do proprietário para o loteador, com a finalidade de elaborar um plano de repartição e de venda dos lotes (ARAÚJO, 2013). Nesse caso, o proprietário apenas detinha a função de conceder as terras, enquanto que o loteador ficava responsável pela divisão dos terrenos e a comercialização destes, estabelecendo uma cooperação por parte do proprietário e do empreendedor (SANTOS, 2017). Nesse sentido, Nabil Bonduki e Raquel Rolnik no texto "Periferia da Grande São Paulo: reprodução do espaço como expediente de reprodução da força de trabalho", define o sistema de concessão como:

[...] mecanismo que consiste na associação do proprietário da gleba com o loteador, cabendo a este 40 a 50 por cento das carteiras relativas ao loteamento. O proprietário entra no negócio apenas com a gleba enquanto todos os demais encargos competem ao loteador: projeto e aprovação dos loteamentos, obras de terraplanagem, arruamento e demais benfeitorias exigidas pela lei, elaboração do plano de vendas, determinação do preço e das prestações, contato com os corretores, recebimento das prestações e serviços relacionados com a cessão de escritura de compra e venda (BONDUKI; ROLNIK, 1982, p. 120/121)

Esses loteamentos tinham como base a autoconstrução, isto é, os próprios moradores arcavam com todos os custos da produção da casa. Para isso, utilizavam-se do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), do 13º salário, de rendimentos extras, dentre outros, para conseguir comprar os materiais e contavam com a cooperação e ajuda, na maioria das vezes, de parentes e amigos, ou apenas com a força de trabalhos da própria família (filhos, mulher e marido). Maricato (1982) ao tratar sobre o tema da autoconstrução ressalta que, precisa-se ter cuidado ao incorporar nos discursos a autoconstrução como algo cultural e natural entre a classe trabalhadora, em especial, a migrante devido a sua ligação com o campo, pois segunda autora:

É preciso lembrar, entretanto, que, longe de se ligar a uma cultura de subsistência (quando é o caso mesmo na zona rural) na cidade, essa massa é maciçamente assalariada e perfeitamente integrada numa economia urbana industrial capitalista. Se ela mantém algumas práticas de subsistência, construindo as casas, abrindo poços para se abastecer de água, abrindo fossas para o esgoto, é porque não lhe resta outra alternativa, já que ela não tem condições de comprar esses produtos ou pagar por esses serviços, seja pelo baixo poder aquisitivo dos salários, seja porque as políticas oficiais estatais tratam a infraestrutura e equipamento urbano, coletivos ou não, como mercadorias a exemplo dos setores privados, ou quando não, é mais frequentemente, combinadas a eles (MARICATO, 1982, p.74).

Portanto, a maior parte dos trabalhadores encontraram na autoconstrução a solução para o problema da falta de moradia e de rendimento para pagar o aluguel. As construções das casas ocorriam apenas aos finais de semana, feriados ou nas horas vagas do trabalhador, por isso a produção dessas casas apresenta “um caráter interminável, chegando a durar longos anos” (GAMA, 2009, p. 98).

Outra característica bastante comum nos loteamentos periféricos é a falta de infraestruturas e serviços urbanos básicos como o saneamento básico, o transporte público, ruas sem nenhuma pavimentação, como ilustra a figura 5. Segundo Gama (2009), nas décadas de 1950 e 1960, configura-se um cenário extremamente contraditório em Guarulhos, pois enquanto a economia do município atingia níveis elevados de desenvolvimento, a grande extensão periférica do município, sobretudo a zona leste, permanecia em situação de completo abandono e desamparados por parte do poder público municipal.

Figura 5: Loteamento Jardim São João, zona leste de Guarulhos



Fonte: Arquivo Histórico de Guarulhos (SANTOS, 2017, p.58)

A ausência do poder público nessas áreas, juntamente com a demora do Estado para regularizar os loteamentos, propiciaram uma situação na qual muitos loteadores aproveitavam para comercializar loteamentos de forma irregular e/ou de modo clandestina, isto é, sem conhecimento e avaliação por parte do poder público municipal. Sendo assim, de acordo com Santos (2017), principalmente no que refere-se aos loteamentos irregulares, configuraram a

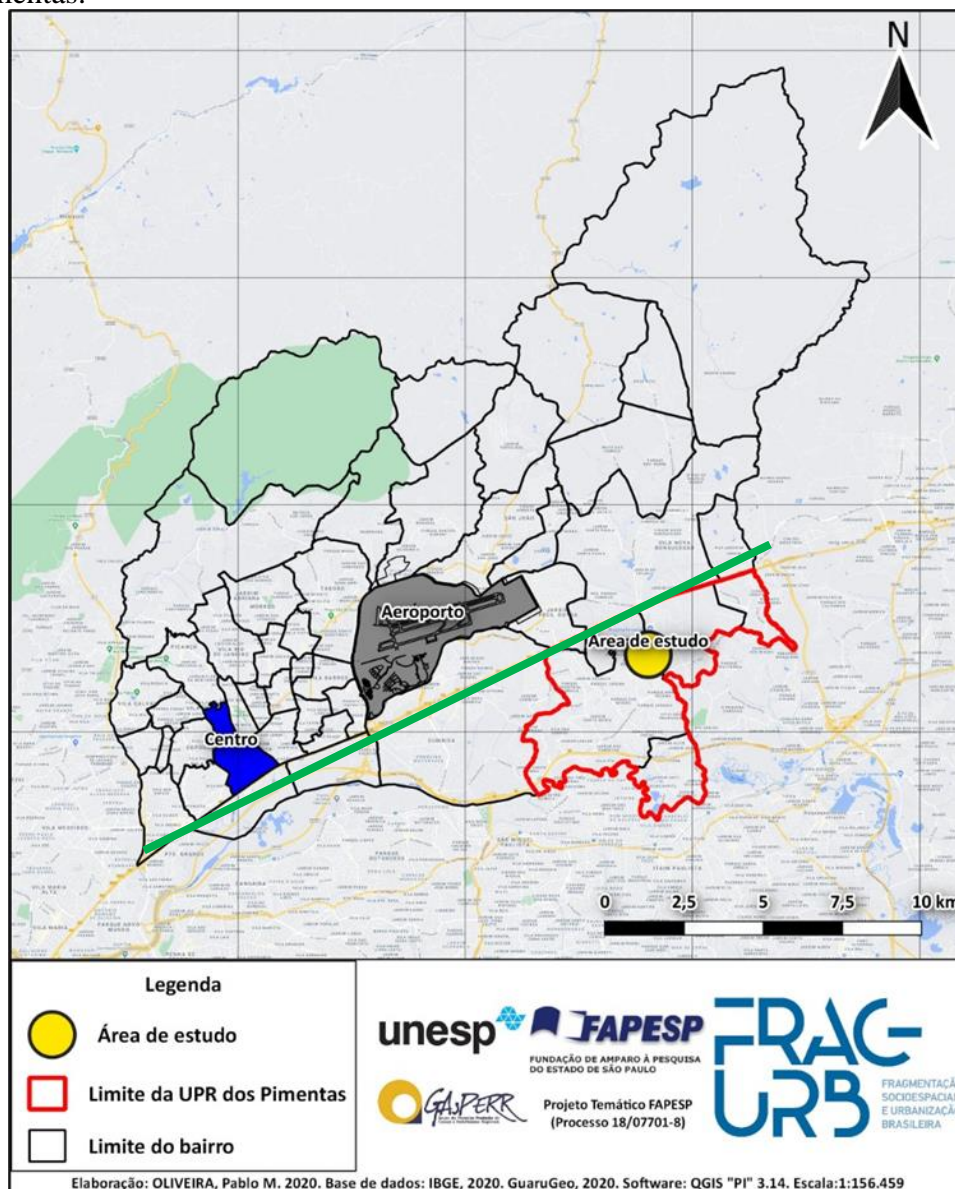
formação da periferia de Guarulhos, inclusive da zona leste, parte em que o distrito dos Pimentas pertence.

Conforme as informações da Secretaria de Desenvolvimento Urbano de Guarulhos (SDU), o loteamento mais antigo registrado na prefeitura de Guarulhos encontra-se na região dos Pimentas, denominado de Jardim Arujá, no bairro Itaim. Esse loteamento existe desde de 1952, por causa da presença da fábrica de Trotil - mais conhecida como fábrica de Pólvora - em seu território e da Nitroquímica, localizada no município de São Miguel Paulista. Além disso, dos 56 loteamentos que fazem parte do distrito dos Pimentas, 16 foram implantados nos anos 1950; 13 loteamentos em 1960; 10 loteamentos em 1970; 13 loteamentos em 1980; em 1990 foi implantado apenas 1 loteamentos e mais outros 7 loteamentos sem registro na prefeitura (CAMPOS; OLIVEIRA e FERREIRA, 2014).

Devido a expansão e o crescimento nos números de loteamentos implantados distantes do núcleo central de Guarulhos, em 1969 foi promulgada a lei do zoneamento nº 1.503, com a intenção de ampliar o perímetro urbano de Guarulhos, com a criação de quatro “Zonas de Expansão Urbana”. No caso dos Pimentas, a região encontrava-se na terceira Zona de Expansão Urbana. Porém, como aponta Santos (2017, p. 55) mesmo com o reconhecimento da administração pública municipal por meio da constituição de Zonas de Expansão Urbana para a periferia da zona leste de Guarulhos, ainda assim não destinavam “recursos e investimentos que permitissem uma integração com o urbano”.

De modo geral, a década de 1980 representou para Guarulhos e, por conseguinte, para o distrito dos Pimentas transformações significativas no que tange a seu “crescimento urbano e populacional, de complexificação das suas dinâmicas socioespaciais e de ampliação de seus papéis em múltiplas escalas geográficas” (CRUZ e LEGROUX, 2021, p. 713). Essas mudanças iniciam a partir implantação e inauguração do Aeroporto Internacional em Guarulhos, além de contribuir para novos papéis e funções do município na escala mundial, nacional e regional, também influenciou no crescimento populacional nos bairros mais afastados do aeroporto, entre eles o Pimentas, devido às desapropriações, e no isolamento de espaços na periferia, devido a extinção de vias de acesso que permitam a conexão entre a periferia, sobretudo da zona leste ao centro de Guarulhos, resultando na fragmentação do espacial do município (SANTOS, 2017) como mostra o mapa 4. No mapa estão demarcados o centro de Guarulhos, o Aeroporto Internacional e a UPR dos Pimentas, ilustrando a fragmentação do município, pois a Rodovia Presidente Dutra (BR 116), simbolizada pela linha verde, “constitui uma barreira entre o centro principal e o aeroporto, à norte da via, e a UPR dos Pimentas ao sul dela” (CRUZ e LEGROUX, 2021, 712)

Mapa 4: Município de Guarulhos. Localização do centro principal, do Aeroporto de Guarulhos e dos Pimentas.



Elaboração: OLIVEIRA, 2020 (CRUZ e LEGROUX, 2021, p. 712)

Outro acontecimento significativo ocorrido nos anos 1980 refere-se ao declínio do ritmo de industrialização da região metropolitana de São Paulo e da deslocalização de algumas indústrias para áreas urbanas mais distantes, que resultou no êxodo de indústrias importantes de Guarulhos para áreas do interior, por causa “da perda das vantagens comparativas da produção em função dos altos custos produtivos da metrópole, sem considerar outros fatores como valores dos terrenos e impostos” (SANTOS, 2017, p. 98). Esse processo repercutiu na mudança de atividade desempenhada pelo município, que passou a investir em setores de serviços de logística, hoteleiros, comércio e entre outros.

Dessa forma, com a implantação do Aeroporto Internacional, juntamente com o crescimento populacional e o processo de desindustrialização contribuíram para o surgimento e a conformação de novos espaços de (re) produção do consumo nas periferias da zona leste de Guarulhos, principalmente, nos Pimentas, a partir da saída das indústrias instaladas na área, possibilitaram a "transformação do uso e ocupação do solo de glebas antes predestinadas ao uso industrial, gravadas como zonas industriais, e que foram sendo paulatinamente ocupadas por galpões de logísticas e principalmente por condomínios residenciais para população de baixa renda" (SANTOS, 2017, p.99).

Esse período também ficou marcado pela ocupação de áreas públicas e privadas ocasionando o aumento da formação de favelas, devido à escassez da oferta dos loteamentos. Devido a isso, houve um crescimento das reivindicações por melhorias de condições de moradia e de infraestrutura, pressionando o poder público, por exemplo, para regularização dos loteamentos, e denunciando a precariedade dos serviços relacionados a acessibilidade e a oferta de transporte público, bem como, a falta de iluminação pública.

O descaso, por parte do poder público com as áreas periféricas eram tantas que contribuíram até para o surgimento de um movimento emancipacionista político das áreas que correspondem ao Pimentas, Cumbica e Bonsucesso, liderados pelos movimentos sociais de Cumbica, que propuseram a criação de um novo município denominado de Cumbica. Esse movimento iniciou na década de 1970 e durou até o final da década de 1990 (SANTOS, 2017).

Sendo assim, como resultado das reivindicações e denúncias realizadas pelos movimentos sociais, a partir das décadas seguintes, as periferias da zona leste de Guarulhos, inclusive o Pimentas, tornam-se mais visíveis perante a administração pública. Essa mudança leva à efetivação de investimentos públicos e uma série de leis, medidas e ações para melhorias urbanas e sociais dessas áreas, como por exemplo, em 1987, por meio do projeto de Lei Municipal 3283/87, no distrito dos Pimentas houve a regularização fundiária e algumas áreas passaram a integrar zonas de interesse social recebendo "implantação de infraestruturas, com planejamento e projetos de implantação e reformas das moradias existentes" (SANTOS, 2017, p.89).

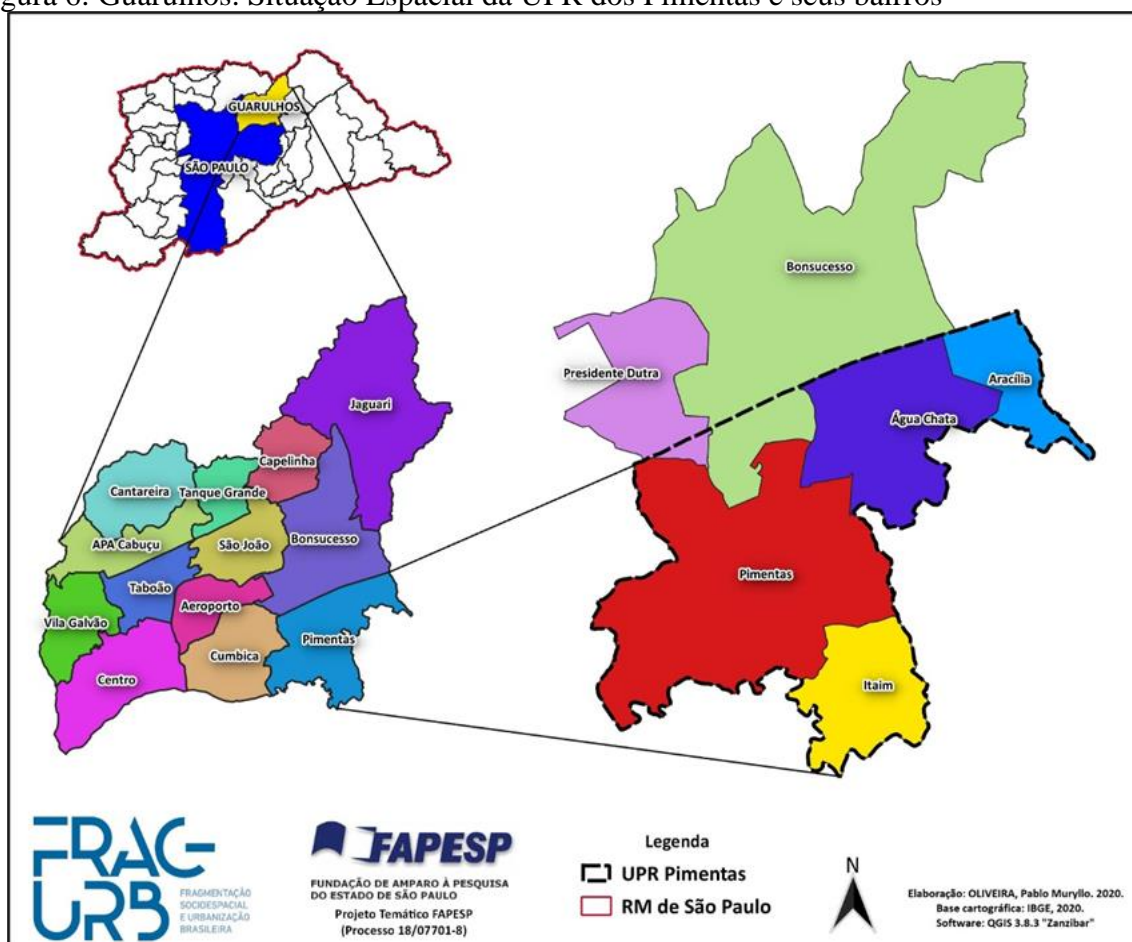
Desse modo, no final da década de 1990 a 2000, o distrito dos Pimentas já provia de equipamentos públicos e privados, como a Universidade Pública, hospital geral e *Shopping Center*, além de bancos, hipermercados, fundamentais para a consolidação de um subcentro. Todos esses processos mencionados até esse momento, fazem parte da constituição social e espacial do distrito dos Pimentas, que atualmente, passa a ser visto como um território que ao

mesmo tempo é dotado de características de centralidade, devido o subcentro, e de condição de dupla periferia social e geográfica, como será abordado no próximo subcapítulo

1.4. Dupla condição Periférica e subcentro: Uma análise do distrito dos Pimentas em múltiplas escalas

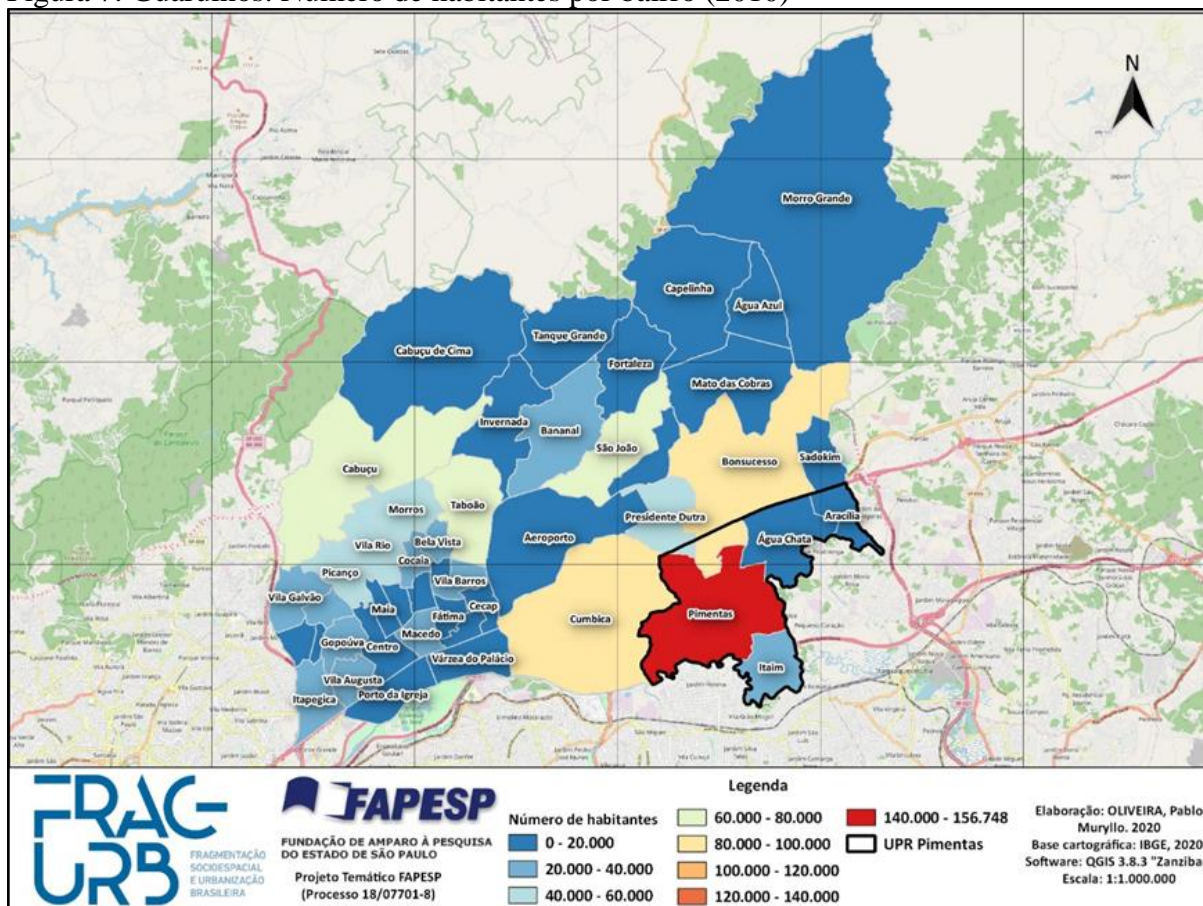
A Unidade de Planejamento Regional (UPR) dos Pimentas, o distrito dos Pimentas, ou popularmente conhecida como bairro dos Pimentas, está situada na zona leste do município de Guarulhos, a 17, 8 km de distância do centro de Guarulhos e a 32 km de distância da praça da Sé em São Paulo. Como mostra a figura 6, é uma área constituída pelo agrupamento de seis bairros: Aracília, Água Chata, Itaim, partes do bairro Bonsucesso e do Presidente Dutra, além do bairro que atribui o nome para área, o bairro dos Pimentas, que inclusive é o bairro mais populoso do município de Guarulhos com, aproximadamente, 157 mil habitantes (IBGE, 2010). A UPR dos Pimentas também é conhecida como a área mais populosa de Guarulhos, com em torno de 400 mil habitantes (MATOS, 2011) como mostra a figura 7.

Figura 6: Guarulhos. Situação Espacial da UPR dos Pimentas e seus bairros



Elaboração: OLIVEIRA, 2020. (CRUZ e LEGROUX, 2021, p. 714)

Figura 7: Guarulhos. Número de habitantes por bairro (2010)



Fonte: IBGE, 2010. Elaboração: OLIVEIRA, 2020. (CRUZ e LEGROUX, 2021, p. 715)

Como exposto no subcapítulo anterior, o município de Guarulhos passou por grandes transformações econômicas, sociais e espaciais, sobretudo, a partir da implantação da Rodovia Presidente Dutra e a inauguração do Aeroporto Internacional que contribuíram, ao mesmo tempo, para a conformação da periferia geográfica e social de Guarulhos e o surgimento de novos espaços de (re) produção de consumo nessas áreas. Além disso, juntamente a esses acontecimentos, soma-se o aumento de reivindicações e pressões dos movimentos sociais direcionadas ao poder público municipal, para realização de melhorias urbanas e de moradias, resultando em leis e medidas governamentais de uso e ocupação do solo que favoreceram a implementação de equipamentos públicos e privados, conformando segundo Santos (2017, p. 177) um “subcentro popular de maior diversificação e heterogeneidade funcional”, nesse caso, situado na UPR dos Pimentas.

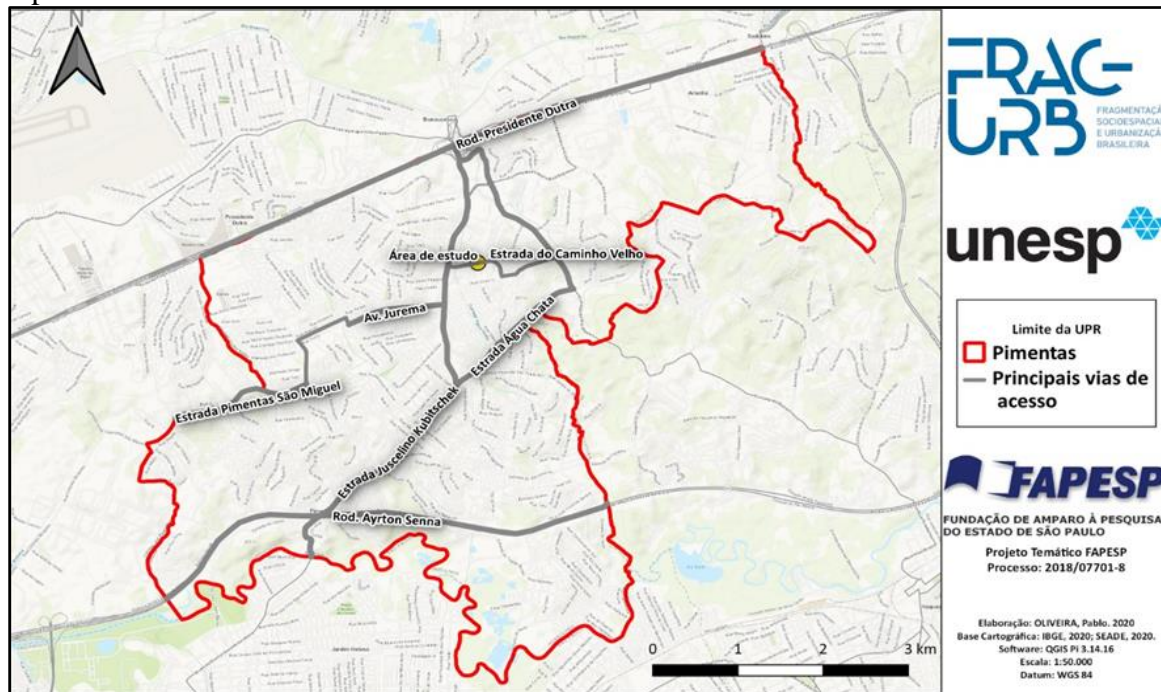
Segundo Cruz e Legroux (2021) para tratarmos sobre o Pimentas e seu subcentro deve-se levar em consideração dois elementos importantes: Primeiramente a sua situação geográfica, juntamente com a localização de infraestruturas relacionadas à acessibilidade e mobilidade e de geração de empregos. E, em segundo lugar, por meio de equipamentos, infraestruturas e

serviços de cunho público e privado existentes que fazem do subcentro dos Pimentas dotado de característica como a “heterogeneidade funcional” (SANTOS, 2017).

Em relação ao primeiro elemento, a UPR dos Pimentas está situada ao lado direito da via Dutra, vindo na direção de Guarulhos para Rio de Janeiro, e limita-se ao norte da UPR do Bonsucesso, a leste com a cidade de Arujá, ao sul com bairro São Miguel Paulista (cidade de São Paulo), e a oeste com a UPR de Cumbica (CAMPOS; OLIVEIRA e FERREIRA, 2014). Devido a isso, os Pimentas dispõe de uma importante rede viária (mapa 5), como a Estrada Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, que além de conformar pequenos eixos comerciais ao longo da via, é considerada principal via de acesso e ligação da UPR dos Pimentas à via Dutra, ao norte, e à rodovia Ayrton Senna, ao sul, como também, conecta o Pimentas à zona leste do município de São Paulo. Além do mais, a Av. Jurema e a Estrada Pimentas/São Miguel, como via de ligação e acesso da UPR dos Pimentas, com outras UPRs, nesse caso, Cumbica.

Ademais, a principal área que desempenha a função de centralidade na UPR dos Pimentas, abrange partes do bairro dos Pimentas, do bairro Água Chata e do bairro Bonsucesso, sendo que a constituição da centralidade se dá pela conexão e interligação entre a Estrada Juscelino Kubitschek de Oliveira, Estrada do Caminho Velho e da Estrada da Água Chata, eixos considerados pela lei de nº 6253 de Uso e Ocupação do Solo, de 2007, como Zonas de Comércio e Serviços (ZCS). Sendo assim, a situação geográfica da UPR representa um elemento fundamental para compreensão das dinâmicas e aspectos centrais efetuados pelo subcentro dos Pimentas.

Mapa 5: Guarulhos. UPR dos Pimentas e seus eixos viários



Elaboração: OLIVEIRA, 2020. (CRUZ e LEGROUX, 2021, p.718)

Já em relação ao segundo aspecto, Cruz e Legroux (2021, p.719) destacam que, a presença de grande quantidade e concentração de serviços e atividades como “supermercados, shopping centers, bancos, lojas, bares, lanchonetes, universidades, concessionárias, empresas de telemarketing etc”, como mostra a figura 8, explica a consolidação de um polo central nos Pimentas e não em outras áreas de Guarulhos. Essa consolidação contou, inicialmente, com atuação dos moradores, que devido à distância e a dificuldade de acesso da periferia a área central de Guarulhos, passou a estabelecer e implantar comércios e serviços na intenção de promover um abastecimento local. Mais tarde, houve as ações por parte do poder público, que por meio de leis modificaram o uso e ocupação do solo, permitindo a implementação de serviços públicos como:

[...] Centro Educacional Unificado (CEU) dos Pimentas, a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) de Guarulhos; o Teatro Adamastor Pimentas, o Terminal Rodoviário Municipal, além da Central de Abastecimento de Guarulhos (CEAG) e do Hospital Municipal Pimentas Bonsucesso (HMPB), os quais têm como principal característica serem de abrangência “regional”. (CRUZ e LEGROUX, 2021, p. 720)

Além de uma grande diversidade de comércios e serviços privados identificados a partir do estudo realizados por Santos (2017) por exemplo:

[...] 56 cabeleireiros, manicures e pedicures, 72 oficinas de reparação e manutenção de veículos, 13 casas de festas e eventos, 108 bares e/ou restaurantes, sorveteria, 13 casas de eventos, 171 comércios varejista de

vestuário e acessórios, 48 farmácias, 17 serviços de reparação e manutenção de eletrodomésticos, 20 caixas eletrônicos, 30 comércios varejistas de CDs e DVDs, 25 lojas de materiais de construção etc. (CRUZ e LEGROUX, 2021, p. 720)

Observamos também o aumento em investimentos no âmbito federal, por meio da implantação de conjuntos habitacionais do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), com a tipologia verticalizada, como podemos observar na tabela 1, dados obtidos pelo Ministério do Desenvolvimento Regional de 2020, em que consta síntese por UPRs dos números de empreendimentos; o total de Unidade Habitacional (UH) contratados e total de UH concluídas. Dessa forma, constata-se um total de 48 empreendimentos, sendo que já foram 5 mil 732 UH concluídas e 6 mil 292 UH contratadas referentes a UPR dos Pimentas. Sendo assim mostrando um crescimento de UH destinados a área, que passa a fazer parte da dinâmica habitacional atual dos Pimentas.

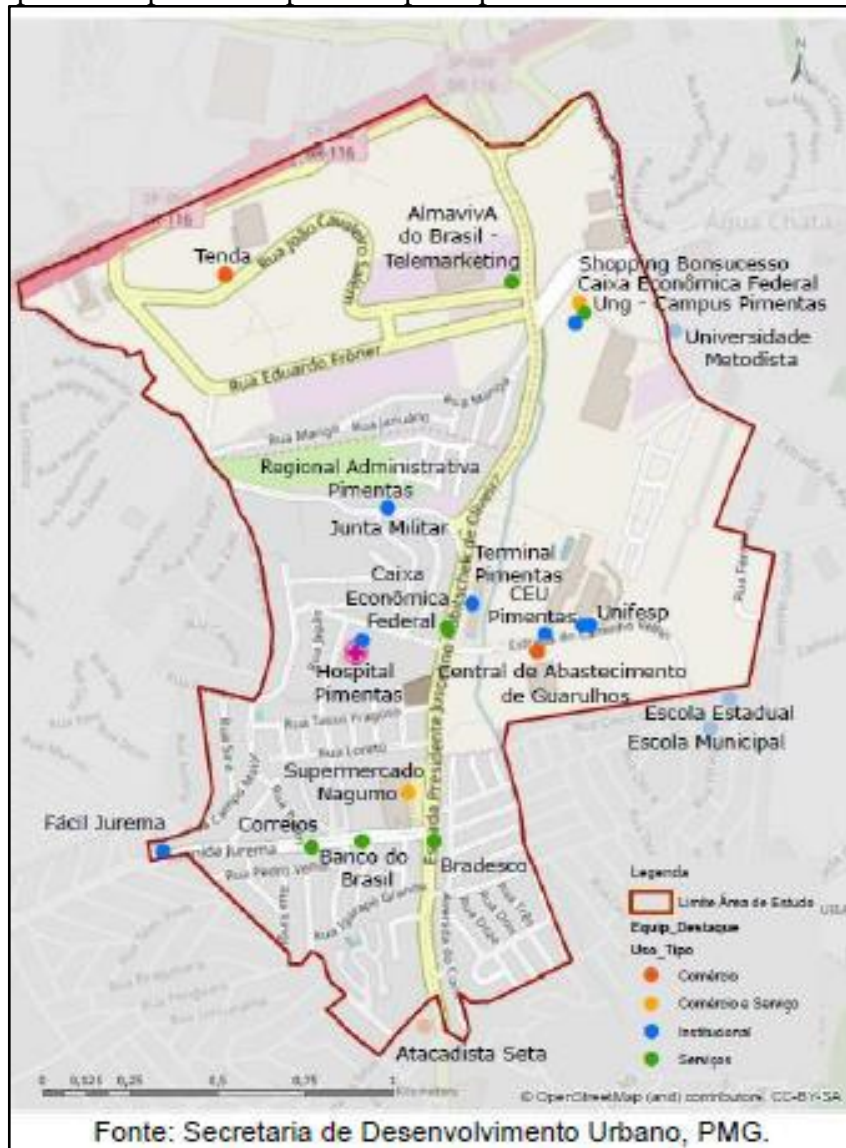
Tabela 1: Faixas 1, 1,5 e 3 - Síntese por Unidade de Planejamento Regional

Unidade de Planejamento Regional (UPR)	Empreendimentos	Total de UH contratadas	Total de UH concluídas
Pimentas	48	6.292	5.732
Centro	12	1.004	1.004
Bonsucesso	11	1.707	1.707
São João	11	2.465	2.465
Taboão	7	370	370
Cumbica	6	2.593	1.489
Vila Galvão	4	89	49
TOTAL	99	14.520	12.816

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Regional, 2020. Elaboração: Própria, 2020

Mesmo com a presença do subcentro exercendo um importante papel na constituição de uma centralidade local, como também, no âmbito regional, atraindo “visitantes, trabalhadores, consumidores e frequentadores de outras UPR e também de outros municípios vizinhos” (CRUZ e LEGROUX, 2021, p. 721), a UPR dos Pimentas também conserva características que fazem dela um espaço periférico, seja por meio de aspecto geográfico e social, como do ponto de vista da escala municipal e metropolitano, constituindo assim uma dupla condição periférica.

Figura 8: Equipamentos públicos e privados principais do subcentro dos Pimentas



Fonte: Secretária de Desenvolvimento Urbano, PMG. Elaboração: SANTOS (2020, p.130)

Com a complexificação de processos urbanos, constituída sob a égide do sistema capitalista de produção, transformam constantemente as dinâmicas sociais e espaciais das cidades brasileiras, sobretudo, em territórios periféricos. Sendo assim, o conceito de periferia passou por diversas ressignificações e releituras para explicar as novas configurações e fenômenos que estavam e ainda estão surgindo nesses espaços, como o processo de auto segregação, que a partir da construção de condomínios residenciais fechados de médio e alto padrão e o aparecimento de policentralidades nas periferias, redefiniram a dicotomia centro-periferia, em que a periferia não é mais explicada como “cidades dormitórios” (HIERNAUX e LINDÓN, 2009; SPOSITO e GÓES, 2013)

O papel periférico da UPR dos Pimentas pode ser analisado a partir de diversas variáveis e elementos, dentre eles os níveis de renda e os índices de violência. Segundo Matos (2019) baseada nos documentos “cenários projetados e propostas para a revisão do plano diretor da lei de uso, ocupação e parcelamento do solo” de 2012, além de evidenciar que a UPR dos Pimentas é uma área populosa e constituído a partir de ocupações clandestinas e irregulares, em relação aos índices de renda da população consta que:

Em relação às econômicas da população de Pimentas, os responsáveis pelo domicílio que ganham de 3 a 5 salários mínimos estão distribuídos em duas faixas, de 17,0 a 21,5% e 21,5 a 31,0%, para os chefes sem rendimentos em quase todos os bairros encontramos a faixa entre 15,5 e 23,5% com exceção do bairro Aracília que apresenta uma condição melhor, com apenas 3,5 a 10% do chefe do domicílio sem rendimento. Nenhum dos bairros apresenta mais de 2,5% do responsável com rendimento superior a 20 salários mínimos. Informa também que aproximadamente 45% da população dos Pimentas se encontram entre as classes D e E (Prefeitura de Guarulhos, 2021, p.81 apud MATOS, 2019, p. 35)

Outro dado bastante interessante para analisarmos diz respeito aos índices de violência presentes no bairro dos Pimentas. Na tabela abaixo estão representados dados relacionados a registros de maior índice de violência contra mulher, do ano de 2020, constando homicídios; Lesões corporais/ maus tratos; Calúnia, difamação, injúria, const. ilegal; Violação de Domicílio/Dano; Estupro; e outros crimes contra a dignidade humana. Como podemos observar na tabela 2 em relação ao total de crimes contra mulher, apenas o bairro dos Pimentas é responsável por 799 números de casos, equivalente a 20%, aparecendo em primeiro lugar no ranking de bairros com maiores registros de violência contra mulher.

Tabela 2: Levantamento dos bairros de Guarulhos com registro de maior índice de violência contra a mulher em 2020

Bairros	Homicídios		Lesão corporal / maus tratos		Calúnia, difamação, injúria, const. ilegal		Ameaçar, Aliciar, Assediar, instigar		Violação de Domicílio/ Dano		Estupro		Outros Crimes contra a dignidade humana		Total de crimes por Bairro	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Pimentas	5	5%	245	13%	160	13%	303	12%	29	9%	52	15%	5	11%	799	20%
Bonsucesso	9	10%	149	8%	88	7%	228	9%	15	5%	42	12%	1	2%	532	13%
Cumbica	17	18%	147	8%	73	6%	201	8%	20	6%	30	9%	6	14%	494	12%
Taboão	3	3%	125	7%	78	6%	190	8%	14	5%	21	6%	1	2%	432	11%
Cabuçu	2	2%	118	6%	83	7%	166	7%	23	7%	21	6%	2	5%	415	10%
São João	1	1%	108	6%	70	6%	142	6%	28	9%	26	7%	6	14%	381	10%
Pres. Dutra	7	7%	67	4%	69	6%	109	4%	9	3%	8	2%	2	5%	271	7%
Picanço	1	6%	67	4%	55	4%	96	4%	13	4%	14	4%	1	2%	247	6%
V. Rio de Janeiro	1	1%	61	3%	35	3%	91	4%	15	5%	7	2%	0	0%	210	5%
Vila Galvão	2	2%	53	3%	55	4%	66	3%	8	3%	9	3%	0	0%	193	5%
TOTAL dos 10 bairros mais violentos	48	51%	1140	61%	766	61%	1592	63%	174	56%	230	65%	24	55%	3974	62%
SOMA DOS DEMAIS BAIRROS DE GUARULHOS COM ÍNDICES DE VIOLÊNCIAS REGISTRADOS CONTRA MULHERES																
Demais Bairros	46	49%	728	39%	480	39%	924	37%	136	44%	122	35%	20	45%	2456	38%
TOTAL Geral do Município	94	100%	1868	100%	1246	100%	2516	100%	310	100%	352	100%	44	100%	6430	100%

Fonte: Observatório de Direitos Humanos de Guarulhos, 2021.

Segundo Cruz e Legroux (2021) o papel periférico da UPR dos Pimentas também pode ser explicada por meio das dinâmicas envolvidas durante a expansão urbana de Guarulhos, nos anos 1950 e 1960, para áreas mais afastadas do centro da cidade, que devido o baixo preço das terras nessas áreas, os trabalhadores de fábricas em busca de melhores condições de vida, emprego e moradia, passam a ocupar, sobretudo, loteamentos periféricos desprovidos de infraestrutura básica, constituindo assim áreas com fortes características periféricas, zona leste de Guarulhos, situado na divisa com município de São Paulo. Tendo em vista esses aspectos, Guarulhos ocupa e se situa numa condição de periferia em relação ao município de São Paulo. Sendo assim, como acrescenta Santos (2006)

A impressão que fica é que os novos bairros que surgiram e os bairros mais distantes do chamado núcleo central de Guarulhos e suas adjacências eram zonas periféricas que não pertenciam ao município, apesar da localização político-administrativa dessas áreas no município. Constituíram-se mais como periferias metropolitanas do que Guarulhos e com características identitárias diferenciadas das costumeiramente assinaladas para caracterizar o município como uma cidade (SANTOS, 2006, p. 166)

Além disso, o plano diretor Desenvolvimento Urbano, Econômico e Social do município de Guarulhos do ano de 2004, qualifica a UPR dos Pimentas como uma área que

“requer melhorias urbanas em termos de infraestruturas básicas, de equipamentos sociais e culturais, mas também em termos de construção de habitação de interesse social e de regularização urbanística e fundiária” (CRUZ e LEGROUX, 2021, p. 722), designando-a como *macrozona de Urbanização em Desenvolvimento*.

Diante desses aspectos supracitados, apresenta a complexidade da dinâmica urbana presente no distrito dos Pimentas, constituindo, no decorrer do tempo, um subcentro local, porém mantendo o seu papel de território periférico na escala urbana de Guarulhos, como também, do ponto de vista da área metropolitana, a partir de características relacionadas, por exemplo, pelos tipos de habitação, pelos índices de renda, violência e modos de viver o cotidiano. Sendo assim, o distrito dos Pimenta apresenta uma “tensão” entre o papel de subcentro local e o papel periférico, que perpassa várias escalas, e com isso revela o potencial empírico e analítico desta área (CRUZ e LEGROUX, 2021)

Capítulo 2

Abordagem teórica sobre o estigma territorial e elementos de Metodologia

2.1 Do estereótipo ao Estigma territorial

O termo estigma está presente na sociedade desde a antiguidade clássica. Na Grécia Antiga, o estigma referia-se a sinais corporais, que eram provocados por cortes ou fogos, com a intenção de “evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava” (GOFFMAN, 2008, p. 11). Esses sinais serviam como meio de identificar aqueles que eram considerados traidores, criminosos ou escravos, significando que a presença dessas pessoas e a proximidade delas deveriam ser evitadas. Além disso, estes sujeitos eram proibidos de frequentarem espaços públicos, assim impedindo-os de manter contatos e os privando da convivência social com outras pessoas.

Posteriormente na Era Cristã, o estigma também era determinado por meio de sinais corporais, porém, denotando duas novas diferentes representações: 1) A que detinha o sentido religioso, em que determinadas marcas corporais eram vistas como uma graça divina. 2) E a perspectiva médica, marcas consideradas como distúrbios físicos. Após esse período, o estigma passou a aludir características que envolviam o contexto social no qual o sujeito estava inserido, não mais ligadas apenas aos aspectos físicos dele. Todavia, o debate era realizado sem desvendar suas causas estruturais e os efeitos sociais que provinham e provêm do estigma.

Nesse sentido, Goffman (2008) em seu livro “Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada” trouxe novas perspectivas e conteúdo que permeiam o termo estigma. Para ele, o estigma é a “situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”, condição que se estabelece por meio da categorização e determinação de atributos tidos como normais (ou não) perante a sociedade. Sendo assim, tais processos são frutos da estrutura social da sociedade, que fornece os meios de categorizar as pessoas, instituindo-as através dos ambientes sociais, onde “estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas” (GOFFMAN, 2008, p.12-13).

Desse modo, as relações sociais cotidianas já são pré-definidas em ambientes estabelecidos mediante as categorias, isto é, os relacionamentos entre as pessoas desde já são previstos e esperados nos ambientes, viabilizando a participação ou a exclusão de sujeitos em grupos sociais (RODRIGUES, 2018). Logo, quando entramos em contato com pessoas estranhas, imediatamente, presumimos categorias e atributos a elas, que são convertidas em

“expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso” (GOFFMAN, 2008, p. 12).

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem [...] (GOFFMAN, 2008, p.6).

Portanto, o estigma manifesta-se a partir das pré-concepções que estabelecemos por meio de categorias e o “total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias” (GOFFMAN, 2008, p. 11), gerando afirmações daquilo que o outro deveria ser, muitas vezes, dando-lhes conotações de sentido condenatório, que reforçam a construção social e cultural de padrões normativos sociais, que resultam na subjugação e na deterioração da identidade do sujeito.

Mediante a isso, Goffman (2008) menciona a constituição de duas identidades sociais dos sujeitos estigmatizados: a real e a virtual. A constituição dessas identidades reflete na maneira como os sujeitos irão se relacionar com outros, visto que algumas características os tornam alvos de estigma, sobretudo, a partir do momento que “há uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real” (GOFFMAN, 2008, p. 12)

[...] É nesse ponto, provavelmente, que percebemos que durante todo o tempo estivemos fazendo algumas afirmativas em relação àquilo que o indivíduo que está à nossa frente deveria ser. Assim, as exigências que fazemos poderiam ser mais adequadamente denominadas de demandas feitas “efetivamente”, e o caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado mais como uma imputação feita por um retrospecto em potencial – uma caracterização “efetiva”, uma *identidade social virtual*. A categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir, serão chamados de sua *identidade social real*. (GOFFMAN, 2008, p.12)

É importante destacar que o estigma não está diretamente pautado pela existência apenas de atributos, e sim concebido como uma linguagem de relações contraditórias entre atributos e estereótipos, pois “um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso” (GOFFMAN, 2008, p. 13). Dessa forma, o termo estigma faz referência apenas à existência de atributos depreciativos.

Diferentemente, o estereótipo, apesar de ser bastante utilizado como sinônimo de estigma, implica em processos e efeitos diferentes nos sujeitos e/ou grupos sociais. Segundo

Naranjo e Toro (2009), o estereótipo consiste na relação com o “outro” a partir da diferenciação mediante ao desconhecimento sobre ele, ocasionando a subjugação dos sujeitos, constituindo uma tensão entre o ser (identidade social real) e o parecer (identidade social virtual).

O estereótipo também corresponde à imagem que formamos a partir do conhecimento à distância que adquirimos dos sujeitos. A imagem configura-se por meio do processo de tipificação “o outro não é propriamente revelado, mas tipologizado” (CASTILLEJO, 2000, p.113 apud NARANJO e TORO, 2009, p.119), contribuindo para conformação de um estereótipo convertido em um imaginário generalizado, na qual passamos a reconhecer os sujeitos mediante a sua “identidade social virtual”, que, muitas vezes, não diz respeito a características reais do sujeito.

Na cidade, o nível de identidade virtual tem um lugar privilegiado, pois há uma proliferação de diversos estilos de vida, grupos sociais e culturais que se cruzam constantemente sem parar no conhecimento dos atributos que pertencem ao ser. Nesse sentido, o lugar do estereótipo adquire um lugar central nas relações que se estabelecem com os "outros" no contexto urbano (NARANJO e TORO, 2009, p.119)

Quando identificamos os sujeitos pela sua identidade social virtual nem sempre estamos associando características negativas a eles, ou seja, o estereótipo também se comporta como atributos positivos no indivíduo. No entanto, Naranjo e Toro (2009) destacam que os julgamentos de atribuição, preconceitos ou tipologização podem ser convertidos em ferramentas estratégicas para o processo de diferenciação ocasionando a diminuição dos grupos e espaços, por meio de uma identidade específica baseada em estereótipos negativos.

En este sentido, los individuos de determinada clase o barrio son identificados, entonces, desde un comportamiento predecible pues, por efectos de la incorporación del estereotipo “si vives en la periferia eres violento, o peor sicario y por lo tanto peligroso; si vives en El Poblado eres rico, levantado o narco...” (NARANJO e TORO, 2009, p. 200)

Os estereótipos podem existir sem estigmas, entretanto este também constitui como uma fase que antecede o processo de estigma, como nos casos em que os estereótipos são utilizados como mecanismo que geram discriminação ou segregação de grupos e espaços. Dessa forma, o estereótipo pode levar ao estigma, que, por sua vez, é atinente apenas aos atributos e aspectos negativos, resultando em processos mais intensos e complexos.

Além do mais, Goffman (2008) reconhece que o processo de estigma pode se manifestar a partir de três modos diferentes entre os sujeitos e os grupos sociais. O primeiro refere-se às abominações do corpo ligadas às deformidades físicas. O segundo tipo de estigma relaciona-se ao caráter do indivíduo “percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais,

crenças falsas e rígidas, desonestidade” (GOFFMAN, 2008, p. 14). Por fim, o estigma associado a conteúdos referente a raça, religião e tribos, que são transmitidos entre gerações afetando todos os membros da família. Todos esses estigmas remetem, principalmente, ao processo de não aceitação dos sujeitos em relações sociais em ambientes estabelecidos.

Essa última categoria de estigma (raça, religião e tribos) assemelha-se ao que Wacquant (2006) conceitua de estigma territorial.

É significativo que Erving Goffman (1963) não mencione o local de residência como um dos « handicaps » que podem «desqualificar um indivíduo» e privá-lo « total aceitação pelos outros ». E, contudo, a infâmia territorial apresenta propriedades parentes das que advêm dos estigmas corporais, morais e tribais, e coloca dilemas de gestão da informação, da identidade e das relações sociais totalmente similares, apesar de ostentar também propriedades distintas. Dos três grandes tipos de estigmas catalogados por Goffman (1963: 4-5), as « disformidades do corpo », os « defeitos de carácter » e as marcas de « raça, nação e religião », é com o terceiro que o estigma territorial se aparenta, visto que « pode ser transmitido por via da linhagem e [que ele] contamina de igual modo todos os membros da família ». (WACQUANT, 2006, p. 28)

O estigma territorial refere-se a um conjunto de conteúdos e discursos de descréditos atribuídos a um determinado território. Esse processo tem um caráter homogeneizador, pois todos aqueles sujeitos que residem nesses territórios estigmatizados passam a ser identificados apenas pela identidade social virtual, constituída a partir do local onde habitam, por exemplo, reprodução de narrativas como todos que moram no distrito dos Pimentas são “criminosos” portanto consiste no local perigoso. Dessa maneira, os cidadãos, juntamente com território, degradam-se simultaneamente.

Wacquant (2006) aponta em seus estudos que o processo de estigma territorial resulta do avanço da marginalidade que sempre “tende a concentrar-se em territórios isolados e claramente circunscritos” (Wacquant, 2006, p.27). Este, por sua vez, é fruto da falta de políticas públicas efetivas nesses territórios, contribuindo para o crescimento da pobreza e o aumento da desigualdade social. Dessa forma, o Estado se torna o principal agente de produção e reprodução do estigma territorial “por meio da adoção de medidas nocivas que podem marginalizar ainda mais os habitantes desses locais” (CAMPOS, 2019, p. 5).

Em decorrência disso, esses territórios são percebidos como locais de perdição, perigosos, violentos “onde só circulam os desviantes e resíduos da sociedade” (RODRIGUES, 2018, p. 1935), ocasionando o estigma baseado em seus territórios, mesmo que, não necessariamente esses atributos estejam presentes e que façam parte do cotidiano desses locais.

Que esses lugares estejam ou não deteriorados, sejam ou não perigosos e a sua população seja ou não essencialmente composto de pobres, minorias e

estrangeiros, tem pouca importância, no fim das contas: a crença preconceituosa de que assim não basta para engendrar consequências socialmente nocivas (WACQUANT, 2006, p. 29)

Sendo assim, o local de residência, consiste em um elemento que acompanha os sujeitos em suas relações sociais. Com isso, a aceitação (ou não) dos sujeitos nos ambientes sociais tem como fator determinante a situação geográfica na qual suas residências estão inseridas. Isso significa que, os cidadãos, juntamente com o território estigmatizado, estão mais suscetíveis a sofrerem discriminação e exclusão.

Segundo Paiva (2007, p.3) no Brasil, principalmente, nas áreas metropolitanas, as periferias são vistas como territórios de “realização de práticas violentas, principalmente, da criminalidade violenta, tanto em sua forma difusa como organizada”, como no caso do distrito dos Pimentas, que por se situar numa condição de dupla periferia, isto é, periferia da cidade de Guarulhos como também da área metropolitana de São Paulo, é representada no imaginário social como uma área perigosa e violenta. Sendo assim, o estigma territorial sobre o Pimentas, reflete-se na generalização de que todos os moradores daquela área são “criminosos em potencial” (FERNANDES, 2009, p.206) assim ocasionando a marginalização e a descriminalização destes, como podemos observar na fala de uma moradora “(...) ainda sinto que algumas pessoas têm receio, alguns moradores daqui, tem receio de falar que mora no distrito dos Pimentas...” (Marinalva, 28 anos, mora há 28 anos no distrito dos Pimentas).

Em vista disso, esses territórios também são alvos de discursos depreciativos amplamente divulgados e produzidos, sobretudo, pelos meios de comunicação, refletindo no cotidiano dos moradores dos locais estigmatizados. Por esse motivo, o estigma territorial é um processo que se constitui como uma forma de violência simbólica, a qual se estabelece a partir das desigualdades sociais e utiliza-se de ferramentas como as distinções e a dominação para degradar simbolicamente determinado local.

2.2 As violências simbólicas e suas articulações com o processo de Estigma Territorial

Neste trabalho, optamos em não debater profundamente as perspectivas teóricas que tratam sobre a violência e suas diversas maneiras de manifestação. Utilizaremos a construção teórica apresentada no artigo “Estigma Territorial como forma de violência barrial: El caso del sector El Castillo”, escrito por Cornejo (2012), e do livro “Espaços fechados e cidades: Insegurança urbana e fragmentação socioespacial” escrito por Sposito e Góes (2013), para uma breve abordagem sobre a violência com o objetivo de introduzir o debate sobre as violências simbólicas.

Violência é um termo polissêmico (SPOSITO e GÓES, 2013, p.169) complexo e multidimensional (CORNEJO, 2012, p. 182) sendo discutido por diversos pesquisadores que pertencem a distintas áreas, os quais têm perspectivas diferentes sobre o termo. Sposito e Góes (2013) ressaltam a partir de Wieviorka (1997) que a violência não se expressa da mesma maneira entre os períodos históricos.

Cada grande período pode ser definido por um repertório de violências que os sujeitos sociais são capazes de articular. As configurações de cada período levam à decadência ou à ascendência de determinadas formas de violência, submetendo-as, domesticando-as e fazendo surgir novas formas de sua expressão (SPOSITO e GÓES, 2013, p. 169).

Na sociedade contemporânea, a violência pode ser sentida de diversas formas, uma delas diz respeito à violência que tange a uma perspectiva do senso comum, na qual reconhecemos com mais facilidade por expressar agressividade física, verbal ou psicológica sofrida diretamente por um determinado grupo ou indivíduo. Cornejo (2012, p.180) destaca que, por muito tempo, em diversas literaturas a violência foi tratada apenas como uma expressão física, “conduta ou ameaça credível de causar dano físico”, e associado a atos criminosos, na qual este constitui a sua principal manifestação.

Ao abordar a violência apenas nessa perspectiva, além de uma visão reducionista do processo, também ignoramos as estruturas (racista, homofóbica, patriarcal, entre outras) que fazem e fortalecem a sua expressão, dentre elas as relações de domínio que existem, em que a “distribuição desigual do poder numa sociedade é um dos principais fatores na manifestação da violência” (CORNEJO, 2012, p.180).

Porém, existe um tipo de violência que não conseguimos identificar e reconhecer tão facilmente, pois se manifesta de maneira menos explícita, refere-se ao que Bourdieu (2003) conceitua como violência simbólica. Segundo o autor, a violência simbólica é exercida pelo poder simbólico, e a ação desse poder se expressa de maneira oculta, isto é, “aquele que não se mostra como um poder, não aparenta ser um meio de coerção, é o poder em que o indivíduo não sabe ou não se apercebe que está sendo dominado” (SOUZA, 2014, p. 140).

Bourdieu (2003) pontua que a arte, a religião e a língua são formadores dos sistemas simbólicos, e desempenham função importante como instrumentos de conhecimento e de comunicação. Esses sistemas simbólicos, por sua vez, são estruturas que estruturam outras estruturas, isto é, constroem modos de pensar e agir da sociedade, por meio do exercício do poder.

[...] Os símbolos são os instrumentos por excelência da “integração social”: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam

possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração “lógica” é a condição da integração “moral”. (BOURDIEU, 2003, p.10)

Sendo assim, esses sistemas simbólicos servem como mecanismos de dominação ligados aos interesses da classe dominante, por meio da produção de ideologias e culturas dominantes que legitimam “as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante” (BOURDIEU, 2003, p.10-11). Dessa forma, a classe dominante tem o monopólio da violência simbólica, mantendo outras classes sob seu controle e estas nem sabem que são vítimas de uma violência simbólica.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a ‘domesticação dos dominados’ (BOURDIEU, 2003, p. 11).

Dessa maneira, embora sendo uma violência que se manifesta de maneira oculta, ela converge com outros tipos de violência, pois fundamenta as relações de poder de uma determinada classe, resultando na condição de subordinação e implicando na realidade social de outras classes (CORNEJO, 2012, p.183). Portanto, ainda segundo Cornejo (2012), uma das características principais que se relacionam com a violência simbólica é a forma como desempenha uma posição central na intermediação entre o anonimato e a visibilidade dos grupos e/ou sujeitos.

Ao tratarmos de estigma territorial, estamos nos referindo à imposição de um conjunto de conteúdos significados e discursos, que culminam na criação de um imaginário negativo e homogêneo sobre um determinado território, e que, conseqüentemente, são identificados nos sujeitos que o habitam. Por esses motivos, o estigma territorial é fruto da violência simbólica, em que as imposições de práticas e discursos se dão por meio das relações de poder e “quem a sofre tem pouca capacidade de constituir uma identidade social diferente daquela imposta” (CORNEJO, 2012, p. 185).

Bourdieu (2008), por sua vez, contribui para o debate, afirmando que o estigma é entendido como uma forma de violência simbólica, devido também “a capacidade de dominar o espaço, sobretudo apropriando-se (material ou simbolicamente) de bens raros (públicos e privados) que se encontram distribuídos, depende do capital que possui” (BOURDIEU, 2008,

p. 163), constituindo, desse modo, uma expressão da desigualdade socioespacial instaurada pelo sistema capitalista.

O sucesso nas disputas depende do capital acumulado (sob suas diferentes espécies). De fato, as oportunidades médias de apropriação dos diferentes bens e serviços materiais ou culturais, associados a um determinado, especificam-se pelos diferentes ocupantes desse habitat segundo as capacidades de apropriação (materiais - dinheiro, meios de transporte particulares- e culturais) que cada um detém como propriedade. Pode-se ocupar fisicamente um habitat sem habitá-lo propriamente falando se não se dispõem dos meios tacitamente exigidos, a começar por um certo hábito. (BOURDIEU, 2008, p. 165)

Sendo assim, Bourdieu (2008, p.166) ajuda a ampliar o entendimento da expressão da violência simbólica sobre o território, culminando no que estamos chamando de processo de estigma territorial, por meio da justaposição de áreas residenciais consideradas a partir da sua capacidade de acumulação de capital.

O bairro chique, como um clube baseado na exclusão ativa de pessoas indesejáveis, consagra simbolicamente cada um de seus habitantes, permitindo-lhe participar do capital acumulado pelo conjunto dos residentes: ao contrário, o bairro estigmatizado degrada simbolicamente os que o habitam, e que, em troca, o degradam simbolicamente, porquanto, estando privados de todos os trunfos necessários para participar dos diferentes jogos sociais, eles não têm em comum senão sua comum excomunhão. (BOURDIEU, 2008, p. 166).

Portanto, o modo que estamos entendendo o estigma territorial se constitui a partir de três elementos: 1) o simbólico, 2) o econômico e o da 3) separação de áreas. O primeiro elemento diz respeito à violência simbólica, estabelecida por meio do poder simbólico e na determinação de significados e conteúdos depreciativos associados a um território. Já o elemento econômico, refere-se à articulação entre a quantidade de capital disponível pelo sujeito ou grupo e a apropriação do espaço. E por último, a separação de áreas em bairros chiques e estigmatizados, processo esse que é condicionante e condicionado pelos outros dois elementos supracitados.

Apesar da abordagem sobre o estigma territorial por meio desses três elementos, o debate desse processo é complexo, dinâmico e constituído por diversos outros elementos que rebatem nos sujeitos, grupos e, sobretudo, no espaço.

2.3 Pequena introdução sobre os procedimentos metodológicos.

Para a compreensão do estigma territorial no distrito dos Pimentas, durante o percurso acadêmico foram adotados procedimentos metodológicos fundamentais que ajudaram a construir o entendimento da presença e desse processo.

Com isso, foram realizados 3 trabalhos de campo na área de estudo, sendo o primeiro ocorrido no dia 19 de julho de 2019 com a intenção de apreender as práticas espaciais, os usos do espaço público e o cotidiano urbano na área comercial e residencial do distrito dos Pimentas. O segundo trabalho de campo ocorreu no dia 29 de novembro de 2019, com a participação da equipe do projeto temática “Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira” para o reconhecimento da área, desencadeando a inserção da área nos estudos frente ao projeto temático. E o terceiro e último trabalho de campo foi realizado entre os dias 2 a 4 de novembro de 2021, com o objetivo de realizar observações e descrições detalhadas do principal eixo comercial dos Pimentas denominada de “Avenida Juscelino Kubitschek”, no *Shopping Center* Bonsucesso, e no terminal urbano dos Pimentas, bem como a aplicação de enquetes na intenção de analisar o nível de centralidade da área e sobretudo as condições de mobilidade de seus habitantes. Além disso, efetuamos entrevistas e observações nos conjuntos habitacionais do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) um localizado no Jardim Vermelhão e o outro no Jardim Guilhermino, bairro pertencente ao distrito dos Pimentas. Sendo assim, os trabalhos de campo foram fundamentais não só para o reconhecimento da área, mas também para a apreensão de processos e dinâmicas que fazem da área dos Pimentas um território periférico e complexo.

Entre os percursos metodológicos escolhidos para as análises relacionadas ao estigma territorial no distrito dos Pimentas, temos também, a realização de Grupos Focais. Os Grupos Focais têm como principal objetivo "produzir dados de natureza qualitativa na forma de discursos que permitem captar, de forma mais ou menos ampla, opiniões que circulam no meio social do qual os participantes do grupo fazem parte" (FRAGURB, 2018, p. 30). Desse modo, como uma escolha política, os Grupos Focais foram feitos com mulheres do Residencial Dunas e do Condomínio Esplanada, nos dias 14 e 15 de fevereiro de 2020 respectivamente, ambos pertencem ao Programa Minha Casa Minha Vida (Faixa-1) e localizados na área dos Pimentas/Guarulhos-SP.

Outro procedimento metodológico fundamental e também de cunho qualitativo, foram as aplicações de entrevistas com cidadãos, com o propósito de apreender “depoimentos sobre as experiências vividas espacialmente, as razões que apresentam para justificar suas escolhas,

o modo como avaliam tais experiências e os discursos que elaboram a respeito de suas próprias práticas cotidianas” (FRAGURB, 2018, p. 32). As entrevistas se articulam em forma de "blocos" de perguntas sobre diferentes dimensões da vida cotidiana e urbana de cidadãos e cidadãs de diferentes condições sócio-econômicas, localizações residenciais e tipos de habitar (casa, apartamento, condomínios fechados horizontais e verticais, ocupações e favelas etc). Com isso, foram realizadas, no âmbito do projeto temático “Fragmentação e Urbanização Brasileira: Escalas, Vetores, Ritmos, Formas e Conteúdos” 5 entrevistas com moradores que residem em outras áreas da cidade de Guarulhos, 2 com cidadãos que residiam nos Pimentas, mas que atualmente moram na área central de Guarulhos e em outro município, totalizando 7 entrevistas com não moradores dos Pimentas e 5 com cidadãos que moram no distrito dos Pimentas, por meio de um “roteiro semiestruturado utilizado para orientar as perguntas, organizadas em blocos temáticos que sempre se iniciam com um perfil do entrevistado que não inclui sua identificação” (FRAGURB, 2018, p. 33). Dessa forma, foram efetuadas leituras aprofundadas e foi feita a sistematização das falas dos entrevistados, corroborando com o estudo do estigma territorial e, também, para o mapeamento das práticas espaciais dos cidadãos.

Além disso, foram efetuados levantamentos de matérias e artigos de jornais, de forma digital, no acervo do jornal “O Estado de S. Paulo”, conhecido também como Estadão, desde a década que inicia o processo de periferização de Guarulhos para áreas da zona leste, em especial os Pimentas, em 1950, até os dias atuais, utilizando-se de palavras chaves como: região dos Pimentas, área dos Pimentas, Pimentas e bairro dos Pimentas. A partir das buscas realizadas, constatamos que, de modo geral, existem poucas reportagens relacionadas ao distrito, dificultando o levantamento bem como a captação de conteúdos que estigmatizam territorialmente o Pimentas. Apesar desta limitação, essa metodologia permitiu, no entanto, o entendimento das narrativas e representações, isto é, o estigma territorial presente sobre o bairro dos Pimentas.

Atualmente, os estudos relacionados às relações dos sujeitos nas redes e mídias sociais, denominado de netnografia, têm ganhado grande relevância para o entendimento de dinâmicas e interações que, agora, em grande parte do tempo estão ocorrendo através desses meios, utilizando-se da

[...] submersão do pesquisador em um grupo, segmento ou movimento social em que as relações, também, são estabelecidas virtualmente para que seja realizada a observação e investigação de práticas sociais de comunicação que podem fornecer “pistas evidentes da conexão da antropologia com a cibercultura” (MONTARDO e ROCHA, 2005, p. 08 apud FRAGURB, 2018, p. 34).

Sendo assim, a Netnografia auxilia no desenvolvimento de outras frentes metodológicas, como nesse caso, a partir do levantamento de memes retirados da página de Facebook “GRU MIL GRAU” na qual tem como lema “Vivendo o politicamente incorreto em Guarulhos”, dispendo de 24.205 mil curtidas e 24.701 mil de pessoas que a seguem. É considerada uma página de humor e de carácter regional. Os memes também foram retirados da página “GUARUTROLLS”, com a descrição “trolando e andando”, contém 111.681 mil curtidas e 112.460 mil pessoas que a seguem. Essa página também possui um site “guarutrolls.com.br” em que enfatiza que “é um site de humor e entretenimento. Por favor, não se ofenda com nada aqui ok?”. Com isso, a partir das análises dos memes foi possível captar conteúdos que associavam com discursos produzidos e reproduzidos pelos entrevistados, os artigos de jornais e dos Grupos de Diálogo, fundamentando-os (FRAGURB, 2018).

Os procedimentos metodológicos como Trabalhos de campo, Entrevistas e Grupos Focais, foram executados durante a Iniciação Científica que tinha como objetivos discutir as “Práticas espaciais e cotidiano urbano na periferia da metrópole de São Paulo: os usos e apropriações do espaço, segundo diferentes grupos etários e temporalidades”. Por meio delas conseguimos registrar falas que atribuíam conteúdos que estigmatizam o distrito dos Pimentas, que contribuíram para a reflexão e a escolha do tema desta pesquisa, complementando a investigação a partir da realização dos levantamentos de artigos de jornais e dos memes pelas redes sociais. Dessa forma, todos os percursos metodológicos adotados nesta pesquisa foram importantes para o entendimento do estigma territorial sobre a área dos Pimentas, sobretudo, na compreensão da produção, reprodução, representação, das causas e dos efeitos desse processo no território dos Pimentas e de seus moradores, como veremos mais adiante.

Capítulo 3

O Estigma territorial no distrito dos Pimentas (Guarulhos/SP): Uma perspectiva multiescalar

3.1. Um olhar de fora: construção e reprodução do estigma territorial

3.1.1 O impacto do discurso midiático para o fortalecimento do Estigma territorial

Nos capítulos anteriores, evidenciamos, brevemente, o papel desempenhado pelo Estado por meio de sua ideologia e marco jurídico e pelo poder público por meio de suas decisões e ações, os quais, além de produtores e reprodutores, também são condição e condicionadores do estigma territorial, baseado nos estudos de Wacquant (2006) sobre a marginalidade avançada nos guetos negro americano e do subúrbio operário francês. Além disso, destacamos também o processo de estigma territorial como uma expressão da violência simbólica, a qual se faz presente no território por meio de imposições de valores que se estabelecem a partir das relações de poder nas quais a classe dominante possui o monopólio.

Por outro lado e na mesma direção, os discursos midiáticos exercem função significativa e expressiva na criação e difusão de concepções e conteúdos depreciativos associados a determinado território. Dessa forma, os meios de comunicação, além de servirem como base de apoio aos agentes supracitados, têm papéis semelhantes aos desempenhados pelo Estado e poder público, contribuindo para a perpetuação da violência simbólica, do estigma territorial e da desigualdade socioespacial.

Marcondes (1989) em seu livro “O capital da notícia: Jornalismo como produção social da segunda natureza” destaca que o ato de produzir conteúdos jornalísticos é uma maneira de elevar os interesses de grupos e indivíduos em divulgar publicamente opiniões e informações, que passam a ser vistas como “verdades”, sendo sustentadas por meio da soberania e poder exercidos pelo que o autor nomeia de “complexo industrial tecnológico”, ou seja, pela indústria midiática.

A produção jornalística não se realiza sozinha, pois conta com o apoio e opera juntamente com os grandes agentes econômicos e sociais, por isso ela é “ao mesmo tempo a voz de outros conglomerados econômicos ou grupos políticos que querem dar às suas opiniões subjetivas e particularistas o foro de objetividade” (MARCONDES, 1989, p. 11). Sendo assim, as notícias que recebemos, pelos meios de comunicação contemporâneos, são produzidas a partir das ideologias e concepções de grupos que detêm o poder e o capital cultural, políticos e

econômico, isto é, a imprensa consiste em uma instituição que dá suporte para manutenção do sistema capitalista.

[...] Ela tanto o é que seria difícil pensar o capitalismo sem imprensa (que satisfaz tanto a necessidade de difusão pública e pseudo-social de alguns monopolistas de classe, que dela se utilizam para "representar" a voz social, como a necessidade ideológica - portanto, falsa - de "multiplicidade de opiniões", quando, de fato, as únicas opiniões diversificadas que têm livre acesso aos grandes monopólios de comunicação são as dos próprios membros dos poderes a ela- associados e dos que em torno deles circulam), da mesma forma que seria impossível pensar uma imprensa sem capitalismo. (MARCONDES, 1989, p. 12)

Por esse motivo, o autor compara os discursos midiáticos com as pontas de um *iceberg*, em que a parte exterior, que corresponde apenas à décima parte do seu tamanho (FIOCRUZ, 2008), retrata a falsa ideia da existência de uma democracia dos meios de comunicação, enquanto a outra parte do *iceberg*, que está no fundo mar, representa a atuação, de forma escondida, dos grupos econômicos e políticos na produção e difusão de notícias “apresentada para o receptor, como forma “quebrada” de realidade, como pedaço do real” (MARCONDES, 1989, p. 13)

Coimbra (2001) em seu artigo “Mídia e produção de modos de existência” pontua que, no Brasil, houve significativo crescimento e transformação tecnológica dos meios de comunicação de massa após o golpe cívico-militar de 1964, tornando-se um componente estratégico e prioritário na criação de um inimigo comum “ao comunismo”, deste modo justificando o golpe e a permanência de um regime militar.

Um dos principais aspectos desse período foi justamente a censura dos conteúdos jornalísticos. Porém, estes eram realizados em meios de comunicação que se pronunciavam contra o governo, por meio de publicações de críticas, sátiras, charges e entre outros. Ao mesmo tempo que o Estado reprimia os meios de comunicação contrários ao regime ditatorial, ele contribuiu para a centralização, o controle e o monopólio dos meios de comunicação por conglomerados de cunho familiar (COIMBRA, 2001, p.3) que apoiavam a ditadura civil-militar. Essas corporações midiáticas propagandeavam os “feitos” do governo repressor, fazendo com que a população, em geral, não tivesse um maior entendimento sobre a situação real do país. Este monopólio, segundo a autora, tem sido um cenário preocupante, visto que:

[...] não se adquire apenas um palanque midiático, mas quase um fórum de decisões políticas” (GOMES, 1994, p. 63), visto que se intervém abertamente em questões as mais diversas, orientando-as - com a “aprovação” da opinião pública - para os caminhos e desfechos que interessam ao que é dominante (COIMBRA, 2001, p.3)

Bourdieu (1989, p. 9), no debate sobre os sistemas simbólicos (arte, religião e língua), enfatiza que “como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturas”. A partir dessa premissa, Souza (2014) faz uma reinterpretação das estruturas que formam outras estruturas, apontando que, os meios de comunicação como uma estrutura, são estruturados de acordo com a ideologia da classe dominante. No momento em que a mídia transmite ou vende uma ideia, ela automaticamente está estruturando a sociedade (SOUZA, 2014, p. 141).

A reinterpretação de Souza (2014) ilustra e complementa o pensamento de Coimbra (2001) sobre os meios de comunicação desempenharem um papel fundamental na formação de estruturas hegemônicas de modos de vida, sendo, atualmente, “um dos mais importantes equipamentos sociais no sentido de produzir esquemas dominantes de significação e interpretação do mundo” (COIMBRA, 2001, p. 2).

Este equipamento não nos indica somente o que pensar, o que sentir, como agir, mas principalmente nos orienta sobre o que pensar, sobre o que sentir. Assim, a mídia nos coloca certos temas e nos faz crer que estes é que são os problemas importantes sobre os quais devemos pensar e nos posicionar. Através da ininterrupta construção de modelos de unidade, de racionalidade, de legitimidade, de justiça, de beleza, de cientificidade os meios de comunicação de massa produzem formas de existir que nos indicam como nos relacionar, enfim, como ser e viver dentro de um permanente processo de modelização (COIMBRA, 2001, p.2)

Segundo esse ponto de vista, que é adotado por nós nessa monografia, a mídia concentra o poder de construir representações e ideias sobre um determinado assunto, acontecimento, muitas vezes, atribuindo-os a um território, indicando aos leitores, de modo indireto ou diretamente, “(...) locais perigosos a serem evitados, sujeitos perigosos de que se proteger, ancorando, portanto, práticas tais como evitar certos bairros (...)” (SPOSITO e GÓES, 2013, p. 175) na medida que, intencionalmente, hierarquizam e selecionam conteúdos que serão assimilados, debatidos e julgados pela sociedade, ajudando a formalizar estigmas territoriais.

Sendo assim, os meios de comunicação constituem-se, principalmente, como uma ferramenta importante na produção de discursos estigmatizados associando-os a um local, bairro ou, nesse caso, a uma região como na reportagem sobre grupos de teatros da periferia, no Bairro dos Pimentas, objeto desta monografia, que se sustentam sem apoio do Estado e sem dinheiro, em 1986.

Um dos trechos da reportagem denominada de “Um grupo Legal, no nome e no programa”, trata-se de um grupo de teatro “Lei da Oferta” formado por 4 pessoas, criado desde 1984, com objetivo de levar o teatro para aqueles que normalmente não têm acesso a ele. Com

isso, a reportagem revela que no ano anterior, isto é, em 1985, o grupo recebeu uma boa quantia de dinheiro para se apresentar no bairro dos Pimentas, como mostra na citação abaixo.

“Quando chega a noite, e o fim do expediente, Naidson, Selma, Margarete, e Domingos podem, finalmente, deixar de lado a luta pela sobrevivência e dedicar-se ao que consideram sua verdadeira missão – fazer teatro. Eles se transformam então, no grupo teatral Lei da Oferta, que desde 1984 procura levar teatro a todos que a ele, normalmente, não têm acesso. Já chegaram longe – ano passado, apresentaram-se pelo assombroso cachê de dez mil cruzeiros, **no distante bairro dos Pimentas, pra lá de Guarulhos, região classificada como “terra de ninguém”. O grupo só pôde mostrar o seu trabalho no período da tarde: de noite, ninguém podia garantir a vida dos atores**” (JORNAL O ESTADO DE S. PAULO, agosto de 1986, grifo nosso)

Notamos que, a própria construção da narrativa do jornal ao tratar da oferta que o grupo “Lei da oferta” recebeu para se apresentarem no bairro dos Pimentas, faz questão de caracterizar o bairro por meio de expressões e frases como *“pra lá de Guarulhos”* *“terra de ninguém”* e *“O grupo só pôde mostrar o seu trabalho no período da tarde: de noite, ninguém podia garantir a vida dos atores”*. Sendo assim, o jornal enfatiza para seus leitores, seja de forma indireta, que o bairro dos Pimentas além de ser distante do centro de Guarulhos, é caracterizada como uma área de desordem, abandonada e, sobretudo, extremamente perigosa.

A maioria das matérias de jornais encontradas possui um aspecto bastante comum, ou seja, todas elas ao mesmo tempo que utilizam de ferramentas como dados e depoimentos de alguns moradores para legitimar a narrativa, sempre vinculam o nome do bairro a adjetivos como “perigoso” e “violento”, como podemos visualizar na reportagem do dia 16 de outubro de 1988, na figura 9, apresentando como manchete principal “Região dos Pimentas é a mais violenta”, na página sobre segurança

Figura 9: Reportagem "Região dos Pimentas é a mais violenta"

SEXTA-FEIRA, 16 DE OUTUBRO DE 1998

GUARULHOS
SEGURANÇA

O ESTADO DE S. PAULO - M3

Região dos Pimentas é a mais violenta

Drogas e chacinhas fazem parte do dia-a-dia da área mais pobre do município

GUILHERME SCARANCE

Quando amanhece, os moradores de Nova Normandia, na região dos Pimentas, saem de casa curiosos para conferir o saldo da madrugada. Na Rua Bela Vista há um bamburral onde recentemente duas pessoas foram mortas a tiros. A poucos metros dali existe um terreno baldio, onde outros cinco desconhecidos foram assassinados há dois meses. "Aqui na periferia aprendi uma única coisa — o significado da palavra chacinha", desabafo a dona de casa Ana Maria de Souza, de 27 anos. "Já vi mais de dez." Ela saiu há sete anos da cidade de

desde os 2 anos de idade. "Até que é um lugar legal", comenta ele. As mortes, segundo o menino, também não chegaram a assustar. "Isso é só para quem está envolvido com drogas e crime, mas com a gente não acontece nada".

O único problema, segundo ele, é a falta de opções de lazer. "Gostaria de poder passear com minha bicicleta por aí sem ficar preocupado com assaltos", revela. "Mas se sair com ela, com certeza volto a pé." A única diversão que sobra para os garotos é o futebol, no único campo da região.

A quadra de terra, a menos de 200 metros dos principais pontos de "desova" de drogas e destranche de carros, recebe crianças de vários bairros. "Faltava aqui, na verdade, um clube", observa Adilson Gonçalves, de 15 anos. "Muita gente que fica desocupada acaba envolvida com crack e maconha e depois aparece lá embaixo."

Cavalo — Um dos principais pontos comerciais do Bairro dos Pimentas fica no encontro da Avenida Presidente Juscelino Kubitschek com Estrada da Água Chata, no Parque São Miguel. Em quase todos os estabelecimentos as histórias são parecidas: assaltos e falta de infra-estrutura.

Uma das últimas vítimas foi um dos moradores do supermercado Toenry, ferido à bala enquanto fazia uma entrega. "Aqui falta praticamente tudo", denuncia o comerciante José Aparecido Pereira de Araújo, de 39 anos, dono da padaria Rainha da Água Chata.

Segundo ele, as escolas estão sem condições de funcionamento e não há asfalto em diversas vias. Outro problema seria a falta de rede de esgoto em locais movimentados, como o início da Estrada da Água Chata. "É sorte termos um reservatório de água, pois falta água em todas as casas."

Araújo recorda que ao mudar-se para o bairro, há 22 anos, procurava tranquilidade. "Naquela época só havia mato, mas hoje está muito movimentado — tem até placa de contramão", brinca. Do passado sobrou apenas o hobby dos fins de semana, andar a cavalo. "Só que agora é no assalto mesmo."

Jardim Normandia: preocupação com os assaltos

Varealândia, em Minas Gerais, com a expectativa de uma vida mais confortável. Encontrou, no entanto, apenas pobreza e decepção.

No mês passado foram registrados 12 homicídios na área conhecida como Bairro dos Pimentas, que na verdade abrange cerca de 15 pequenos bairros entre as Rodovias Dutra e Ayrton Senna. A violência marca a rotina e, segundo os moradores, é preciso levar uma vida limitada. "A solução é ficar fechada em casa", explica Ana. Todos os dias, às 17h30, a dona de casa tranca-se com o marido, o metalúrgico Laércio de Souza, e os três filhos, de 3, 6 e 9 anos.

Lazer — Os moradores informaram que a polícia faz poucas rondas no bairro. "As vezes passam um ano sem aparecer", afirmou um deles. Mas a questão da segurança não é a única queixa. Faltava água por períodos de até um mês, há ratos por toda parte e os postos de saúde são poucos e precários.

Rogério Fernando Souza, de 10 anos, mora em Nova Normandia



Andar a cavalo é a opção de lazer do comerciante José Aparecido Pereira de Araújo, morador da região há 22 anos: "Quando cheguei, só havia mato"

Policimento precário marca bairros da área

Delegado Marcos Pantaleão reclama da falta de recursos humanos e materiais

O delegado que comanda há dois anos a Seccional de Polícia Civil de Guarulhos, Marcos Arantes Pantaleão, alega que faltam recursos humanos e materiais para combater o crime na cidade. Segundo ele, o problema é mais grave na área do 4.º Distrito Policial, na região dos Pimentas.

A delegacia não possui estatísticas dos bairros, mas a região dos Pimentas destaca-se como uma das mais violentas. "Em termos de homicídios, o 4.º e o 7.º distritos têm os maiores índices", confirma Pantaleão. O 7.º DP abrange a área de Bonsucesso, que reúne os bairros rurais da cidade.

De janeiro a julho deste ano, houve uma média de 43,4 homicídios dolosos por mês registrados em Guarulhos, de acordo com Coorde-

riação de Análise e Planejamento (CAP) da Secretaria de Estado da Segurança Pública. Quanto aos furtos e roubos, as médias mensais ficaram em 300 e 329,4.

Chacinhas — O 4.º DP tem um delegado titular e cinco plantonistas. Além disso, o distrito conta com um investigador e um escrivão por equipe. Para atender a todos os crimes da região, eles possuem seis veículos policiais.

"É uma equipe muito pequena", analisa Pantaleão. As informações ficam mais alarmantes quando comparadas com o

aumento da criminalidade. Nos últimos dois anos, a média mensal de homicídios dolosos em Guarulhos cresceu 40,40%, segundo o CAP. Os índices de roubos e furtos subiram 33,87% e 19,62%, respectivamente.

Este ano já houve seis chacinhas no município. A última que teve grande repercussão ocorreu há cerca de um mês na região dos Pimentas, deixando cinco mortos.

Militar — O major do 15.º Batalhão de Polícia Militar Metropolitana, Marcus Alberto Balduino, respondevel por Guarulhos, acredita que não há excesso de ocorrências na cidade. "O que chama a atenção não é a quantidade, mas a gravidade dos crimes", diz ele.

Ele explica que o 15.º BPM-M tem 1.200 pessoas para o policiamento de Guarulhos, Arujá e Santa Isabel. Na região dos Pimentas, onde fica a 4.ª companhia, há 100 militares. Avaliando a situação da PM no município, Balduino acredita que há duas realidades. O policiamento de trânsito é precário. "Nos trechos nem pincho", diz. Quanto ao policiamento de rua, a situação estaria normal. (G.S.)

MORADORES SOFREM COM A CONSTANTE FALTA DE ÁGUA

Pantaleão: equipe pequena para todas as ocorrências

As informações ficam mais alarmantes quando comparadas com o

Fonte: Jornal "O Estado de S. Paulo". 16 de outubro de 1998.

A reportagem tem como destaque a coluna denominada de "Drogas e chacinhas fazem parte do dia-a-dia da área mais pobre do município", a qual inicia enfatizando que "Quando amanhece, os moradores de Nova Normandia, na região dos Pimentas, saem de casa curiosos para conferir o saldo da madrugada". Para validar o comentário, além de relatar assassinatos acontecidos no jardim Nova Normandia, bairro que faz parte do distrito dos Pimentas, a reportagem também traz índices de homicídios ocorridos no mês de setembro nos Pimentas "No mês passado foram registrados 12 homicídios na área conhecida como Bairro dos Pimentas, que na verdade abrange cerca de 15 pessoas". Além disso, contam com o depoimento de 3 moradores da região, que, ao denunciarem o abandono da área por parte do poder público municipal, expressam a condição violenta e insegura que o Pimentas passa a representar, por meio de sentenças, presente na reportagem, como "Aqui na periferia aprendi

uma única coisa - o significado da palavra chacina” e *“Gostaria de poder passear com minha bicicleta por aí sem ficar preocupado com assaltos”*. Podemos observar que o discurso midiático, principalmente construído desde fora, utiliza-se, porém, de relatos de pessoas que habitam e vivem no território estigmatizado em questão, como uma maneira de legitimar a construção de um discurso geral.

Nessa mesma reportagem, um outro elemento importante para nossa análise encontra-se na coluna denominada de *“Policiamento precário marca bairro da área”* na qual o delegado que comanda a Seccional de Polícia Civil de Guarulhos, comenta que há problemas graves no combate ao crime no 4º Distrito Policial, conhecido como 4º DP, responsáveis pelas ocorrências na região dos Pimentas, afirmando que *“A delegacia não possui estatísticas dos bairros, mas a região dos Pimentas destaca-se como uma das mais violentas”*. Nessa coluna também, são mostrados dados sobre roubos, furtos e crimes relacionados à cidade de Guarulhos, porém sempre enfatizam-se acontecimentos na região dos Pimentas: *“Este ano já houve seis chacinas no município. A última que teve grande repercussão ocorreu há cerca de um mês na região dos Pimentas, deixando cinco mortos”*. Essas informações justificam, por exemplo, a presença de 106 militares da polícia militar metropolitana apenas no distrito dos Pimentas, noticiado nesta coluna, pois ao ser considerada uma região perigosa, violenta necessita-se de uma grande quantidade de policiais para o “controlar” os crimes e “colocar ordem” tornando-a “mais segura”.

Um dia antes da publicação da reportagem que analisamos anteriormente, isto é, no dia 15 de outubro de 1998, o jornal Estadão anuncia a volta da segunda edição do “Suplemento Guarulhos - Metrôpoles”, com reportagens sobre as características e contrastes da cidade de Guarulhos, em especial dos seus bairros, como mostrado abaixo em uns trechos do anúncio. Dessa forma, observamos que durante a divulgação do retorno da edição, mostram-se as principais temáticas que serão abordados na primeira reportagem da edição, dentre os assuntos, temos a região dos Pimentas, novamente, sendo qualificada e classificada como uma área perigosa e onde seus moradores convivem diariamente com a violência e a criminalidade.

Circula amanhã a segunda edição do suplemento *Guarulhos - Metrôpole*, lançado no dia 2 pelo Estado. O destaque da publicação vai ser uma reportagem especial sobre os contrastes da cidade, trazendo ao leitor curiosidades como a rotina de quem ainda habita bairros rurais, na região de Bonsucesso. Haverá também, entre outros assuntos, **uma abordagem sobre a perigosa região do Bairro dos Pimentas, local de chacinas. Só mês passado houve 12 mortes violentas. Crianças e adultos são obrigados a ficar em casa, enquanto criminosos comandam as ruas do bairro (...)** (JORNAL O ESTADO DE S. PAULO, 15 de outubro de 1986, grifo nosso)

Outra reportagem muito emblemática para nossas reflexões sobre o estigma territorial no distrito dos Pimentas, foi publicada no ano de 2001, com a manchete “Pimentas e Porto da Igreja revelam contrastes” (figura 10). A reportagem mostra a presença de duas áreas que pertencem à cidade de Guarulhos, que compartilham de realidades urbanas e sociais distintas, uma mais populosa, a região dos Pimentas, e a outra menos populosa, Porto da Igreja. A própria matéria de jornal admite que, as duas áreas apenas têm em comum a situação geográfica que se encontram, nesse caso “*espremidas entre as Rodovias Dutra e Ayrton Senna*”, porém a região dos Pimentas está localizada na periferia da zona leste de Guarulhos, a 17,8 km de distância do centro da cidade de Guarulhos e Porto da Igreja na zona sul a 11,2 km de distância do centro da cidade.

Ao tratar sobre os aspectos presentes na região dos Pimentas, a reportagem relata que os habitantes do distrito além de conviverem com a falta de infraestrutura urbana básica, com trânsito na sua principal avenida Juscelino Kubitschek, também sofrem com a violência, que segundo a reportagem, constitui a principal preocupação de alguns moradores, que visam deixar a área. Devido a isso, logo em seguida o comentário é complementado com anúncio do major Marcus Alberto Balbino, do 31º Batalhão de Polícia, com a criação da 1ª companhia de Polícia na região no sentido de obter medidas mais rígidas e duras no combate ao crime nessa região, e ressalta que “*Vamos cercar Guarulhos pela periferia, onde há muita carência social e pessoas desempregadas*”.

No entanto, ao abordar as especificidades do bairro Porto da Igreja apenas são relatados elementos históricos e econômicos que contribuíram para a constituição do bairro e do seu nome, ou seja, a matéria sobre o bairro não acrescenta nenhum índice de criminalidade ou relatos e dados sobre as infraestruturas urbanas presentes no local, para uma melhor compreensão das diferenças que se estabelecem entre o Porto da Igreja e a região dos Pimentas.

Nesse sentido, percebemos as diferenças entre as narrativas que são desenvolvidas para demonstrar o contraste que existe entre os dois bairros, sendo que, no caso dos Pimentas, revelam-se muito mais aspectos, em especial, sobre a violência na, trazendo soluções mais severas relativamente ao combate ao crime e à violência que assusta alguns moradores transmitindo a ideia de que toda área dos Pimentas é extremamente perigosa e, assim, legitimando as atitudes mais repreensíveis da polícia na área aos seus moradores, ou seja, o medo torna-se um instrumento fundamental para legitimar a aprovação de medidas do poder público para ações mais severas e de controle acerca da criminalidade e da violência, apontando e culpando um grupo e até mesmo um local como responsáveis pelos atos que aterrorizam a

população, inferindo-se sobre eles estigmas e, conseqüentemente, marginalizando-os (FERNANDES, 2009).

Figura 10: Reportagem "Pimentas e Porto da Igreja revelam contrastes".

GUARULHOS
POPULAÇÃO

DOMINGO, 14 DE JANEIRO DE 2001

M2 - O ESTADO DE S. PAULO

Pimentas e Porto da Igreja revelam contrastes

Caleo Junior/AE - 7/10/1998

Localidades mais e menos populosas parecem pertencer a municípios diferentes

ANA CAROLINA SACOMAN

O Censo 2000 ainda não tem dados específicos sobre a população dos bairros da cidade. Alguns dados, porém, devem confirmar a tendência de números verificada em 1996, que apontava o Pimentas como o bairro mais populoso, com 109.749 moradores e, na outra ponta, Porto da Igreja, com 123 habitantes.

Em comum entre os dois, apenas a localização: as áreas encontram-se "espremidas" entre as Rodovias Dutra e Ayrton Senna. Em todos os outros aspectos, Pimentas e Porto da Igreja parecem pertencer a cidades distintas. No bairro mais populoso de Guarulhos, os moradores sofrem com a falta d'água e

com a violência. Complicado, o trânsito transforma-se em congestionamento na Estrada Olaria e na Avenida Juscelino Kubitschek, um dos principais acessos.

"Quando cheguei não havia nada disso. Acompanhei o desenvolvimento da região", afirma o comerciante José Antônio Santos, de 71 anos. Há 20 anos ele mora e trabalha no Pimentas. "Nem penso em viver em outro lugar; apesar dos problemas, é um bairro muito bom para envelhecer." A violência, no entanto, assusta alguns moradores, que pretendem deixar a região.

Para conter a onda de crimes, a Polícia Militar estuda a criação da 1.ª Companhia de Polícia na região. "Vamos cercar Guarulhos pela periferia, onde há muita carência social e pessoas desempregadas", salienta o major Marcus Alberto Balbino, do 31.º Batalhão de Polícia.

Preocupações – Enquanto a



Os mais de 100 mil habitantes do Pimentas sofrem com a falta d'água e a violência

violência é uma preocupação constante, a oferta de emprego – mesmo informal – anima muitas pessoas a adotarem o bairro. "Aqui tenho minha barraca e ninguém mexe comigo", afirma a ambulante Luciana dos Reis Silva, de 20 anos. Desde os 4

anos ela mora no Pimentas. "O policiamento está aumentando e, com isso, o comércio melhorou nos últimos tempos", diz.

Luciana reclama, no entanto, da falta d'água. "A cada dois dias, ficamos com as torneiras secas; essa situação é muito difi-

cil, mas aqui tenho milhares de compensações", diz a ambulante, que não pretende se mudar. "Tenho casa própria."

O bairro, com 14,84 quilômetros, é uma das seis áreas que integram o Centro Administrativo (C.A.) Pimentas. A densidade demográfica, de 51 habitantes por hectare (equivalente a 10 mil metros quadrados), considerada alta para o município, é explicada pela presença de pequenos loteamentos destinados a pessoas de baixa renda e o grande número de invasões registradas na região.

Capelinha – Integrante do C.A. do Centro, o bairro Porto da

Igreja registra a menor densidade populacional da área, com seus 123 moradores espalhados por 1,81 quilômetros quadrados, totalizando 0,68 habitantes por hectare. Vizinho da Ponte Grande, o bairro destaca-se pela concentração de indústrias.

"Antes de 1988, com o decreto 14.998, não havia divisão oficial dos bairros e o Porto da Igreja ficou como está para que loteamentos não fossem divididos", afirma o chefe da seção técnica de geoprocessamento do Sistema de Informações Geográficas (SIGeo), Dielson Barbosa Galipi.

Porto da Igreja leva esse nome porque, no local, havia o trabalho de extração de areia das margens do Rio Tietê. "Para atender à religiosidade dos trabalhadores, na maioria italianos, foi construída uma capelinha entre as décadas de 10 e 20", afirma o historiador João Ranali.

Na mesma época, de acordo com Ranali, foi construído o primeiro matadouro da cidade. "Era para abastecer a capital e foi a produção mais importante do local, até ser extinto na década de 60", diz o historiador.

Fonte: Jornal "O Estado de S. Paulo". 14 de janeiro de 2001.

Até este momento da análise, a imagem e a representação produzida pelas matérias de jornais sobre a região dos Pimentas referem-se, sobretudo, a uma área extremamente perigosa e violenta, seja de modo indireto, de forma comparativa ou até mesmo utilizando-se o distrito dos Pimentas como exemplo de índices de homicídios que ocorrem na grande São Paulo, como no caso da reportagem de 2002, que tem como manchete "Índice na Grande São Paulo continua alto, apesar de redução" com subtítulo denominado de "Maioria dos crimes ocorreu em bairros pobres, onde o poder público é ausente". Durante a redação da reportagem, o bairro dos Pimentas é utilizado como exemplo para fundamentar a mensagem que o título da matéria quer passar para o leitor

A taxa de homicídio doloso (intencional) na maior região metropolitana do País caiu nos últimos dois anos, mas continua bem acima dos padrões nacionais. Para cada 100 mil habitantes da Grande São Paulo, foram registrados 47,39 assassinatos em 2001. A maioria significativa desses crimes ocorreu em bairros pobres, onde a ausência do poder público se mostra tanto nas marcas de tiros pelos muros quanto no barro da rua sem asfalto.

Para ir até o ponto de ônibus, na avenida principal do bairro dos Pimentas, um dos mais carentes de Guarulhos, a filha do cozinheiro Eduardo Gonçalves Barris precisa da companhia do pai. Diariamente, às 5h30, sobem um barranco até chegar à via asfaltada: a garota, de 18 anos, e o pai, com um facão. "Isso aqui é feio de madrugada, tudo escuro", descreve

Barros. **A preocupação não é à toa, Pimentas também é um dos bairros mais violentos da cidade**, a segunda mais populosa de São Paulo. “Dizem que tem um estuprador atacando. Já é o segundo”, conta o cozinheiro (JORNAL ESTADO DE S. PAULO, 20 de junho de 2002, grifo nosso)

O estigma territorial sobre a região dos Pimentas, não é apenas produzido, é reforçado quando aparece em colunas e manchetes relacionadas à violência, sendo usado o bairro como exemplo ou elemento de comparação com outras áreas do próprio município. Comparece também quando são abordados outros fatos que ocorreram no bairro, como por exemplo, na reportagem do dia 13 de agosto de 2012 sobre a decisão pela permanência ou não da Escola de Filosofia, Letras e Ciência Humanas (EFLCH) unidade da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Os docentes enviaram o dossiê pedindo a transferência da EFLCH para o centro de São Paulo, pois para eles “*o campus da EFLCH é geográfica e culturalmente isolado, não trazendo perspectiva de progresso para a região*”. Em resposta a esse dossiê o Conselho de Assuntos Estudantis da instituição votou favoravelmente à permanência do campus nos Pimentas, claro que, ao noticiar a aprovação pelo Conselho de Assuntos Estudantis, o jornal Estadão não poderia deixar de complementar a frase reforçando o estigma territorial da região dos Pimentas como bairro violento:

Em resposta a um dossiê preparado por professores da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), propondo a transferência da Escola de Filosofia, Letras e Ciência Humanas (EFLCH) da periferia de Guarulhos para São Paulo, o Conselho de Assuntos Estudantis da instituição aprovou moção favorável à permanência da unidade no local onde está instalada - **o Bairro dos Pimentas, uma região pobre, violenta e com problemas de acesso por transporte público** (JORNAL ESTADO DE S. PAULO, 13 de agosto de 2012, grifo nosso)

Além de reforçar o estigma sobre o distrito dos Pimentas, o jornal automaticamente escolhe um lado, mesmo que de modo indireto, ao complementar as narrativas acentuando apenas as características negativas da área e assim passando a mensagem para os leitores de que o Pimentas não é um local ideal para abrigar unidades de universidades públicas.

Um outro exemplo aparece na reportagem de 2015, sobre o movimento *maker* ou faça você mesmo - uma abordagem pedagógica que permite que os alunos e alunas aprendam e desenvolvam conhecimentos teóricos por meio da prática. A reportagem tem como título “Apesar de estimular interesse dos alunos, cultura *maker* ainda é coadjuvante nas escolas” e ao citar o exemplo do movimento *maker* em uma das escolas que pertence a região dos Pimentas diz

As crianças do segundo ano da Escola Municipal Jeanete Beauchamp, **no bairro de Pimentas, um dos mais violentos de Guarulhos (SP)**, reforçam o conteúdo das aulas em oficinas de cultura maker no Centro Educacional Unificado (CEU) da região. Ao colar canudos em conectores de papel feitos em uma impressora especial, elas trabalham a noção de profundidade e desenvolvem a imaginação. Apesar dos benefícios educacionais, atestados por especialistas, as atividades maker estão pouco presentes nas escolas (JORNAL ESTADO DE S. PAULO, 12 de dezembro de 2015, grifo nosso)

Diante das reportagens analisadas, publicadas no jornal O Estado de S. Paulo, verificamos que os discursos jornalísticos empregam recursos linguísticos e desenvolvem narrativas, com a intenção de direcionar, reforçar e enfatizar a mensagem que pretendem transmitir para os seus leitores. Um desses recursos bastante presentes nas matérias jornalísticas sobre os Pimentas é a utilização de testemunhos dos próprios moradores e/ou evidências indiretas (SILVA, 2012) para legitimar os conteúdos que estigmatizam territorialmente os Pimentas, que passa a ser reconhecida e marcada como uma área perigosa e violenta, seja de modo implícito e comparativa, que, conseqüentemente, marginaliza os sujeitos que ali habitam.

Em que se pesem esses pontos destacados, nesta monografia e nas análises que efetuamos, não pretendemos deixar de lado o fato de que o distrito dos Pimentas detém índices alarmantes e preocupantes acerca da temática da violência. Mas, ao mesmo tempo, temos que ter cuidado com a forma com que os temas são abordados, pois apesar dos dados serem reais os discursos propagados pelos meios de comunicação anulam ou inibem fortemente possíveis mudanças da realidade imposta ao bairro, por exemplo, como o já citado questionamento relativo à instalação da universidade naquela área.

Sendo assim, esse processo de produção e reforço de atributos depreciativos à área dos Pimentas não deixa de ser o que Bourdieu (2003) classifica como sendo violência simbólica, ou seja, essas expressões estigmatizantes degradam simbolicamente o território e, por conseguinte, seus moradores.

3.1.2 Representações contemporâneas sobre os Pimentas: Os memes como retórica que reforça o estigma territorial

O avanço tecnológico e a difusão do uso da internet, nas últimas décadas, trouxeram novos modos de comunicação, interações sociais e de informações, principalmente a partir da popularização das redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, dentre outros. As redes sociais, frequentemente, são vistas como ambiente promissor para criação e divulgação de discursos e conteúdos que reforçam e reproduzem a presença de um estigma territorial, o que, conseqüentemente, deprecia simbolicamente o espaço a que se refere. Esses conteúdos

compostos por imagens e vídeos, na maioria das vezes, são disseminados de maneira sátira e humorística, por meio do compartilhamento de memes.

Segundo Souza (2013) o termo meme foi cunhada pelo biólogo Richards Dawkins em 1976 mediante a publicação do seu livro *“The Selfish Gene”* que em português significa “O Gene Egoísta”, significando uma “unidade de transmissão cultural ou uma unidade de imitação” (DAWKINS, 2007 apud SOUZA, 2013, p. 128), isto é, um fragmento de informação que se propaga de pessoa para pessoa, possibilitando a evolução cultural (SILVA; OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2020), indicando que a fragmentação socioespacial não é apenas um processo que se reduz a separações no espaço (descontinuidades no tecido urbano, muros, guaritas etc.) ou a baixa mobilidade e acessibilidades urbanas, que reforçam as condições de distância socioespacial, mas inclui aspectos imateriais, que concorrem para uma subjetivação das dinâmicas de apartação socioespacial. O autor utilizou-se da analogia do termo gene, segmentos de uma molécula de DNA responsáveis pela codificação e replicação de características a serem herdadas, para fundamentar a escolha do termo meme

Da mesma forma como os genes se propagam no “fundo” pulando de corpo para corpo através dos espermatozóides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no “fundo” de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação. Se um cientista ouve ou lê uma ideia boa, ele a transmite a seus colegas e alunos. Ele a menciona em seus artigos e conferências. Se a ideia pegar, pode-se dizer que ela se propaga, si própria, espalhando-se de cérebro a cérebro. É por imitação, em um sentido amplo, que os memes podem replicar-se. Mas, da mesma maneira como nem todos os genes que podem se replicar têm sucesso em fazê-lo, da mesma forma alguns memes são mais bem sucedidos no “fundo” do que outros (DAWKINS, 2014, p. 112-113 apud SILVA; OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2020, p. 188).

Dessa forma, os memes podem ser considerados como um meio de comunicação que contém um resumo de quaisquer tipos de informações, sendo representados por “uma imagem, um vídeo, um áudio ou até mesmo uma palavra ou uma frase” (CANDIDO e GOMES, 2015, p. 1295) que remetem a situações que ocorrem no cotidiano das pessoas, assim gerando um sentimento de identificação com o fato divulgado, que, conseqüentemente, passa a receber *likes* “curtidas” ou *deslikes*, informando que gostou ou não da publicação e/ou pelo *share* “compartilhar”, possibilitando o envio do conteúdo para outras redes sociais e pessoas.

Os textos mêmicos carregam em si mensagens que são decodificadas pelos cérebros receptores, analisadas, interpretadas, adotadas e, por vezes, replicadas, tal que, ao se familiarizarem com a linguagem contida no componente a ser replicado, estarão dialogando de certa maneira com o criador do “meme”, ou mesmo com os partícipes das mesmas interações de transmissão de idéias (SOUZA, 2013, p. 134)

Nesse sentido, os memes também são empregados como mecanismo de disseminação e reprodução de estigmas territoriais, porém, diferentemente das reportagens de jornais, por exemplo, analisadas anteriormente, os memes utilizam uma linguagem menos séria, ou seja, transmitem as informações de modo a provocar risos e diversão para os leitores, assim disfarçando e mascarando a presença de um conteúdo estigmatizante, que reforça concepções e ideias sobre um determinado local, como podemos visualizar na figura 11 em uns dos memes divulgados pela página do *Facebook* “GRU MIL GRAU”, em que temos uma das cenas mais marcantes do episódio denominado de “batatinha frita 1,2,3” da série sul-coreana “Round 6”.

Todos os episódios da série são inspirados em brincadeiras, que são transformadas em jogos de sobrevivência. A cena abordada no meme diz respeito a uma brincadeira em que o chefe do grupo, fica virado de costas dizendo “Batatinha frita um, dois, três” enquanto isso o grupo precisa avançar até chegar ao chef apenas se movimentando no momento que o chefe da brincadeira está de costas. Na série, o chefe do grupo é representado por uma boneca grande que detecta movimentos e dispara raios pelos olhos provocando a morte daqueles que se movimentaram. Dessa forma, o meme ao retratar uma pessoa roubando a boneca dizendo que é o Pimentas, de modo “divertido” reforça o discurso que o Pimentas é uma região perigosa, nesse caso ainda consegue ser mais perigosa do que a própria boneca que solta raios mortais, e onde se rouba qualquer coisa, até mesmo uma batatinha que não existe.

Figura 11: Meme "Aqui é o Pimentas caraio passa essa batatinha aí"



Fonte: Gru Mil Grau.

As curtidas e compartilhamentos dos memes apenas ocorre quando os conteúdos estão de acordo com o reconhecimento da informação exposta, ou seja, para se espalhar nas redes sociais, o meme necessita de uma certa verossimilhança, sendo assim, não adianta, por exemplo, produzir um meme destacando apenas que a cidade do Rio de Janeiro é feia, certamente esse meme será facilmente esquecido e obtendo poucos compartilhamentos, diferentemente de outros que transmitissem a associação da cidade com a violência, os quais, sem dúvida, teriam mais legitimidade e chances de se multiplicar (SILVA; OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2020).

O mesmo acontece com o bairro dos Pimentas, os memes sobre a área só fazem sentido quando são propagados temas relacionados a violência, roubos, perigo, como também, atribuindo uma imagem negativa aos seus residentes, reforçando o estigma territorial presente sobre esse distrito, levando à marginalização dos seus moradores.

Ao realizarmos o levantamento dos memes que tratam sobre os Pimentas a partir de duas páginas do *Facebook* "GUARUTROLLS" e "GRU MIL GRAU" obtivemos, no total, 31 memes, sendo que 14 pertencem à primeira página e 17 à segunda, respectivamente. Observa-se que todos esses memes apresentam o Pimentas, de forma cômica e humorística, como um local bastante perigoso, onde só residem criminosos, e a qualquer momento do dia pode se sofrer assaltos e roubos, seja de forma direta ou indireta, como indicado na figura 12. Este meme, denominado de "Como foi o halloween no Pimentas", mostra uma bruxa voando em uma vassoura e logo em seguida ela sendo roubada por dois adolescentes negros que dizem: "perdeu bruxa vacilona passa a vassoura" expondo que até a vassoura da bruxa é roubada nos

Pimentas. A figura 13 apresenta um boneco dentro do metrô, em algum local da cidade de São Paulo, com uma cara preocupada e assustada quando descobre que um grupinho ao seu lado diz ser dos Pimentas, retratando, de maneira indireta, a “má fama” da área e de seus moradores.

Figura 12: Meme "Como foi o halloween no Pimentas"



Fonte: GuaruTrolls

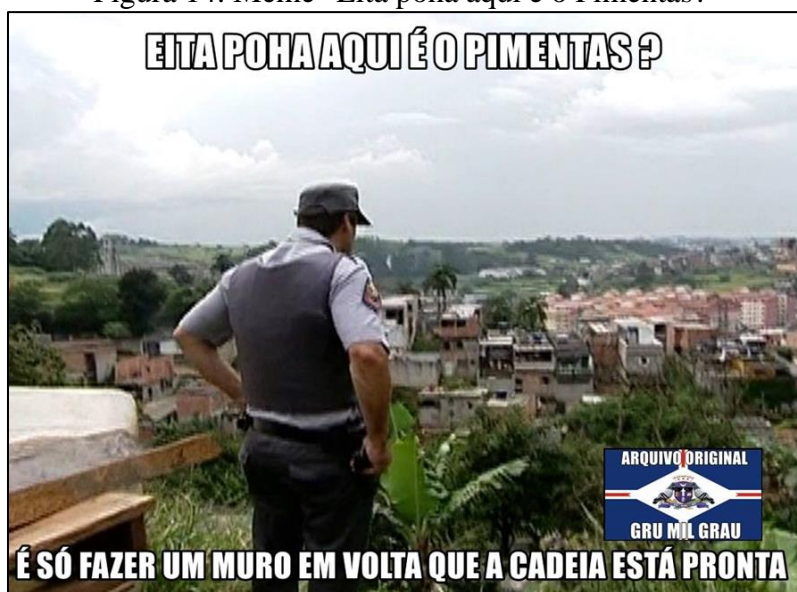
Figura 13: Meme "Quando tô no metrô em São Paulo e ouço um grupinho do meu lado falando que é do Pimentas"



Fonte: GuaruTrolls

Do mesmo modo que alguns discursos e reportagens de jornais generalizam percepções sobre o distrito dos Pimentas, os memes também utilizam dessa ferramenta para construir e reforçar o estigma territorial, generalizando a imagem construída a todo o distrito dos Pimentas, como no caso do meme da figura 14 que mostra um policial observando uma paisagem combinada com construções de casa e conjuntos habitacionais populares e fragmentos de mata, que, ao descobrir que se trata da paisagem urbana dos Pimentas, concluir que poderia ser uma prisão, afirmando: “É só fazer um muro em volta que a cadeia está pronta”, imputando a todo o território dos Pimentas, a imagem de território perigoso e violento, bem como incluindo nessa construção todas as pessoas que residem no Pimentas, como criminosas, do que decorre que, para contê-las, seria necessário prendê-las na cadeia.

Figura 14: Meme "Eita poxa aqui é o Pimentas?"



Fonte: Gru Mil Grau

De acordo com Cândido e Gomes (2015, p. 1295) o meme estabelece-se como “uma expressão cultural típica da cibercultura”. Sua criação se dá de forma colaborativa e seu crescimento é espontâneo. Por isso mesmo, eles costumam surgir em redes sociais”. Diante disso, as redes sociais, principalmente, a partir da disseminação dos memes, constituem espaços adequados para a propagação e reprodução de estigmas territorial, como bem observamos nos conteúdos apresentados nos memes que retratam o distrito dos Pimentas relacionando-o a conteúdos depreciativos, destacando e associando atributos como perigoso e violento a área.

Sendo assim, como o discurso jornalístico nos “orienta sobre o que pensar, sobre o que sentir” (COIMBRA, 2001, p.2) de um determinado assunto, instituindo-se como uma forma de violência simbólica (BOURDIEU, 2003), os memes, também, desempenham este papel, porém utilizam-se de linguagens como a sátira e o humor que, de certa forma, encobrem e disfarçam o conteúdo estigmatizante ali disseminado, ocasionando o efeito de naturalização dos discursos de descréditos atribuídos a um local e, conseqüentemente, a seus moradores, além disso, suaviza as ofensas bem como a violência simbólica (BOURDIEU, 2003) que, agora, torna-se mais difícil de ser identificada, pois, quanto mais recebem a mesma mensagem e informação, mais naturalizam o estigma territorial (RECUERO e SOARES, 2013, p.252)

3.1.3 "Se aqui no centro a gente já se sente inseguro, imagine nesses bairros afastados"

Diante das reflexões realizadas nas matérias de jornais e por meio de ferramentas contemporâneas, como o compartilhamento de memes nas redes sociais, observamos que os discursos de descréditos sobre um determinado local são produzidos e reproduzidos a partir de diferentes perspectivas, que perpassam as escalas dos Pimentas e de Guarulhos, podendo até ultrapassar os limites da área metropolitana de São Paulo.

Sendo assim, atualmente, essas ideias, que os jornais e memes vinculam sobre área dos Pimentas, permanecem no imaginário e são expressas nas narrativas dos moradores de Guarulhos, que não residem no distrito, conformando discursos estigmatizantes vindos de fora, como no caso da entrevistada Lara que mora há 17 anos no condomínio vertical no bairro Parque Renato Maia, área central da cidade de Guarulhos, e que antes morou com seus pais, durante 20 anos, na área de Cumbica, zona leste de Guarulhos. Ao levantar a questão sobre "em qual bairro não moraria em Guarulhos?", ela respondeu, situando geograficamente os bairros que considera perigosos, em especial, a área dos Pimentas.

Entrevistador: Legal. Por exemplo, você já falou que gosta de lá, e tem algum bairro que você não moraria aí em Guarulhos?

Lara: Que eu não moraria? **Eu acho que na região dos Pimentas, Jardim Cumbica**, no que a gente **chama de "outro lado da Dutra"**. Cumbica, centro de Guarulhos, está do lado, para quem vem de São Paulo para cá, está do lado esquerdo e Pimentas, Jardim Cumbica está do lado direito. **Esses bairros são bairros mais perigosos, com mais comunidade.** Acho que lá talvez seja um bairro que eu não moraria.

Grande parte dos entrevistados, que residem ou não no distrito dos Pimentas, reproduzem e exprimem as mesmas características que as matérias de jornais e os memes relacionam ao Pimentas, apontado como uma área perigosa e violenta. Em algumas dessas entrevistas, notamos que esses discursos depreciativos compareceram, muitas vezes, de modo

implícito pois, em outras palavras, são utilizados eufemismos para descrever o distrito. A cidadina Yoko, de 57 anos, que mora há 17 anos no bairro Macedo, localizado próximo à área central de Guarulhos, ao ser questionada sobre qual bairro não moraria, refere-se ao Pimentas pois ela o considera um bairro muito difícil.

Entrevistador: (...) E um bairro que a senhora não moraria aí em Guarulhos? de jeito nenhum.

Yoko: Nossa, um bairro que eu não moraria (risos) tem vários ... **eu não sei se Pimentas acho que faz parte né? aqueles lados lá mais para o fundo,** que o pessoal fala. **Eu não conheço né? mas as pessoas falam né? que é muito mais difícil.** Taboão, mesmo Bela Vista, acho que não moraria também.

A partir da fala exposta acima, a entrevistada ao mencionar o Pimentas como um bairro muito difícil, podemos questionar qual sentido da expressão ‘bairro difícil’ para ela? Será que significa perigoso e violento? Além disso, observa-se que, apesar de considerar o distrito dos Pimentas uma área “muito difícil”, ela não conhece o distrito, ao mesmo tempo que fica em dúvida se a área faz parte ou não da cidade de Guarulhos. Desse modo, a entrevistada elaborou uma representação a partir de concepções relatadas por outras pessoas.

Outro exemplo bastante significativo da presença do estigma territorial, de modo indireto e como eufemismo, associado ao Pimentas, mostra-se na entrevista da Marilda, que tem 59 anos de idade, moradora de um condomínio vertical na área central da cidade de Guarulhos. Questionada se considera a cidade segura ou insegura, Marilda comenta que alguns bairros da cidade são mais perigosos, referindo-se aos mais afastados de maneira comparativa à área central.

Entrevistadora: [...] Quando a gente faz essa pergunta, a gente fala de segurança. Você acha que Guarulhos é seguro ou é inseguro?

Marilda: Olha, Guarulhos é uma cidade muito grande. Então eu acho que tem muitos bairros perigosos aqui mesmo. **Se aqui no centro a gente já se sente inseguro, imagine nesses bairros afastados.** Aí **tem muitos problemas de locomoção,** entre as pessoas, eu acho que as **pessoas estão entregues, muito assalto, eu acho que é muito difícil.** As pessoas devem ter que sair de madrugada para trabalhar, eu acho que deve ser bem difícil. **Bem perigoso mesmo.**

Percebemos que Marilda, ao tratar sobre insegurança em Guarulhos, não menciona diretamente o distrito dos Pimentas como uma área perigosa. Porém, ao elucidar “bairros afastados” automaticamente, engloba diversos bairros que não estão localizados próximos ao centro da cidade, entre eles o Pimentas, pois este está situado há 17,8 km de distância da área central de Guarulhos. Ademais, a entrevistada ainda reproduz pontos que compareceram também nas análises das reportagens e dos memes, o imaginário de que os moradores dessas

áreas convivem cotidianamente com a criminalidade e por isso deve ser bem difícil viver nesses bairros.

O estigma territorial que existe sobre o distrito dos Pimentas não é repercutido apenas pelas pessoas que não moram na área, mas também, refletem e ressignificam as perspectivas e noções relacionadas ao distrito, a partir daqueles que moravam e se mudaram para outros locais da cidade de Guarulhos e até mesmo para outras municípios, como no caso dos entrevistados Bianca e do Glauco que moraram um tempo no Pimentas. e atualmente residem, respectivamente, em Bauru e na parte central da cidade de Guarulhos.

A entrevistada Bianca, de 22 anos, morava desde criança no distrito dos Pimentas, mais especificamente, no jardim Alice, porém se mudou para Bauru, interior de São Paulo, por motivos de estudos. cursou Educação Física no campus da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Bauru, e atualmente cursa Pedagogia na mesma instituição. Ao comparar os aspectos que não gosta no bairro onde mora em Bauru e do bairro onde residia no distrito dos Pimentas, inicialmente comentou sobre as relações cotidianas entre as pessoas, sendo em Bauru, mais individuais e, no Pimentas, um senso de comunidade maior e ressaltou que apesar de gostar um pouco da agitação do bairro no Pimentas, considera ele perigoso.

Entrevistadora: Você fez essa comparação do que você gosta aí, mas do que você não gosta em Bauru?

Bianca: Eu acho que de lá, eu gosto das pessoas que tem lá, gosto dessa...nem todo mundo conhece todo mundo **porque o bairro dos Pimentas é bem grande, mas assim, não sei como explicar, mas no bairro existem vários jardins e bares, todo mundo se ajuda, todo mundo conhece todo mundo**, aqui em Bauru o negócio é mais individual, pelo menos é o que eu percebi. As pessoas, as opções de comida eu acho melhor aqui, **eu gosto um pouco do movimento de lá**, porque tem bastante coisa para fazer, **mas ao mesmo tempo é um bairro que é bem perigoso, tem suas desvantagens.**

Outro ponto de fala da entrevista Bianca bastante emblemático, refere-se à mudança de comportamento e à sensação ao retornar para visitar os pais, no Pimentas. Essas representações apareceram, ao serem tratadas as diferenças de infraestrutura entre Bauru e os Pimentas. Primeiramente a entrevistada comenta que o bairro onde atualmente reside em Bauru, tem uma boa infraestrutura, iluminação, diferentemente do bairro Pimentas que, segundo Bianca, tem áreas que ainda não possuem saneamento básico, como também, as ruas não são bem iluminadas, inclusive a rua onde morava. Devido a isso, a entrevistada relata a sensação de medo, sentimento que quando ela ainda morava no Pimentas não sentia:

Bianca: Do bairro, não pensando na cidade... é que Bauru é pequena e eu fico na cidade. Aqui, é um bairro meio que nobre, então a infraestrutura do bairro é muito boa, pelo que eu vejo na iluminação, nas ruas, na sinalização. Aqui, acho que só algumas ruas esburacadas que têm, mas nada muito prejudicial. **Em Pimentas tem bastante favela, então tem lugar que não tem saneamento básico, iluminação é bem péssima, na minha rua mesmo fica muito escuro,** e quando eu vou visitar a minha mãe eu fico com medo, e antes, quando a gente mora lá, a gente não tem esse medo, mas depois que sai do lugar que a gente estava, é bem escura as ruas, as vezes quebra e demora mil anos para consertar, as praças, os próprios moradores tem que tomar iniciativa de fazer alguma coisa, de manter. A infraestrutura é bem ruim, precária eu diria.

Ao longo da entrevista, Bianca relata o tempo todo esse sentimento de medo, que antes de se mudar para Bauru não sentia, sem ter uma explicação exata sobre essa sensação, ela em alguns trechos da entrevista tenta elucidar possíveis causas, entre eles por ser mulher ou ser medrosa, pela falta de iluminação ou se é pela presença da polícia, a qual ela frequentemente presenciava “enquadros” efetuados pela polícia na rua em que morava no distrito dos Pimentas.

Sendo assim, ela argumenta que adota medidas de segurança, inclusive quando visita seus pais. Apesar disso, segundo Bianca, seus pais não adotam medidas de segurança, apenas tomam os cuidados comuns. Porém, ela comenta que, em algumas áreas dos Pimentas, não sente medo e que essa sensação só está presente nos primeiros dias quando está na casa dos pais, mas, ao mesmo tempo, ela faz referência ao medo que sente em Bauru e, quando volta para o Pimentas, faz a comparação, bem como, nota a diferença do medo que seus pais sentem em relação ao dela, elucidando, assim, a intensidade do seu medo por meio da comparação e estabelecendo relações entre conhecimento do território e menor sentimento de medo e vice-versa.

Bianca: [...] acho que hoje muito mais que antes, mas essa questão de adotar, **não sei se é porque eu sou mulher ou porque eu sou medrosa,** mas até aqui em Bauru eu tenho bastante medo de andar na rua. **Mas lá, em alguns lugares, eu não sinto tanto medo,** é mais na hora que eu chego se esta noite, e eu tenho que subir a rua, **mas eu fico...por exemplo, na minhas férias eu fiquei 15 dias, passou 3 dias já meio que perdi o medo,** claro que eu não vou entrar em vielas que antes eu entrava, brincava com todo mundo. **Aqui eu ainda tenho medo, só que lá, eu acho que muito mais, não sei falar isso** [...]

Em relação à adoção de medidas de segurança pelos pais:

Bianca: Não muitas. Eles não ligam muito. **Aonde a gente mora, eles só tomam os cuidados,** como toda pessoa tem que tomar, **mas o medo não é como o meu,** do tipo, eu estou com uma mochila que tem um notebook, eu

vou ficar pensando "Ai meu Deus, vou ser roubada", eu tenho muito esse medo.

Segundo Fernandes (2009, p.164), o medo é um fenômeno produzido socialmente e sua manifestação está relacionada à presença de elementos como “angústias e inseguranças” perante a sociedade, que “traduzidas na forma de ameaças visivelmente perceptíveis e potencialmente próximas, inserindo-se no campo da produção das subjetividades”. A disseminação do medo acontece de diversas maneiras, sendo mais comum por meio de boatos, comentários e pelos meios de comunicação que, ao tomarem grandes proporções, contribuem à constituição de uma cultura do medo, atingem diferentes escalas, sobretudo, a escala local e a dos sujeitos em movimento com seus corpos pelo espaço, interferindo diretamente no seu cotidiano, em especial, “o medo da violência, daquele tipo que ameaça o bem-estar, os bens materiais e a vida dos indivíduos que circulam pelas ruas da cidade” (FERNANDES, 2009, p. 169)

Sendo assim, o medo que comparece na fala da entrevistada Bianca revela o sentimento e a sensação de insegurança que adquiriu a partir do momento que passou a não ter mais contato diretamente com a realidade presente no distrito dos Pimentas, mas que, ao se informar, seja pelas mídias ou boatos, sobre os ocorridos no Pimentas, fizeram com que ela mudasse as suas percepções e as noções elaboradas sobre o bairro em que residia, demonstradas a partir do medo.

Diferentemente da Bianca, Glauco, que tem 36 anos de idade, morou 30 anos no bairro Bonsucesso e residiu por 1 ano e 3 meses no distrito dos Pimentas, mais especificamente próximo ao shopping Bonsucesso. Atualmente ele reside no condomínio vertical próximo ao centro de Guarulhos. Além disso, como ex-professor, ele lecionou nos dois bairros que residia antes, isto é, bairro do Bonsucesso e dos Pimentas. Com isso, ao ser questionado sobre que bairro não moraria em Guarulhos, devido à sua experiência de residir em duas áreas periféricas que, praticamente, estão situados uma ao lado da outra, o entrevistado evidencia que mesmo o Pimentas sendo reconhecido como área perigosa, ele rebate essa afirmação argumentando que existem áreas dos Pimentas que são menos perigosa do que outros bairros, por exemplo, que pertencem ao distrito do Bonsucesso, como Recreio Rober e Vila Carmela citando alguns casos vivenciados pelos seus familiares.

Glauco: Então, é que Guarulhos tem... ele é dividido em regiões e dentro de cada região tem vários bairros, então, por exemplo, **aqui o pessoal fala que o Pimentas é mais perigoso que o Bonsucesso, só que assim, existem regiões do Pimentas que eu nunca ouvi o pessoal falar que foi assaltado, e de repente tem umas outras regiões lá em Bonsucesso que... alguns bairros que são muito violentos.** Eu conheço diversos conhecidos que foram

assaltados, e é muito dinâmico isso, porque, por exemplo, o bairro que eu nasci, que é um bairro de chácaras, se chama, Recreio Rober e ao lado tem um bairro que se chama Vila Carmela, na verdade agora são 3, tem o Vila Carmela 1, 2 e 3. Então a minha mãe fala que, por exemplo, lá no começo da década de 80, quando ela se mudou, era um bairro extremamente perigoso essa Vila Carmela, o caminhão entrava lá e pessoal não saia sem mercadoria e o motorista ainda apanhava, o meu irmão mais velho ia para a escola e voltava só de cueca, até a meia dele o pessoal levava, além de levar algumas surras. Depois teve alguma movimentação, o pessoal se mudou, alguns foram presos, alguns que o pessoal sabia que eram bandidos, faleceram por conflitos com outros bandidos ou com a polícia, e aí ficou calmo por um tempo. Então assim, é muito dinâmico isso, de cabeça, falar um bairro que com certeza eu não moraria, não teria nenhum.

A fala do entrevistado Glauco coloca em questão o debate sobre a generalização, que como vimos anteriormente, é bastante utilizada pelos meios de comunicação, nas redes sociais, como também, está vigente nas ideias e imaginários entre os não moradores do distrito dos Pimentas, que consideram e pensam que todos os bairros que pertencem à área dos Pimentas são violentos e perigosos. Sendo assim, os discursos que enfatizam elementos que estigmatizam territorialmente, tem um caráter homogeneizador omitindo e impedindo que seja observada a heterogeneidade presente nas periferias, inclusive no Pimentas (D'ANDREA, 2020).

Desse modo, notamos que todas as narrativas apresentadas, seja de forma indireta ou direta, reproduzem conteúdos que representam a área dos Pimentas como sendo perigosa e violenta, mesmo que alguns desses entrevistados nunca tenham frequentado o distrito, ou seja, o estigma territorial dos Pimentas tem um caráter multiescalar e multidimensional, pois mesmo com a presença de um subcentro que contém diversos equipamentos públicos de grande relevância, como a universidade, e empreendimentos privados, como o *Shopping Center Bonsucesso*, o distrito não deixou de ser reconhecido como uma área perigosa e violenta, principalmente, pelos moradores que residem em outros locais.

Além disso, revela-se nas falas dos entrevistados as contradições sobre a violência e o medo, as quais atravessam de forma dialética a relação entre medo e estigma territorial, uma vez que a partir da cultura do medo, pode-se causar estigmas territoriais e vice-versa, pois da mesma maneira que o medo é produzido e disseminado pelos meios de comunicação e pelas interações sociais, “os discursos de descrédito amplificam-se e aglomeram-se à sua volta, tanto ‘vindos de baixo’ nas interações banais da vida quotidiana, como ‘vindos de cima, no domínios jornalísticos, político e burocrático (ou até, científico)” (WACQUANT, 2006, p. 28).

As considerações e análise que compuseram este subcapítulo da monografia, demonstram, a nosso ver, a complexidade dos estudos em torno do estigma territorial e atestam as expressões dele no distrito dos Pimentas

3.2 Um olhar por dentro: Uma reflexão da interiorização do estigma territorial nos próprios moradores

3.2.1 “O Pimentas, eu diria que é de muito modo periférico que o povo fala, não é nem esse inferno na terra e nem o paraíso, é um bairro padrão brasileiro, social, que existe...”

Como exposto no decorrer desta monografia, os discursos estigmatizantes não apenas depreciam simbolicamente o território, mas também, repercutem e refletem no cotidiano dos seus moradores, bem como, ocasionam a sua marginalização. Assim, a partir das falas e das representações sobre o distrito dos Pimentas ser perigoso e violento, propagados por aqueles que efetuam um olhar de fora, isto é, ideias compartilhadas pelos meios de comunicação, redes sociais e pelos não moradores da área, são reconhecidas e identificadas pela maioria dos que residem nos Pimentas como na fala da entrevistada Marinalva, que tem 28 anos e mora desde sempre no distrito. Ao comentar sobre o que as pessoas pensam dos Pimentas, a entrevistada reconhece que a área ficou marcada como perigosa e acrescenta que de fato o era, particularmente nos anos 1990 e 2000. Devido a isso, muitos moradores, tinham vergonha de dizer que residiam nos Pimentas, principalmente em situações relacionadas a emprego, algo que permanece até os dias atuais, pois ao falar sobre a área, ela sente que as pessoas ainda têm uma visão bastante estigmatizada e que seus moradores convivem diariamente com crimes, roubos e tiroteios.

Entrevistadora: (...) Marinalva, o que as pessoas dizem sobre o seu bairro?
Marinalva: Sobre o bairro Pimentas, eu lembro, **que ele era muito marcado pela questão da violência assim. Então, realmente era muito violento, principalmente nos anos 90 no início da década de 2000.** Então eu lembro que teve um período que, principalmente a **gente que era morador tinha muito medo de falar, era muita vergonha de dizer que morava no bairro dos Pimentas, porque tinha todo esse estigma.** Acho que isso melhorou um pouco, mas às vezes dá impressão, que você falando para fora que mora aqui, **ainda tem aquela no imaginário aquele lugar que “nossa tem tiroteio todo dia o que acontece”** tem uma visão bem estigmatizada. Tem um problema também muito grande em relação à questão de emprego, é muito comum aqui as pessoas darem endereço de outras, de familiares ou amigos que moram em outros lugares, mais próximo do local de emprego, porque dizem que tem essa implicação de “a não vou querer contratar uma pessoa, sei lá, que mora nos Pimentas e pagar duas passagens para ela”. **Então ainda tem um pouco do**

estigma assim muito forte. Ainda sinto que algumas pessoas têm receio, alguns moradores daqui, tem receio de falar que moram no bairro dos Pimentas (...)

A entrevistada desde a adolescência sempre participou e ainda participa de movimentos sociais presente no bairro, que contribuiu e ajudou no seu entendimento política e da situação social que vive, por esse motivo, durante toda a entrevista encontra-se falas que expressam um sentimento de pertencimento ao bairro. Em vista disso, ela nunca omitiu o local onde mora, pelo contrário, sempre comenta a sua ligação com o distrito dos Pimentas, principalmente durante a faculdade, tanto que ela passou a ser conhecida como “Marinalva dos Pimentas”.

Apesar da Marinalva relatar, no decurso da entrevista, casos relacionados a mortes, violência e roubos ocorridos no Pimentas e presenciados por ela, ao ser questionada se considera o distrito dos Pimentas seguro ou inseguro, ela afirma que se sente muito mais segura no distrito do que no centro da cidade de Guarulhos. A entrevistada, também complementa a fala, relatando que, ao estar em outros bairros da periferia de Guarulhos, reproduz sensações e concepções estigmatizantes agindo da mesma forma que outras pessoas reagem perante o Pimentas.

Entrevistadora: E você falou um pouco da violência né ao um tempo atrás, falou que diminuiu um pouco agora. Dito isso, você considera o seu bairro seguro?

Entrevistada: Sim, **eu ando tranquilamente aqui no bairro, nunca aconteceu nada** e é curioso, porque quando você fala que você mora numa periferia as pessoas têm muito medo, **tem esse estigma muito grande em relação à violência né?** Eu falei: - **Gente, mas eu me sinto mais segura no meu bairro que é da periferia do que na região central.** É e o engraçado é que quando eu vou em outros bairros que eu não conheço né, também periferia de Guarulhos, aí às vezes eu me pego também numa situação de preconceito, ... gente o que estou fazendo aqui nesse lugar, que medo não sei o que, **acabo meio que reproduzindo a mesma coisa que acontece comigo quando eu falo que eu que moro no bairro dos Pimentas.**

Outro ponto interessante da fala da entrevistada Marinalva, diz respeito a adoção de medidas de segurança. Ela comenta a influência dos programas sensacionalistas no comportamento dos seus pais, sobretudo, quando ela e sua irmã saíam, o que, na maioria das vezes, Marinalva considera cuidados exagerados:

Marinalva: (...) eu lembro que antes assim, hoje não mais, mas antes quando eu ia sair ela sempre falava para mim e para minha irmã também, **para a gente ter muito cuidado e sempre ficar olhando para os lados e olhando para trás, sempre ficar ligado no movimento assim. Correr, gritar se acontecer alguma coisa,** então ela sempre teve essas preocupações algumas eu acho que até faziam um sentido, **mas outras que eu acho que era um pouco de medo causado por esse conteúdo né sensacionalista** que ela tem

acesso assim, dá a impressão que você vai sair e vai acontecer alguma coisa de muito ruim com você qualquer momento. Não é bem assim né?”.

Além disso, afirma que, quando era criança sentia bastante medo de sair nas ruas, mas que, após se envolver e ter contato com os movimentos sociais presentes no distrito passou a enxergar esses conteúdos propagados pelas mídias e os reinterpretando:

Marinalva: Não, é acho que mais esse sentimento que não é assim. **Quando era criança eu lembro que eu tinha bastante medo também.** É mais dessa forma não. Eu acho que quando eu tive **contato com essas construções que tem aqui no bairro**, e aí nesse espaço que a gente falava muito, inclusive sobre esses programas, era como a televisão, **a mídia ela mostrava a parte ruim né desses lugares**, mas **não mostrava que a maioria das pessoas aqui são pessoas trabalhadoras, são pessoas que estão tentando sobreviver...**

Mesmo com todos esses elementos que a entrevistada reconhece e debate sobre a existência do estigma territorial nos Pimentas e da influência dos meios de comunicação na produção e disseminação da cultura do medo, quando perguntamos como e onde ela se enxerga no futuro, embora tenha conseguido financiar um apartamento do PMCMV situado no Pimentas, comenta que não pretende viver a vida toda no distrito e demonstra preocupação com seu sobrinho, pois não quer que ele cresça no bairro devido à presença do tráfico de drogas e a falta de perspectivas da área.

Marinalva: Eu tenho um... eu tô esperando **conseguir um apartamento pelo Minha Casa Minha Vida aqui no bairro**, praticamente pronto para ser entregue **só está faltando essas questões de burocracia.** Antes eu acho que tinha mais questões de profissão mesmo, o mais certo que eu ia ficar um bom tempo aqui por questões do trabalho. Hoje eu tenho vontade de, daqui alguns anos, fazer uma segunda graduação e espero que eu tenha a oportunidade, de quando for fazer a graduação, **morar perto do lugar onde eu vou estudar.** É isso assim, **mas não espero ficar aqui a vida toda**, tem um pouco de preocupação mais com a questão econômica, porque eu trabalho como autônoma, então toda essa questão que a gente, acho que sai um pouco do individual...

Em relação ao seu sobrinho

Marinalva: [...] **eu penso muito no meu sobrinho**, que tem um aninho, e eu acho que assim, a visão de mundo que eu tenho hoje foi mesmo porque, eu vim, eu cresci aqui no Pimentas, participei de todos esses movimentos, **mas eu não quero que o meu sobrinho cresça aqui no Pimentas.** Eu acho que tem até um pouco de **preocupação por ele ser homem assim, porque acho que essa região aqui que eu moro tem muito... aquela coisa do tráfico ainda muito presente**, então tem muita aquela questão que chamam do aviãozinho, então a galera também assim, **os meninos das ruas assim, que fica muito na rua, não tem muita essa perspectiva** de “nossa vamos, legal vamos estudar, vamos...”

Com isso, percebemos a contradição entre o discurso e a prática na fala da entrevistada Marinalva, pois mesmo identificando e rebatendo as ideias e discursos de descréditos que estigmatizam territorialmente o Pimentas, devido à sua experiência nos movimentos sociais, que contribuíram para sua formação política e social, instituindo um olhar crítico sobre a realidade do bairro, ela imagina o seu futuro em outro espaço urbano, principalmente, em relação ao seu sobrinho mantendo-o distante do contato com a realidade que existe no distrito.

Sendo assim, o estigma territorial dos Pimentas, produzido e reproduzido nos conteúdos e imaginários vindos de fora, rebatem e internalizam-se nas práticas e no cotidiano dos moradores que residem no distrito dos Pimentas. Isso verifica-se, também, no caso da entrevistada Antonieta, de 55 anos, moradora há 47 anos no Parque das Nações, bairro que pertence ao distrito dos Pimentas, e que trabalha no distrito como professora da prefeitura de Guarulhos. A entrevistada relata diversas situações que vivenciou e vivencia nas escolas do bairro. Apesar disso, qualifica o bairro como maravilhoso, realizando comparando o Pimentas de antes e o que ele representa para ela atualmente.

Antonieta: Quando eu mudei para cá, é engraçado, tinha umas seis casas aqui no bairro, **então não tinha quase nada**. Tudo que a gente ia **fazer tinha que ser fora**. Então quando entrei na rede da prefeitura e via as professoras falando: "**Ah, mas esse bairro é muito ruim, porque não sei o que, porque não tem nada**". Eu falo assim: Vocês **não sabem o que é não ter nada**, porque quando eu vim para este **bairro ele estava no zero**. Então, realmente, não tinha ônibus, não tinha uma estrada de... uma linha de ônibus que atendesse até São Paulo, tinha que ficar pegando os trêm em pedaço, descia em um lugar pegava outro, e tudo. **Não tinha comércio aqui no bairro - quase nada - e era muito mato, então não tinha nada**. E eu vejo que **hoje nós somos um bairro maravilhoso**, as pessoas que reclamam do bairro é porque chegou no bairro já com tudo isso então acha que não tem nada, **mas para quem está desde o começo, como nós que nascemos bem dizer aqui**, nós vimos que o **bairro progrediu muito. Ele hoje, perto do que nós tínhamos antes, hoje é maravilhoso**.

Apesar da entrevistada considerar o bairro maravilhoso, no decorrer da entrevista destaca como ponto negativo do bairro, a dificuldade de lidar com jovens da periferia devido a falta de projetos sociais que retirem os jovens das ruas e, em especial, das drogas referindo-se a existência de diversas “biqueiras” pelo bairro e na rua onde reside. Por essa razão, Antonieta prefere deixar seu filho de 12 anos, dentro de casa, jogando do que na rua brincando, pois, segundo a entrevistada, acontecem muitas coisas erradas nas ruas. Além disso, quase não frequenta os espaços públicos nos Pimentas, inclusive, relata situações ocorridas no Centro Educacional Unificado (CEU) no distrito.

Antonieta: Eu estava fazendo caminhada no CEU, do lado da UNIFESP, estava em um ritmo até bom, mas depois eles proibiram porque já tinha

várias coisas. O professor teve que sair **de lá devido a violência**, um professor muito bom chamado, Professor Alan. Ele dava aula de educação física, ele dava futebol no CEU para duas turmas de manhã e quatro à tarde. Ele fazia um trabalho lindo com a escolinha de futebol, mas aí apareceu um doido, drogado, e tentou agredir uma aluna, e é lógico que ele defendeu a aluna e **esse cara o ameaçou, foi lá várias vezes ameaçar ele. A prefeitura ao invés de garantir a segurança do professor preferiu tirar ele, e todo o trabalho dele, toda aquela equipe, aquelas crianças, até meu filho participava dessa turma de futebol.** No grupo do meu filho tinha umas vinte crianças, então pensa, ele tinha quase oitenta crianças nessa turma de Recreação e Lazer e se perdeu isso, por quê? O CEU foi bem estruturado, foi uma coisa bem pensada, mas eles avacalharam com segurança. E quando esse pessoal que veio mais para lá, não sei qual prédio exatamente que veio, eles mexiam muito com drogas e eles estavam levando as drogas para dentro do CEU.

Notamos que, a ausência do poder público, isto é, a não manutenção das infraestruturas e das atividades desses espaços, destinados aos moradores do distrito, ocasiona a depreciação, a deterioração e o abandono desses espaços. Deste modo, essa ausência de mecanismos e ações de manutenção refletem no fortalecimento do processo de estigma territorial nos Pimentas, que conjuntamente, o que é interiorizado pelos moradores que, conseqüentemente, passam a não frequentar esses espaços, permitindo que esses locais sejam ocupados por outros grupos, nesse caso como a entrevistada ressalta, pelos usuários de drogas e traficantes.

Outro elemento significativo nas falas dos moradores do distrito dos Pimentas, diz respeito à diferenciação de áreas no próprio distrito, como por exemplo, na fala do João Osvaldo, 35 anos, morador do Parque Jurema, formado em jornalismo pela Unesp de Bauru e que, atualmente, trabalha como freelancer. O entrevistado, ao ser questionado sobre o *Uber* adentrar e sair tranquilamente dos Pimentas, menciona que a área dos Pimentas é bastante complexa e por isso há diferenciações sociais e econômicas das áreas

João Osvaldo: Eu não vou ter certeza sobre todas as áreas, mas algumas áreas onde eu moro, que é a região do Jurema, é uma região um pouco mais qualificada. Tem a região do Jurema, tem o Alvorada, eu falo sobre o planejamento da cidade. É uma região que varia, classe B, classe C, e econômica. Eu vou me colocar como uma classe B hoje. E tem esse perfil, aí você vai mas pra baixada já é classe C, D o Itaim já é a galera bem mais pobre, C, D, mais D que C”

Esse modo de separar o distrito por condições sociais e econômicas também comparece na fala do André, que tem 42 anos, atualmente morador do condomínio Residencial Brisa do PMCMV, localizado no Jardim Nova Cidade, mas que morou no Jardim Vermelhão, uma área de ocupação no distrito dos Pimentas. Ao comentar sobre o que as pessoas acham do bairro em que reside atualmente, o entrevistado além de considerar o bairro Jardim Nova Cidade como

“classe média”, pelo fato dele afirmar que para sobreviver no condomínio é preciso ter melhores condições financeiras. Por esse motivo, segundo o entrevistado, as pessoas de fora têm uma visão positiva do bairro que atualmente ele mora (Jardim Nova Cidade), diferentemente, do Jardim Vermelhão que é visto como um local mais violento.

Marcos: Não, positiva. É positiva. Porque aquela coisa, você organiza mais a arquitetura urbana. **Então diferente da comunidade, é que tem gente que tem até receio da comunidade**, eu vou sempre ficar repetindo o Vermelhão porque a minha experiência é **do Vermelhão, mas o pessoal acha que é um lugar violento**. Mas eu não considero o bairro violento, o Vermelhão violento. **O Pimentas tinha essa fama também de ser um lugar violento**, como Cidade Tiradentes, vocês estão fazendo um estudo lá também. **Mas pra quem está no dia a dia não é violento, pra gente que está no local eu não vejo... O Nova Cidade é aquilo que eu falei para vocês, um bairro que tem uma característica de classe média**, se tivesse mais construções, no sentido de parques urbanos, arborização, acho que melhoraria o ambiente, o ar, você fica melhor no local, sabe.

Paiva (2007, p. 8-9), inspirado em Wacquant (2005), enfatiza que o estigma sobre um território ocasiona “distanciamentos e processos de diferenciação social nos locais estigmatizados, produzindo a produção de medos que minam a possibilidade de construção de ações coletivas”. Dessa forma, percebe-se que o estigma territorial dos Pimentas, ao interiorizar-se nos moradores, ocasiona comportamentos que diferenciam e aponta localidades dentro do próprio distrito que passam a ser reconhecidas como mais perigosos, como na fala da entrevistada Antonieta, que demarca bem e considera, por exemplo, o Sítio São Francisco como uns dos piores bairros, pois a “*a bandidagem opera lá, tanto que nem a polícia entra*”.

Sendo assim, as narrativas presentes nos discursos contraditórios dos moradores do distrito dos Pimentas, revela-nos o reflexo dos estigmas territoriais, produzidos e reproduzidos pelos “de fora”, interiorizados pelos que residem no distrito, mesmo que de forma implícita, e impactam no cotidiano e no modo como olham e representam outras moradores e/ou bairros que pertencem ao mesmo território. Essa tendência propicia novos processos como diferenciação socioespacial e classificação das áreas entre mais e menos perigosas, que “demarcam fronteiras entre os locais acessíveis e os não acessíveis a determinadas pessoas, moradoras do mesmo bairro” (PAIVA, 2007, p.9), ao passo que, juntamente com o abandono e a falta de manutenção dos equipamentos e espaços públicos por parte do poder público, reforçam-se os estigmas que degradam o território e seus moradores no plano das imaginário coletivo.

3.2.2 "Na favela era mais unido, porque todo mundo está ali no mesmo barro"

Como explicitado ao decorrer do desenvolvimento da monografia, o processo de estigma territorial é um fenômeno que tem um caráter multidimensional e que perpassa diversas escalas que produzem diferentes efeitos sobre aqueles que residem no território estigmatizado, constituindo novas formas de expressão desse fenômeno.

Sendo assim, durante a realização dos Grupos Focais, notamos um processo simultâneo de estigma e de diferenciação entre os moradores dos blocos que pertencem ao mesmo conjunto habitacional denominado de Residencial Esplanada, do PMCMV. Esse conjunto habitacional possui 500 Unidades Habitacionais (UH), pertence à faixa 1 do programa, e está localizada no Jardim Nova Cidade, distrito dos Pimentas.

As entrevistadas que participaram do Grupo Focal, antes de adquirirem um apartamento no Residencial Esplanada, viviam em ocupações irregulares e favelas de outros locais de Guarulhos, dentre outros, São João, Favela da Cummins. A maioria delas relatam que não tiveram escolha e foram obrigadas a se retirarem dos locais no quais residiam para morar no Residencial Esplanada:

Elisangela: Ninguém me conhece, né! Meu nome é Creuza, tenho 36 anos, 4 filhos, criei os 4 sozinha. E a gente morava na favela da Cummins, que era uma invasão, né. *Mas foi transferido para cá, à base de indenização, como eles diziam.* A gente *não tinha escolha, ou a gente saía de lá ou o caminhão passava por cima dos barracos*, foi assim lá.

F: [...] *ele jogou a gente aqui como uma experiência*, que ele falou, se é uma experiência chamou a gente do quê? *De rato de laboratório.* E isso machuca muito a gente, *por que a gente deveria concordar, ver se a gente queria isso mesmo.* Trouxeram a gente a cegas para cá, *não deixaram a gente vir antes para vim ver como era o condomínio nem nada.* Mas enfim, hoje *não temos documentação deste condomínio, a gente não pode vender, não pode fazer nada, e fica presa nesse condomínio.*

Apesar disso, todas as entrevistadas ressaltam que gostam de morar no Residencial Esplanada, exceto pelas “rivalidades” que existem entre os moradores do bloco 1 e bloco 2, que segunda as participantes do Grupo Focal, são pessoas que não compartilham da mesmas situações e vivências que elas passaram. Sendo assim, elas ressaltam que a diferença entre esses grupos é dada pelo fato de que os moradores do bloco 1 e o bloco 2 pagaram para obterem o

apartamento, enquanto elas não e que por isso, alguns moradores desses blocos se sentem melhores do que outros.

Tamires: De uma certa forma todo mundo pagou. Afinal eu mesma quando eu comprei o meu barraco, eu comprei, né! Então tipo assim, "todo mundo não pagou por quê?", porque antes disso você comprou, mesmo que você não tenha comprado, você gastou para levantar seu barraco ... Aí vem essa questão que é sempre a mesma ... A discussão do Esplanada é sempre essa, a questão do bloco 1 e do bloco 2. " Ah, porque eu paguei", todo mundo pagou. Porque quando eu comprei meu barraco, eu vim de São Geraldo para o Lenize...

Maura: É onde cria, tipo assim, vamos supor, tem pessoas que acha, porque tem o marido e a mulher tem um emprego, aquele vizinho que tem quatro filhos e trabalha ele tem que viver o mesmo nível. Não consegue nivelar, não tem nível. *Na favela era mais unido, porque todo mundo está ali no mesmo barro. Alí no Esplanada, subiu para o segundo andar, colocou um piso já acha que é rico*".

Tamires: (...) do bloco 1, *a diferença do bloco 1 e do bloco 2 para maioria é que o bloco 1 e o bloco 2 teve opção*, né! Por mais que eles não tiveram a coragem de pagar um tanto que realmente valia as casas, mas teve uma opção, né! Os demais não teve, porque eu não tive essa opção..."

Creuza: Teve o prazo para sair

Tamires: Eles já deram um valor pequeno, porque sabia que ia escolher o apartamento, porque o que dava não ia comprar nada. Nem um terreno.

Clara: Querer ser privilegiados nesse caso, né! *O bloco 1 e o bloco 2 queriam ser os privilegiados no começo, porque eles pagaram a taxa*, tal e tal...

Maura: ... Então, a gente não tá bom o Esplanada para gente, mas aí vem aquele vizinho que veio lá do *bairro do Ipanema que pegou já o apartamento na mão da prima*, que a prima não gostava do Esplanada, *mas ele nunca sabe o que é a favela*, aí ali ele nunca vai se satisfazer com Esplanada. É isso que eu estou falando para você. Lá no meu bloco 1 e no bloco 2 tem muita gente insatisfeito se chamar aqui algumas pessoas vai ficar insatisfeito, por que? *Porque são pessoas que não sentiu na pele o que é uma enchente... tem muita gente do bloco 2 que nunca pisou em uma favela*. Então nunca vai estar bom o Esplanada.

Dolores: Nunca vai saber o que é você ... *nunca vai saber o que é você esperar pela Defesa Civil chegar de madrugada com colchão, com cobertor*. Nunca vai saber o que é isso.

Maura: Não vai ter como a pessoa se sentir, se *sentir bem no ambiente onde ela nunca passou por um ambiente pior.*

No estudo sobre uma pequena comunidade inglesa denominada de Winston Parva, Norbert Elias e John Scotson (2000), identificaram, nos anos 1960, uma nítida separação entre os moradores “estabelecidos” que residiam na comunidade há mais tempo e os “outsiders” - o grupo que morava a pouco tempo na comunidade. Os autores pontuam que, entre os grupos não haviam diferenças de nacionalidades, étnicas, econômicas e nem nos padrões de habitação, ou seja, o único fator que distinguia os grupos estava relacionado a questão da antiguidade, pois “um grupo compunha-se de antigos residentes, instalados na região duas ou três gerações, e o outro era formado por recém-chegados” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 21).

Sendo assim, os grupos dos estabelecidos atribuíam conteúdos que depreciavam, isto é, estigmatizantes, entre os moradores que residiam a pouco tempo na comunidade “outsiders” que passaram a serem considerados “como delinquentes, pessoas com moral frouxa, barulhentas e descontroladas no uso de bebidas alcoólicas” (SILVA; OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2020, p. 185), com a finalidade de inferiorizar o grupo, já que os estabelecidos se reconheciam como um grupo superior, devido a isso, não detinham de contatos sociais entre eles, a não ser no âmbito profissional.

Porém, mesmo alguns membros do grupo dos estabelecidos possuem as mesmas características ou, até mesmo pior, daquelas atribuídos aos outsiders e consideradas inferiores por eles, os autores notaram que a permanência e a persistência da estigmatização social dos estabelecidos em relação ao outsiders, encontra explicação na coesão grupal que existe entre os estabelecidos, criando imaginários coletivos a partir dos quais todos passam a compartilhar as mesmas ideias, concepções e representações em relação a outros grupos

A estigmatização, como um aspecto da relação entre estabelecidos e outsiders, associa-se, muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido. Ele reflete e, ao mesmo tempo, justifica a aversão — o preconceito — que seus membros sentem perante os que compõem o grupo outsider. (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 35)

Como no caso observado na comunidade de Winston Parva, percebe-se que, no Residencial Esplanada, acontecem processos parecidos, em especial, sobre o principal e único aspecto que diferencia o grupo das entrevistadas em relação aos blocos 1 e 2, ou seja, como exposto anteriormente, refere-se: à questão do modo como adquiriram o apartamento no conjunto habitacional, e à questão do tipo de habitar das mulheres do Grupo Focal realizado antes de morarem no Esplanada (favelas e ocupações). Sendo assim, a “rivalidade” entre elas

e os blocos 1 e 2 está associada à forma como os grupos chegaram ao Residencial Esplanada, sendo pontuadas pelas entrevistadas que devido a isso, um bloco se sente superior aos outros.

Outro elemento que se assemelha com as análises realizadas pelos autores Elias e Scotson (2000) na comunidade de Winston Parva, relaciona-se à construção de uma fantasia grupal. No caso das participantes do Grupo Focal, nota-se que elas compartilham de experiências e vivências parecidas, visto que apresentam as mesmas origens, isto é, são advindas de comunidades e favelas que ficavam em áreas de riscos, residiam antes em barracos e por esse motivo passaram pelas mesmas situações sociais e econômicas. Devido a esses elementos, todas as participantes ao tratar sobre as diferenças presentes dentro do conjunto habitacional, sobretudo, entre os blocos 1 e 2 concordavam entre elas, mesmo que algumas permaneciam em silêncio e outras comentavam mais, estabelecia-se ali, na roda de conversa, um imaginário e representação coletivo sobre os blocos 1 e 2. Isso mostra que são múltiplos os fatores de estigmatização e de diferenciação.

4. Considerações finais

Nesta monografia tentamos realizar uma breve reflexão em torno do processo de estigma territorial no distrito dos Pimentas. O objeto de análise revelou-se como um campo de estudo bastante complexo, dinâmico e multifacetado, perpassando e englobando diversos outros elementos que são condicionantes das e condicionados pela violência simbólica; pela diferenciação entre áreas; pelo estigma territorial e pelo imaginário elaborado coletivamente, demonstrando que há uma articulação entre aspectos econômicos, políticos e sociais, que afetam implicitamente e/ou diretamente as práticas espaciais e o cotidiano urbano daqueles que residem em um território estigmatizado.

Além disso, o estigma territorial constitui-se como reflexo dos modos de vida da sociedade capitalista, na qual se estabelece e permanece apoiando-se na desigualdade socioespacial, que comparece, principalmente, nas cidades brasileiras. como um meio de manutenção do *status quo* da elite, sendo reconfortante para eles apontar, determinar e estigmatizar um território e/ou perfil de pessoas que possam ser consideradas como criminosas com a intenção de consciente ou inconscientemente, degradar e erguer barreiras simbólicas que impeçam as interações entre si.

Buscamos mostrar que a produção e a reprodução de conteúdos com a finalidade de depreciar o território se manifestam de diversas maneiras, seja no modo comparativo, repetição de fatos e características como no uso de testemunhas, para legitimar os temas abordados e

compartilhados por diversos veículos de comunicação, entre eles, a mídia e as redes sociais, que inibem e anulam possíveis transformações na realidade pré determinada. Esses conteúdos propagados encontram-se nas ideias e imaginários das pessoas, e são construídos no plano coletivo, o que implica no pertencimento à Sociedade, segundo determinada condição social. Esse processo elabora, reforça e mantém os estigmas atribuídos a um determinado território.

Para isso, o uso de diversos dados, fontes e, sobretudo, procedimentos metodológicos revelou-se enriquecedor para a análise do processo de estigma territorial da UPR dos Pimentas, na medida em que os diferentes procedimentos metodológicos permitiram uma aproximação da realidade a partir de diversos pontos de vistas e de diferentes escalas.

A UPR dos Pimentas é formada por uma miríade de tipos de habitar, tipos de habitantes e de maneiras de viver o cotidiano, que conformam e configuram as características de um território que é duplamente periférico, na escala do município e da área metropolitana. Além disso, as áreas de concentração de atividades comerciais e de serviços dos Pimentas exercem centralidade, o que configurou, nas últimas décadas, um subcentro com inúmeros equipamentos, tanto privados (de todos os tipos e todos os tamanhos) quanto públicos (Universidade, Hospital, CEU etc).

Mesmo com a presença desses aspectos supracitados, percebe-se pelas análises efetuadas a partir das diferentes abordagens teóricas e metodológicas, a permanência do estigma territorial na UPR dos Pimentas, sendo reconhecida e caracterizada como uma área perigosa e violenta.

Desse modo, observa-se que o par exterior-interior revelou-se como um eixo fundamental da análise, ao mostrar, por exemplo, até que ponto o discurso estigmatizante construído desde fora (a partir de outros territórios mais centrais, das redes sociais, da mídia etc.) penetra os imaginários dos próprios habitantes do território e se expressa em suas falas.

No entanto, diversos outros discursos, especialmente aqueles das entrevistas mostram uma realidade muito mais complexa. Em outras palavras, ao deixar o olhar de fora e entrando no território dos Pimentas, as diversas metodologias permitiram enxergar diferenciações e processos de estigma que se reproduzem na escala local.

O Grupo Focal realizado com mulheres do conjunto habitacional do Esplanada possibilitou, de fato, identificar um processo de estigma entre um bloco e outro (sendo as mulheres participantes do um grupo focal as que sofrem estigma do outro bloco) de um mesmo complexo habitacional Minha Casa Minha Vida (MCMV) Faixa-1, composto por quatro residenciais. Entrando no território e mudando, o estigma aparece, multiplicando-se em diversas escalas e diversos territórios.

Portanto, justifica-se a perspectiva da complexidade do processo de estigma territorial, a partir da análise dos Pimentas. Essa justificativa parte do entendimento de que o estigma dos moradores dessa área não advém, apenas, dos residentes de outras áreas de Guarulhos, percebe-se que o estigma territorial também se dá no contexto da UPR dos Pimentas, em que seus próprios moradores ao internalizarem o estigma territorial acabam reproduzindo estigmas, por meio da diferenciação entre áreas, dentro do mesmo território, que passam a ser consideradas mais ou menos perigosas e/ou violentas.

Além disso, os discursos e falas revelaram outras contradições, que mostram não apenas o estigma dentro-fora, mas conteúdos que indicam a perda do medo, o sentimento de comunidade e a construção de uma identidade territorial orgulhosa, acerca da UPR dos Pimentas.

Por fim, entende-se que a complexidade do tema e as dinâmicas próprias de Guarulhos, como dos Pimentas (condição de dupla periferia e subcentro), possibilitam reflexões sobre as possibilidades de amenizar os efeitos do estigma em populações periféricas. Essas ações devem partir de diversos setores da sociedade, entre eles, o poder público, as mídias tradicionais e atuais, como, também, por meio de produções acadêmicas sobre a área e a temática. Além disso, é importante ressaltar que, já existem alguns movimentos sociais que atuam no Pimentas e que ajudam de algum modo a diminuir o estigma, por meio da formação política, social e educacional sobre a realidade que cercam os moradores da área. Também, não podemos esquecer que além dos setores da sociedade já supracitados, que têm um grande peso para essas mudanças, temos a própria sociedade civil que a partir do acesso à informação e a educação pode vir a transformar a sua estrutura de pensamento e concepções acerca do cotidiano e das desigualdades socioespaciais presentes na periferia das cidades brasileira.

5. Bibliografia

ACERVO ESTADO DE S. PAULO. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/>>
Acesso em: 19 nov. 2021.

ARAÚJO, V.C.G. **Espaços livres e coletivos em condomínios habitacionais verticalizados: O centro de Guarulhos - SP**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Tecnologia e Cidade) – Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

BÓGUS, L. M. M.; VÉRAS, M. P. B. A Reorganização Metropolitana de São Paulo: Espaços Sociais no Contexto da Globalização. In: Lucia Maria Machado Bógus; Luiz César Queiroz Ribeiro. (Org.). **Cadernos Metrôpole, Desigualdade e Governança**. São Paulo: EDUC, 2000, v. 3, p. 105-127.

BONDUKI, N.; ROLNIK, R. Periferia da Grande São Paulo: reprodução do espaço como expediente de reprodução da força de trabalho. MARICATO, E (org). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. 2ª Edição. São Paulo: Alfa-Omega, 1982. p.117-154.

BOURDIEU, P. Efeitos do lugar. In: BORDIEU, Pierre. (org.) **A miséria do mundo**. Rio de Janeiro: VOZES, 2008.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 6 ed. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CALDEIRA, T. **Cidade de muros; crime, segregação e cidadania**. Trad. Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Edusp, 2000.

CAMPOS, D. C. de.; OLIVEIRA, E. S. de.; FERREIRA, J.A. **Revelando a História do Pimentas e Região**. 1 ed. São Paulo: Noovha América. v. 10000. 128p. 2014.

CAMPOS, L. H. P. Bairro-Ocupação: um estudo sobre estigma territorial no processo de luta por apropriação do espaço. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - XVIII ENANPUR, 2019, Natal - RN. **ANAIS do XVIII ENANPUR**, 2019. p. 1-23.

CANDIDO, E. C. R.; GOMES, N. S. Memes- uma linguagem lúdica. **REVISTA PHILOLOGUS**, v. 21, p. 1293-1303, 2015.

COIMBRA, C. M. B. Mídia e produção de modos de existência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 17, n. 1, p. 001-004, 2001.

CORNEJO, C. A. Estigma Territorial como forma de violencia barrial. El caso del sector El Castillo. **Revista Invi**, Santiago-Chile, v. 27, n. 76, 2012.

CORREA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

CRUZ, T. S; LEGROUX, J. J. Caracterização socioespacial dos Pimentas (Guarulhos –SP): Entre periferia metropolitana e subcentro municipal. In: XXI Semana de Geografia, XVI Encontro de Estudantes de Licenciatura em Geografia, VII Seminário Nacional de Integração

da Graduação e Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP. 2021, Presidente Prudente/SP. **ANAIS do XXI Semana de Geografia: outras Geografias e (A) diversidades**, 2021. p.706- 727.

D´ANDREA, T. Contribuições para a definição dos conceitos Periferia e Sujeitas e Sujeitos Periféricos. **Novos Estudos**. CEBRAP, v. 39, p. 18-36, 2020.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: **Jorge Zahar**, 2000.

FERNANDES, F. L. **Violência, medo e estigma: efeitos socio-espaciais da “atualização” do “mito da marginalidade” no Rio de Janeiro**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

FERREIRA, C. C; CAMPOS, D. C. de; OLIVEIRA, E. S. de. **Atlas Escolar Histórico e Geográfico - Guarulhos 450 anos**. 1º. ed. São Paulo: Noovha América Editora Distribuidora de Livros Ltda, v. 15.000. p. 80, 2012.

GAMA, N.C.O. **O processo de conformação da periferia urbana no município de Guarulhos: os loteamentos periféricos como (re) produção de novas espacialidades e lugar de reprodução de força de trabalho**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GOFFMAN, E. **Estigma: nota sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONÇALVES, V. J. **A segregação e o estigma socioespacial presentes na formação histórica do Bairro Teotônio Vilela em Ilhéus/BA**. 2016. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade EST, São Leopoldo, 2016.

GRU MIL GRAU. Disponível em: < <https://www.facebook.com/grumilgrau> > Acesso em: 12 nov. 2021.

GUARULHOS. **Decreto nº 25.303 de 2 de abril de 2008**. Guarulhos: Câmara Municipal, 2008. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sp/g/guarulhos/decreto/2008/2531/25303/decreto-n-25303-2008-dispoe-sobre-a-criacao-das-unidades-de-planejamento-regional-upr-no-municipio-deguarulhos-e-da-outras-providencias> > Acesso em: 27 de jan. 2022.

GUARUTROLLS. Disponível em: <<https://www.facebook.com/GUARUTROLLS>> Acesso em: 12 nov. 2021.

HIERNAUX, D; LINDÓN, A. Repensar la periferia: de la voz a las visions exo y egocêntricas. In AGUILAR, A.G. **Procesos metropolitanos y grandes ciudades: Dinámicas recientes en México y otros países**. México: **Miguel Ángel Porrúa**, 2009. p. 413-443.

IBGE CIDADES. **Guarulhos**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/guarulhos/panorama>> Acesso em: 27 de jan. 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Relatório de pesquisa: Caracterização e Quadros de Análise Comparativa da Governança Metropolitana no**

Brasil. São Paulo. 2013. Disponível em:

<https://ipea.gov.br/redeipea/images/pdfs/governanca_metropolitana/rel_1_1_caracterizacao_rmsp.pdf> Acesso em: 03 fev. 2022.

INVIVO FIOCRUZ. Gigantes Gelados. Disponível em:

<<http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=954&sid=9&tpl=printerview>> Acesso em: 17 de jan. 2022.

LANGENBUCH, J. R. A estruturação da Grande São Paulo: estudo de geografia urbana. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia, 1971.

MARCONDES FILHO, C. O capital da notícia (jornalismo como produção social da segunda natureza). São Paulo: Ática, 1989.

MARTINS, J. S. Subúrbio: Vida Cotidiana e História no Subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec/Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

MATOS, C. F. Coletivo Kinoférico: Periferia, política e cultura no bairro dos Pimentas, Guarulhos. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2019.

MATOS, C. F. Lazer nos Pimentas: estudo sobre as formas de apropriação dos espaços públicos em um bairro “periférico”. 2011. Monografia (bacharelado em Ciências Sociais) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2011.

MIRANDA, M.E. Terra de índio x terra de branco: presença indígena e apropriação de terras em Guarulhos, sécs. XVII-XIX. **R. Museu Arq. Etn.**, 26: p. 62-83, 2016.

MORENO, R. S. Planejamento urbano em Guarulhos: entre o discurso e a prática: avaliação da política urbana 1963-2013. 2016. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NARANJO, P. S; TORO, N. Q. Estigmas territoriales y distinciones sociales: Configuraciones espaciales en la ciudad de Medellín. **In: Anagramas, Medellín-Colômbia** vol.7, nº14, p. 115-132, 2009.

NOVAES, M. C. A segregação Socioespacial em Guarulhos e a representação em mapas. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

PAIVA, L. F. S. Contingências da violência em um território estigmatizado. **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia.** Fortaleza. 2007.

PEREIRA, R.G. Estigmatização territorial: Um estudo sobre o Conjunto Habitacional Santos Dumont em Montes Claros - MG. 2019. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) - Universidade Estadual de Montes Claros, Minas Gerais , 2019.

PREFEITURA DE GUARULHOS. **A cidade**. Disponível em:

<<https://www.guarulhos.sp.gov.br/cidade>> Acesso em: 27 de jan. 2022.

PREFEITURA DE GUARULHOS. **Estatísticas e Geografia**. Disponível em:

<<https://www.guarulhos.sp.gov.br/estatisticas-e-geografia>> Acesso em: 27 de jan. 2022.

RECUERO, R; SOARES, P. Violência simbólica e redes sociais no facebook: O caso da fanpage “Diva Depressão”. **Galaxia** (São Paulo, online), n. 26, p. 239-254, dez. 2013

RODOVIA FERNÃO DIAS. **Tudo sobre a Rodovia Fernão Dias - BR-381**. Disponível em:

<https://docs.google.com/document/d/1ss2ZRZ0p9gFAzOZaIIJRa3WZ4IdXOSxcq-xD7s_GwR8/edit> Acesso em: 29 de jan. 2022.

RODRIGUES, A.O. Estigma territorial em foco - cidade simbolicamente dividida e atraso no desenvolvimento. In: **VI Congresso de Desenvolvimento Social**, 2018, Montes Claros. Anais do VI Congresso de Desenvolvimento Social, 2018. p. 1934-1946.

ROMÃO, G. J; NORONHA, A. V. **Guarulhos 1880 - 1980**. Guarulhos: PMG, 1980.

SANTOS, C. J. F. **Identidade Urbana e Globalização: a formação dos múltiplos territórios em Guarulhos/SP**. 1. ed. São Paulo: Annablume/SINPRO-Guarulhos, 2008.

SANTOS, M. A. **Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1990.

SANTOS, P.S. **A transformação da estrutura urbana na cidade de Guarulhos e a constituição de uma nova centralidade no Bairro de Pimentas**. Dissertação (Mestrado em projeto, produção e gestão do espaço) – FIAM FAAM, São Paulo, 2017.

SILVA, B. A; OLIVEIRA, E. C; OLIVEIRA, M. F. Os memes como retórica depreciativa nas relações entre Barra do Garça (MT) e Aragarças (GO). **Mídia e Cotidiano**, vol. 14, n. 1, p. 179 – 203, 2020.

SILVA, L. S. A violência simbólica contra a mulher no discurso jornalístico. In: I Simpósio Internacional Discurso, Identidade e Sociedade e III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade, 2012, Campinas. **Dilemas e desafios na contemporaneidade**, 2012.

SIQUEIRA, R; CARDOSO JUNIOR, H. R. O conceito de estigma como processo social: uma aproximação a partir da teoria da literatura norte-americana. **Imagonautas**, v. 2, n. 1, p. 92-113, 2011. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/11449/127032> >.

SOUZA, C. F. Memes: formações discursivas que ecoam no ciberespaço. **Vértices** (Campos dos Goitacazes), v. 15, p. 127-148, 2013.

SOUZA, R. B. Formas de pensar a sociedade: o conceito de *habitus*, campus e violência simbólica em Bourdieu. **Ars Historica**, n. 7, p. 139-151, 2014.

SPOSITO, M. E. B. **Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos (FragUrb)**. São Paulo, Fapesp, 2018 [projeto de pesquisa temático]

SPOSITO, M. E. B; GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

WACQUANT, L. A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada. Sociologia. **Departamento de Sociologia** – Faculdade de Letras/UP, v..XI, Porto, 2006.

Anexo**ROTEIRO - ENTREVISTAS COM CIDADINOS**

Cidade:

Entrevistada/o:

Entrevistador/a/es:

Local de realização da entrevista:

Data:

Horário aproximado:

Gravada () sim () não

Transcrita () sim () não Transcrita por:

Nome do arquivo com a gravação:

Nome do arquivo com a transcrição:

Se houver, outros contatos indicados pelo/a entrevistado/a:

Relatório elaborado por .

- Iniciar a entrevista apresentando rapidamente o objetivo da pesquisa e agradecendo a participação.
- INFORMAR QUE A ENTREVISTA PRECISARÁ SER GRAVADA, mas que a identidade da pessoa será mantida em sigilo. Pedir para a pessoa confirmar que concorda.
- Explicar que o roteiro se compõe de perguntas simples sobre a vida cotidiana da pessoa e que ela deve informar se sentir algum desconforto sobre o que está sendo perguntado.

A – Questões introdutórias

1. Qual sua idade?
2. Qual seu nível de escolaridade?
3. Qual sua faixa de renda familiar aproximada? [em caso de entrevista com segmentos de baixo poder aquisitivo, perguntar: recebe algum auxílio do governo?]
4. Qual sua ocupação?
5. Onde você trabalha/estuda?
6. Descreva sua rotina num dia comum.
7. Houve mudanças em função da pandemia de COVID-19? [mobilidade, trabalho...]

B – Habitação

8. Com quem você mora? Quem são essas pessoas? O que elas fazem? Que idades têm?
9. Em que bairro você mora? Há quanto tempo mora neste bairro?
10. Como é o seu bairro? Descreva.
11. Onde morava antes?
12. A casa em que mora hoje é própria? Financiada? Alugada? Cedida?
13. Como é a sua casa? Descreva.
14. O que significa para você ter conseguido essa casa? [Especialmente se for MCMV]
15. A casa já foi reformada? O que foi reformado?
16. [Caso a resposta anterior tenha sido negativa] Gostaria de reformar?
17. A casa anterior era própria ou alugada?
18. Por que você escolheu este bairro para morar?
19. Do que você gosta no bairro?
20. Do que não gosta?

21. Gostaria de se mudar se pudesse? Por quê? Para qual bairro?
22. Em qual bairro da cidade você não moraria? Por quê?
23. **[Se não comentou]** Como é sua vizinhança?
24. Você tem relações de amizade com os vizinhos?
25. Existe na vizinhança grupo de WhatsApp para compartilhar informações?
26. Existem imigrantes no bairro? Haitianos/venezuelanos/nordestinos?
27. **[Caso a resposta anterior for positiva]** A existência de imigrantes traz problemas/conflitos ao bairro?
28. O que você acha da infraestrutura do bairro?
29. O que as outras pessoas pensam/dizem sobre seu bairro?
30. Você considera o seu bairro inseguro? Por quê?
31. Você adota medidas de segurança na sua casa? Quais?
32. Nas cidades que pesquisamos, temos visto que os condomínios fechados estão em expansão. E aqui? O que acha disso?
33. **[No caso de entrevista em conjunto com MCMV]** E quanto ao fim do MCMV – Faixa 1, qual a sua opinião?
34. Participa de associação de bairro, sindicato, associação de pais na escola, entidade profissional, reuniões de ONGs ou CRAS, audiências públicas... ou alguma outra entidade desse tipo? Por quê?
35. Como e onde vê seu futuro?

C – Lazer

36. Como é o seu lazer? Onde?
37. Qual a frequência das suas atividades de lazer?
38. Tem espaços públicos no bairro em que mora (praças, parques, feiras, pista de caminhada, biblioteca, calçadão etc.)?
39. **[Em caso de resposta positiva]** Você os utiliza? Quais deles? Para quais atividades?
40. **[Em caso de entrevistas com moradores de espaços fechados com áreas de lazer de uso privado]** Você utiliza a área de lazer do seu condomínio? **[Se sim]** Com que frequência? **[Se não]** Por que não?
41. Você sabe se há espaços públicos [fora do seu bairro] na cidade [parques, praças, feiras, pistas de caminhada, bibliotecas etc.]? Quais?
42. Frequenta esses lugares? Por quê?
43. **[Em caso de resposta negativa]** Você gostaria de frequentá-los? Por que não frequenta?
44. Você costuma ficar em casa? Fica muito tempo em casa? Gosta de ficar em casa?
45. Utiliza plataformas da internet para assistir filmes e seriados? Costuma fazer isso sozinho ou acompanhado?
46. **[Em caso positivo]** A existência dessas plataformas para assistir na internet te motiva a sair menos de casa?
47. Você utiliza redes sociais? Quais? Considera isso atividade de lazer?
48. As redes sociais ajudaram a fazer amigos? Você marca encontros com os amigos/parentes pelas redes sociais?
49. **[Caso não tenha sido mencionado]** Costuma ir à igreja/espaço de culto religioso/espiritual? Considera isso uma atividade de lazer?
50. Você se relaciona com as pessoas da igreja/espaço de culto fora do ambiente da igreja?

51. A igreja/espço de culto que você frequenta fica no bairro?
 52. Qual o nome da igreja/espço de culto?

D – Mobilidade

53. Como você se locomove na cidade?
 54. Você vai a algum lugar a pé ou de bicicleta? Por quê?
 55. Utiliza transporte coletivo [lotação/ônibus]? Por quê?
 56. [Em caso de resposta positiva] Você conversa com as pessoas no transporte ou no ponto ou percebe que elas conversam entre nesses ambientes?
 57. Utiliza carro ou moto? Em quais situações?
 58. Utiliza aplicativos como Uber, 99 etc.?
 59. Vai ao centro da cidade?
 60. [Em caso de resposta positiva] Vai fazer o quê no centro? Com que frequência vai ao centro? [No caso de Marabá] qual centro?
 61. [Em caso de resposta negativa] Por que não vai?
 62. Se fosse explicar para alguém que não conhece [nome da cidade], como localizaria o centro e seus limites? [ou, onde fica o centro dessa cidade?]
 63. [Caso tenha havido mudança de endereço] Como a mudança para este bairro afetou os deslocamentos e os usos da cidade?
 64. [Para entrevistas do Quadro 2] Há empregados na sua residência [diaristas, jardineiros etc.]?
 65. [Em caso de resposta positiva] Sabe onde moram e como se locomovem para o trabalho?

E – Consumo

66. Onde faz as compras da semana ou do mês? [Detalhar os nomes dos supermercados, sacolões, feiras etc. e suas localizações]
 67. Onde você compra roupas e sapatos? [Detalhar os nomes das lojas e suas localizações]
 68. [Se não comentou antes] Vai ao shopping center?
 69. [Em caso de resposta positiva] Em qual? Fazer o quê?
 70. Costuma comprar sem sair de casa? Por internet, telefone, aplicativo? Por quê? O que compra?

F – Trabalho

71. [Você mencionou que trabalha com.../estuda] Como se locomove para o trabalho?
 72. Qual o horário de entrada e saída no trabalho?
 73. Quanto tempo leva para ir e voltar do trabalho?
 74. Você costuma voltar para casa na hora do almoço?
 75. Seu emprego possibilita trabalhar em casa? Faz isso com frequência?
 76. Seu trabalho atual é formal ou informal, setor público ou privado?
 77. Você já trabalhou em outras atividades? Quais?

G – Outros temas não contemplados

78. Há quanto tempo mora em [nome da cidade]?
 75. De que lugares você gosta mais em [nome da cidade]?

76. O que você acha que mudou em [nome da cidade] nos últimos [10 ou menos conforme a resposta] anos?
77. [Se não tiver sido mencionado] Você acha essa cidade insegura? Por quê?

- Terminar a entrevista apresentando os agradecimentos, em nome da equipe e CONFIRMAR QUE AUTORIZOU A GRAVAÇÃO DA ENTREVISTA.
- Deixar contato à disposição do/a entrevistado/a para o caso de ele/ela se lembrar de um aspecto ou querer oferecer alguma contribuição adicional.
- Se for o caso, pedir ajuda dele/dela para indicar outra pessoa a ser entrevistada.